

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

BRUNA KARPINSKI

**NEORRURAIS AGROECOLOGISTAS E O DESENVOLVIMENTO RURAL
SUSTENTÁVEL: O CASO DAS PRODUTORAS E DOS PRODUTORES
AGROECOLÓGICOS DA RAMA**

Porto Alegre

2020

BRUNA KARPINSKI

**NEORRURAIS AGROECOLOGISTAS E O DESENVOLVIMENTO RURAL
SUSTENTÁVEL: O CASO DAS PRODUTORAS E DOS PRODUTORES
AGROECOLÓGICOS DA RAMA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daniela Kuhn

Porto Alegre

2020

CIP - Catalogação na Publicação

Karpinski, Bruna

Neorrurais Agroecologistas e o Desenvolvimento Rural Sustentável: o caso das produtoras e dos produtores agroecológicos da RAMA / Bruna Karpinski.

-- 2020.

143 f.

Orientadora: Daniela Kuhn.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Neorrurais. 2. Desenvolvimento rural sustentável. 3. RAMA. 4. Migração urbano-rural. 5. Agroecologia. I. Kuhn, Daniela, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

BRUNA KARPINSKI

**NEORRURAIS AGROECOLOGISTAS E O DESENVOLVIMENTO RURAL
SUSTENTÁVEL: O CASO DAS PRODUTORAS E DOS PRODUTORES
AGROECOLÓGICOS DA RAMA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, 30 de março de 2020.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Daniela Kuhn – orientadora
UFRS

Profa. Dra. Gislene da Silva
UFSC

Prof. Dr. Fabian Scholze Domingues
UFRGS

Prof. Dr. Marcelo Antonio Conterato
UFRGS

AGRADECIMENTOS

É comum ouvir falar sobre o desafio que é concluir o mestrado. Escutei esta história muitas vezes, até que pude vivenciá-la na prática. São inúmeras as dificuldades, que variam conforme a trajetória de cada pessoa. No meu caso, a primeira questão foi o fator tempo, já que ingressei no programa com a intenção de conciliar estudos e trabalho. Faltavam horas no meu dia, mas venci o primeiro semestre dando um passo de cada vez e, aos poucos, percebendo a revolução interna que começava a acontecer.

Preciso agradecer à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) por ter me proporcionado a oportunidade e o acesso ao ensino público e de qualidade. Estar vinculada a esta instituição é a realização de um sonho, sobretudo para quem cursou a graduação na universidade privada. Todo o aprendizado que resultou do convívio com a comunidade acadêmica teve um impacto imensurável na minha formação como cidadã. Foi e está sendo transformador, sou muito grata por isso.

Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR), espaço que conquista a todos que têm o privilégio de passar por ele, e aos amigos que fiz neste ambiente onde pude aperfeiçoar o olhar questionador e o senso crítico. Professores, colegas e funcionários, muito obrigada. Agradeço, ainda, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa que recebi durante sete meses, incentivo este que possibilitou uma transição e viabilizou mudanças que foram de extrema importância para o meu crescimento intelectual, pessoal e profissional.

Muitas pessoas fizeram parte desta jornada e contribuíram, direta ou indiretamente, para que eu pudesse alcançar a “linha de chegada”. Me arrisco a nominar algumas. Em especial, agradeço:

Aos amigos Luis Paulo Vieira Ramos, extensionista rural e chefe do Escritório Municipal da Emater de Porto Alegre, e Warná Frúhauf, extensionista social da Emater, pela ajuda e paciência ao longo de todo o processo de construção desta pesquisa.

À RAMA e aos associados e associadas participantes deste estudo, por me receberem em suas casas e por aceitarem contar suas histórias.

Às amigas e doutorandas Veridiana e Tamires, por compartilharem o ombro e os conhecimentos, fazendo com que o caminho não fosse solitário.

Aos colegas da turma de Mestrado 2018, com quem pude vivenciar muitos momentos felizes e aprender, em especial o amigo chileno José Valência, o Pepo, que me ajudou com

a revisão do resumo desta dissertação na versão em espanhol, e o amigo geógrafo mato-grossense Wellington Nardy, que me ajudou a usar o ArcGis para desenhar um mapa.

À minha orientadora, professora Dani Kuhn, pela orientação criteriosa, e também pelo acolhimento e sensibilidade que tornaram o trajeto mais leve e tranquilo. Ao professor Marcelino, pela contribuição na construção do instrumento de pesquisa.

À Dani Finamor, assessora acadêmica do Programa, por sempre ter uma solução para o que na hora parece impossível resolver. À minha psicóloga Agliani, que acompanhou toda esta caminhada e me fez ver a luz nos momentos mais complexos.

Aos colegas de trabalho e amigos da Afagro, companheiros de lutas, pelas trocas, tanto acadêmicas quanto em relação à conjuntura, afinal, 2019 não foi um ano fácil.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à toda a minha família pela compreensão quando precisei me ausentar para me dedicar às tarefas do mestrado, em especial o meu tio Tuxo, por ter aceitado desbravar a zona rural de Porto Alegre e de Viamão para as saídas de campo mais longínquas, e a minha Mãe, minha companheira em absolutamente todos os momentos de angústia desta travessia, que esteve sempre comigo, me ouvindo e segurando na minha mão a cada dificuldade.

Muito obrigada a todas e todos que de alguma forma contribuíram para esta etapa!

“Não há sentimento mais inseparável do nosso ser que o sentimento da liberdade.”

(Rosa Luxemburgo)

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o perfil socioeconômico dos neorrurais agroecologistas da Associação dos Produtores da Rede Agroecológica Metropolitana (RAMA), bem como as motivações destes atores sociais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável nos municípios de Porto Alegre e Viamão, no Rio Grande do Sul. Nesta dissertação, os neorrurais são definidos como migrantes voluntários de anterior residência urbana que, motivados por insatisfações com a vida na cidade, decidem mudar-se para o rural. A revisão teórica aborda o rural e a relação com o urbano, o conceito de rural como construção social permeado pelo imaginário de quem vive na cidade e a contraurbanização como uma consequência desta percepção. A seguir, é apresentado o referencial teórico sobre as dimensões do desenvolvimento sustentável, bem como a relação do ser humano com a natureza e a agroecologia como alternativa à agricultura dominante. Por fim, são apresentados os neorrurais, o perfil e as motivações destes atores sociais segundo autores que estudam o tema. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa e quantitativa. A metodologia contempla entrevistas semiestruturadas, formulário e escala do tipo Likert. Foram realizadas 17 entrevistas, número correspondente às unidades de produção participantes, totalizando 22 neorrurais entrevistados. Os resultados foram divididos em quatro partes: as duas primeiras descrevem o perfil socioeconômico dos entrevistados e das propriedades; a terceira parte classifica as motivações para a migração urbano-rural nas dimensões ambiental, social e econômica; e a quarta parte analisa as motivações expressas por meio das falas nas entrevistas, de acordo com o referencial teórico – o método utilizado foi a análise temática. Conclui-se que os neorrurais agroecologistas da RAMA são de diversas faixas-etárias, em sua maioria com nível superior. Entre os participantes, as motivações ambientais e sociais são mais relevantes que as econômicas. Em suma, são atores sociais que podem contribuir com o desenvolvimento rural sustentável, além de confirmarem a existência e o crescimento da migração urbano-rural na região metropolitana da Capital.

Palavras-chave: Neorrurais. RAMA. Desenvolvimento rural sustentável. Migração urbano-rural.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo investigar el perfil socioeconómico de los agroecólogos neorrurales de la Asociación de Productores de la Red Agroecológica Metropolitana (RAMA), así como las motivaciones de estos actores sociales en la perspectiva del desarrollo rural sostenible en las ciudades de Porto Alegre y Viamão, en Rio Grande do Sul, en el sur de Brasil. En esta disertación, los neorrurales se definen como migrantes voluntarios de una residencia urbana anterior que, motivados por la insatisfacción con la vida en la ciudad, deciden mudarse al campo. La revisión teórica aborda lo rural y la relación con lo urbano, el concepto de rural como una construcción social impregnada en el imaginario de los que viven en la ciudad y la contraurbanización como consecuencia de esta percepción. Posteriormente, se presenta el referencial teórico sobre las dimensiones del desarrollo sustentable, bien como la relación de los seres humanos con la naturaleza y la agroecología como alternativa a la agricultura dominante. Finalmente, se presentan los neorrurales, el perfil y las motivaciones de estos actores sociales según los autores que estudian el tema. Este estudio contempla tanto los enfoques cualitativo como cuantitativo. La metodología incluye entrevistas semiestructuradas, formularios y escala Likert. Se realizaron 17 entrevistas, correspondientes a las unidades de producción participantes, totalizando 22 neorrurales entrevistados. Los resultados se dividieron en cuatro partes: las dos primeras describen el perfil socioeconómico de los entrevistados y de las propiedades; la tercera parte clasifica las motivaciones para la migración urbano-rural en las dimensiones ambiental, social y económica; y la cuarta parte analiza las motivaciones expresadas a través de los discursos en las entrevistas, de acuerdo con el referencial teórico – el método utilizado fue el análisis temático. Se concluye que los agroecólogos neorrurales de la RAMA son de diferentes grupos etarios, la mayoría con educación superior. Entre los participantes, las motivaciones ambientales y sociales son más relevantes que las económicas. En resumen, son actores sociales que pueden contribuir al desarrollo rural sustentable, además de confirmar la existencia y el crecimiento de la migración urbano-rural en la región metropolitana de la capital.

Palabras-claves: Neorrurales. RAMA. Desarrollo rural sustentable. Migración urbano-rural.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Quadro 1 - Revisão teórica: Debate sobre rural-urbano, construção social e contraurbanização | 50 |
| Quadro 2 - Revisão teórica: Debate sobre desenvolvimento sustentável, desenvolvimento rural sustentável e agroecologia | 51 |
| Quadro 3 - Revisão teórica: Debate sobre neorrurais, migração urbano-rural, perfil e motivações .. | 51 |
| Figura 1 - Mapa mental das unidades de análise da pesquisa | 57 |
| Figura 2 - Zona rural de Porto Alegre e de Viamão, ao sul dos dois municípios..... | 67 |
| Figura 3 - Mapa mental das categorias de análise temática | 69 |
| Figura 4 - Entrevista 01 | 71 |
| Quadro 4 - Resumo das técnicas utilizadas na pesquisa | 70 |
| Figura 5 - Entrevista 02 | 72 |
| Figura 6 - Entrevista 03 | 72 |
| Figura 7 - Entrevista 06 | 73 |
| Figura 8 - Entrevista 07 | 74 |
| Figura 9 - Entrevista 08 | 74 |
| Figura 10 - Entrevista 09 | 75 |
| Figura 11 - Entrevista 11 | 76 |
| Figura 12 - Entrevista 12 | 76 |
| Figura 13 - Entrevista 14 | 77 |
| Figura 14 - Entrevista 15 | 78 |
| Figura 15 - Entrevista 17 | 78 |
| Gráfico 1 - Neorrurais agroecologistas da RAMA quanto ao gênero | 80 |
| Gráfico 2 - Escolaridade dos neorrurais agroecológicos da RAMA..... | 81 |
| Gráfico 3 - UPs participantes com outras fontes de renda além da produção..... | 87 |
| Gráfico 4 - Neorrurais da RAMA já aposentados | 88 |
| Gráfico 5 - UPs participantes que têm a aposentadoria como principal fonte de renda | 89 |
| Gráfico 6 - Participantes que já fizeram a transição urbano-rural completa..... | 90 |
| Gráfico 7 - Período da transição urbano-rural dos participantes..... | 91 |
| Gráfico 8 - Atividades realizadas pelos neorrurais da RAMA nas UPs..... | 94 |
| Gráfico 9 - Ranking das motivações dos neorrurais agroecologistas da RAMA em três dimensões (escala Likert) | 99 |

LISTA DE TABELAS

| | | |
|-------------|---|----|
| Tabela 1 - | Amostra da pesquisa e unidades de análise – variações eventuais que ocorrem de acordo com o contexto e com os dados coletados..... | 56 |
| Tabela 2 - | Agricultores certificados pela RAMA dentro do universo de associados, incluindo fornecedores, colaboradores e agricultores sem a certificação | 65 |
| Tabela 3 - | Total de associados à RAMA por categoria e por município, com foco no detalhamento dos agricultores de Porto Alegre e de Viamão | 66 |
| Tabela 4 - | Faixa-etária dos participantes da pesquisa | 80 |
| Tabela 5 - | Arranjos familiares dos neorrurais da RAMA | 81 |
| Tabela 6 - | Curso de graduação e área de formação dos neorrurais da RAMA | 82 |
| Tabela 7 - | Neorrurais da RAMA que fizeram um ou mais cursos de pós-graduação | 83 |
| Tabela 8 - | Profissões anteriores dos neorrurais da RAMA | 84 |
| Tabela 9 - | Profissões atuais dos neorrurais da RAMA – como se autodenominam..... | 85 |
| Tabela 10 - | Comparativo entre as rendas anterior (profissão urbana) e atual (produção agroecológica) dos neorrurais da RAMA..... | 86 |
| Tabela 11 - | Faixas salariais no emprego anterior dos neorrurais da RAMA e na renda obtida com a comercialização da produção agrícola..... | 86 |
| Tabela 12 - | Vínculo empregatício na ocupação anterior dos neorrurais da RAMA | 87 |
| Tabela 13 - | Tempo de aposentadoria dos neorrurais da RAMA | 88 |
| Tabela 14 - | Trajetórias dos neorrurais da RAMA quanto ao município/estado..... | 92 |
| Tabela 15 - | Naturalidade dos neorrurais agroecológicos da RAMA | 92 |
| Tabela 16 - | Participantes da pesquisa com familiares agricultores..... | 92 |
| Tabela 17 - | Período da migração anterior do rural para o urbano..... | 93 |
| Tabela 18 - | Tamanho da área total, preservada e plantada dos neorrurais da RAMA | 95 |
| Tabela 19 - | Unidades de produção com área total acima e abaixo da média de 9,2 ha | 96 |
| Tabela 20 - | Área média dos estabelecimentos agropecuários: Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Viamão e RAMA..... | 96 |
| Tabela 21 - | Tipos de atividades agrícolas realizadas pelos neorrurais da RAMA em ordem de importância econômica..... | 97 |
| Tabela 22 - | Tipos de produção das UPs dos participantes da pesquisa | 97 |
| Tabela 23 - | Canais de comercialização dos itens produzidos pelos participantes | 98 |
| Tabela 24 - | Motivações ambientais dos neorrurais da RAMA por média | 99 |

| | |
|---|-----|
| Tabela 25 - Motivações sociais dos neorrurais da RAMA por média | 100 |
| Tabela 26 - Motivações econômicas dos neorrurais da RAMA por média | 101 |
| Tabela 27 - Ranking geral das motivações dos neorrurais da RAMA por média | 102 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|---|
| Agapan | Associação Gaúcha de Proteção ao Meio Ambiente Natural |
| APEL | Associação de Produtores Ecologistas do Lami |
| Apresul | Associação dos Produtores Rurais Ecológicos da Zona Sul |
| AT | análise temática |
| CAD | Centro Agrícola Demonstrativo |
| CONDRAF | Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável |
| DRS | desenvolvimento rural sustentável |
| EMATER | Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do RS |
| FUNAI | Fundação Nacional do Índio |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| INRA | Instituto Nacional Francês de Pesquisa Agrícola |
| MAPA | Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento |
| MDA | Ministério do Desenvolvimento Agrário |
| MST | Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra |
| OCDE | Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico |
| OCS | Organização de Controle Social |
| OPAC | Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade Orgânica |
| POA | Porto Alegre |
| RAMA | Associação dos Produtores da Rede Agroecológica Metropolitana |
| RSRio | Grande do Sul |
| SPG | Sistema Participativo de Garantia |
| WWOOF | World-Wide Opportunities on Organic Farms |

APRESENTAÇÃO – A PERSPECTIVA DE QUEM ESCREVE

Minha liberdade é escrever. A palavra é meu domínio sobre o mundo.

(Clarice Lispector)

A perspectiva que se tem do lugar onde se está influencia no caminho a ser percorrido e no olhar sobre um fenômeno a ser estudado. Para que o leitor possa compreender como nasceu esta pesquisa, apresento, mesmo que brevemente, a trajetória de vida pessoal e profissional de quem escreve, pois estas se relacionam, em alguma medida, com a experiência empírica. Portanto, peço licença para escrever em primeira pessoa para que o relato seja o mais fiel possível ao sentimento.

Pode-se dizer que este estudo teve início no momento em que a minha jornada enquanto jornalista me levou até o rural. Ao mergulhar neste universo, carregava uma bagagem mínima de conhecimento específico. Entretanto, a afinidade com as pautas ligadas à agricultura e às pessoas que tiram da terra o sustento foi imediata. Esta identificação me permitiu seguir em frente sempre com entusiasmo, apesar das dificuldades iniciais com as quais me deparei devido à amplitude desta área que, todos os dias, me permite aprender.

Era 2013 quando descobri este "novo mundo", na função de repórter rural do mais antigo jornal do Rio Grande do Sul (RS) em atividade – o Correio do Povo. Foi lá, por meio do jornalismo diário, que dei os primeiros passos nesta direção. Por um tempo acreditei que esta trajetória fosse obra do acaso. Hoje, prefiro denominar de encontro. São vivências que me proporcionaram oportunidades e aprendizados que provocaram transformações que mudaram o rumo da minha vida em diversos sentidos.

Mais tarde, em 2016, trabalhei como repórter *freelancer* do caderno Campo e Lavoura do jornal Zero Hora, onde fiz reportagem sobre três jovens – um casal e um rapaz solteiro – que deixaram emprego e moradia na cidade para viver e trabalhar no rural. Foi a primeira vez que tive contato com o conceito de neorrurais. Conversar com estas pessoas e compartilhar as suas histórias fez meus olhos brilharem. Diferente de outros trabalhos jornalísticos na área rural, desta vez eu conseguia me enxergar dentro daquele contexto.

Para contextualizar esta identificação, preciso voltar um pouco mais no tempo e explicar de que forma o jornalismo rural me permitiu resgatar sentimentos ancestrais que me conduziram até esta pesquisa. Nasci e cresci na cidade, em Arroio dos Ratos, mas até os onze anos de idade pude vivenciar o rural nos finais de semana. Em uma pequena área, em

Eldorado do Sul, meus avós maternos produziam alimentos para consumo e vendiam o excedente. Meu avô também era apicultor – as caixas de abelha ficavam em área arrendada.

Em função da idade – na época, já tinham mais de 60 anos – e também da falta de segurança, nos anos de 1990 meus avós deixaram o rural e foram morar na cidade, onde continuaram plantando, fazendo agricultura urbana, enquanto a saúde assim lhes permitiu. A produção de mel foi mantida por alguns anos.

Ingressar no jornalismo rural foi uma espécie de reencontro com algo que estava adormecido. E este despertar me deixou muito motivada a entender mais sobre aquela realidade. Entretanto, com o passar do tempo, algumas questões relacionadas às práticas do jornalismo rural passaram a me trazer questionamentos. A pauta diária é norteadas, predominantemente, pelos temas de relevância econômica, ou seja, as questões sociais e ambientais geralmente ficam em segundo plano. Na rotina jornalística, é restrito o espaço para abordagens que façam contraponto à agricultura hegemônica.

As pautas “fora da curva” – os cultivos de menor escala, os sistemas alternativos de produção ou as histórias de pessoas em posições não privilegiadas – sempre tiveram a minha preferência. Certa vez, ao fazer reportagem sobre agricultura biodinâmica, conversando pessoalmente com a fonte sobre este assunto, utilizei o termo “agricultura convencional”. Averso ao conceito, o estudioso me respondeu: “convencional pra quem?”, questionando o significado da palavra, já que, para ele, a agricultura hegemônica não era, de forma alguma, uma convenção. Jamais esqueci.

Este processo de tomada de consciência me conduziu ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS) em 2017, como aluna especial. Ao ingressar no mestrado, em 2018, me deparei com um universo de possibilidades e muitas coisas ganharam novos sentidos e até novos rumos. Vejo esta etapa como uma espécie de resgate da minha essência, que tem algumas raízes nos momentos vivenciados no espaço rural durante a infância.

Penso que esta breve perspectiva – um tanto quanto nostálgica, somada ao sentimento de insatisfação com as condições de vida na cidade, são informações relevantes para que o leitor possa compreender o caminho que fiz para chegar a esta pesquisa.

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 16 |
| 1.1 | JUSTIFICATIVA..... | 18 |
| 1.2 | PROBLEMA DE PESQUISA..... | 20 |
| 1.3 | OBJETIVO GERAL..... | 20 |
| 1.4 | OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 20 |
| 2 | REVISÃO TEÓRICA | 21 |
| 2.1 | O RURAL E A RELAÇÃO COM O URBANO | 21 |
| 2.2 | CONSTRUÇÃO SOCIAL, IMAGINÁRIO E CONTRAURBANIZAÇÃO..... | 25 |
| 2.3 | DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, SER HUMANO E NATUREZA.... | 29 |
| 2.4 | AGROECOLOGIA COMO ALTERNATIVA AO PADRÃO DOMINANTE.... | 33 |
| 2.5 | OS NOVOS HABITANTES DO CAMPO | 38 |
| 2.6 | PERFIL E MOTIVAÇÕES DOS NEORRURAIS | 44 |
| 3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 52 |
| 3.1 | ABORDAGEM E TIPO DE PESQUISA | 53 |
| 3.2 | LOCAL DO ESTUDO, AMOSTRA e unidades de análise..... | 54 |
| 3.3 | TÉCNICAS DE PESQUISA | 57 |
| 3.4 | OBJETO DE ESTUDO | 59 |
| 3.4.1 | Pioneiros na produção orgânica na região metropolitana..... | 60 |
| 3.4.2 | A fundação da RAMA e seus associados | 62 |
| 3.4.3 | A RAMA atualmente e o contexto local | 65 |
| 3.4.4 | A zona rural de Porto Alegre e de Viamão | 66 |
| 3.5 | PRODUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS..... | 68 |
| 3.6 | QUEM SÃO OS ENTREVISTADOS | 70 |
| 4 | ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS | 79 |
| 4.1 | PERFIL DOS NEORRURAIS AGROECOLOGISTAS DA RAMA..... | 79 |
| 4.1.1 | Escolaridade e formação dos participantes..... | 81 |
| 4.1.2 | Profissões anteriores e ocupação atual | 83 |
| 4.1.3 | Renda dos entrevistados | 85 |
| 4.1.4 | A aposentadoria e a transição para o rural | 89 |
| 4.1.5 | Tendência de crescimento..... | 90 |
| 4.1.6 | Origens e deslocamentos | 91 |

| | | |
|-------|---|-----|
| 4.2 | PERFIL DAS UNIDADES DE PRODUÇÃO..... | 94 |
| 4.2.1 | Posse da terra..... | 94 |
| 4.2.2 | A produção e o destino..... | 96 |
| 4.3 | CLASSIFICAÇÃO DAS MOTIVAÇÕES | 98 |
| 4.3.1 | Motivações Ambientais | 99 |
| 4.3.2 | Motivações Sociais..... | 100 |
| 4.3.3 | Motivações Econômicas | 101 |
| 4.3.4 | Ranking geral por média | 102 |
| 4.4 | ANÁLISE DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS..... | 103 |
| 4.4.1 | Dimensão Ambiental | 103 |
| 4.4.2 | Dimensão Social..... | 110 |
| 4.4.3 | Dimensão Econômica | 116 |
| 4.4.4 | Memórias, olhares e desafios..... | 119 |
| 5 | REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 123 |
| | REFERÊNCIAS | 128 |
| | APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... | 136 |
| | APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE PESQUISA..... | 137 |

1 INTRODUÇÃO

A vida nos grandes centros urbanos passou por muitas transformações nas últimas décadas. Uma delas é a crescente urbanização das cidades, que tem provocado mudanças na rotina e no modo de viver dos indivíduos. Neste contexto, é importante considerar as consequências do rápido crescimento da população e da super-urbanização, conceito abordado por Paul Singer (2012). “O crescimento acelerado das metrópoles em países não desenvolvidos acentuou e tornou mais perceptível uma série de desequilíbrios” (SINGER, 2012, p. 117).

Como problemática urbana, o autor cita a escassez de habitações, a saturação das vias de tráfego, a insuficiência dos serviços básicos como abastecimento de água encanada e esgoto, a falta de vagas nas escolas, além do aumento do desemprego, da delinquência, da incidência de moléstias mentais e da poluição. Segundo Singer (2012), os impactos da falta de planejamento e de infraestrutura são sentidos no dia a dia conturbado das capitais ou municípios mais populosos. E este cenário motiva um processo de busca genuína por simplicidade e qualidade de vida.

É um movimento de concentração-dispersão – do qual falou Milton Santos (1993) há quase 30 anos – próprio da dinâmica territorial em todos os tempos e que ganha expressões particulares em determinados períodos. “Com a diferença de grau e de intensidade, todas as cidades brasileiras exibem problemáticas parecidas” (SANTOS, 1993, p. 95). Na época, o autor também mencionou problemas como o do emprego, da habitação, dos transportes, do lazer, da água, da ausência ou insuficiência de saneamento básico, da educação e da saúde.

Santos (1993) avaliou que, nas cidades maiores, as mazelas se tornam ainda mais visíveis. Segundo o autor, “[...] a organização interna das nossas cidades, grandes, pequenas e médias, revela um problema estrutural, cuja análise sistêmica permite verificar como todos os fatores mutuamente se causam, perpetuando a problemática” (SANTOS, 1993, p. 97). É neste contexto que esta tendência à dispersão, avalia o autor, começa a se impor. Sobretudo para aqueles indivíduos que problematizam os impactos destas questões no seu dia a dia e percebem os prejuízos deste cenário urbano.

Em uma perspectiva mais contemporânea, a contraurbanização é um conceito utilizado por diversos autores, entre eles Kageyama (2008), para definir o movimento de abandono da moradia e do trabalho na cidade e “repovoamento do campo”. De acordo com

a autora, “[...] nesse novo contexto o rural não é mais identificado com o atraso, mas, ao contrário, suas características passam a ser valorizadas como qualidades para residência, repouso e redescoberta de valores naturais” (KAGEYAMA, 2008, p. 27).

Há pouco mais de uma década, a autora descreveu que estes “novos residentes rurais” são “[...] pessoas de classe média em busca de um lugar para morar no campo embora seus vínculos econômicos estejam nas cidades [...]” (KAGEYAMA, 2008, p. 31). Segundo a pesquisadora, o espaço rural passa a ser construído por diferentes grupos, ideia que vai ao encontro do conceito de rural como construção social.

A valorização do meio rural por estratos sociais urbanos, atribuindo-lhe qualidades positivas como recreação, lazer, moradia e proteção ambiental, por exemplo, gera uma representação do espaço rural que pode até mesmo vir a concorrer com a representação que a população ali já existente tem de sua própria ruralidade (KAGEYAMA, 2008, p. 29).

A autora chama a atenção para os recentes padrões de diferenciação do chamado rural, e um deles diz respeito ao processo de mudanças no uso da terra, mercado atualmente orientado para diferentes setores de produção e consumo – agricultura, preservação ambiental, habitação, lazer, turismo. Em segundo lugar, Kageyama (2008, p.31) cita que esta concepção do rural possibilita a percepção do campo como um ambiente propício para novas atitudes sociais.

E é a partir deste despertar que os neorrurais – conceito que surgiu na França, no final da década de 1960 – ganham evidência. No Brasil, enquanto muitas pessoas ainda abandonam o campo à procura de oportunidades nos grandes centros urbanos, engrossando a migração rural-urbano, outras começam a fazer o caminho inverso: deixam a vida e/ou o trabalho nas capitais ou cidades de regiões metropolitanas em direção às áreas rurais. Entretanto, este fluxo tem dimensões ainda pouco conhecidas no país.

Nesta perspectiva emerge o tema da presente pesquisa, que abordará os neorrurais agroecologistas e o desenvolvimento rural sustentável. Trata-se de um estudo de caso dos produtores e produtoras agroecológicas da Associação dos Produtores da Rede Agroecológica Metropolitana (RAMA) nos municípios de Porto Alegre e Viamão, no Rio Grande do Sul. Na hipótese inicial desta pesquisa, este fluxo é formado por pessoas que buscam no campo uma alternativa de vida que combine maior contato com a natureza, liberdade, qualidade de vida e geração de renda.

1.1 JUSTIFICATIVA

É latente a necessidade de se entender as mudanças e a diversidade da população rural. Os movimentos de redistribuição demográfica, o perfil dos indivíduos e as motivações de cada integrante parecem ser capazes de produzir novas formas de relações rural-urbano que poderão contribuir positivamente para o desenvolvimento rural sustentável. Tal temática tem inspirado discussões pelo mundo afora na atualidade. O Congresso da Sociedade Europeia de Sociologia Rural – ESRS2019, que ocorreu em junho de 2019, na Noruega, teve grupo de trabalho (GT) específico para debater a contraurbanização.

Outro indício da importância do tema é que a palavra neorrurais é um dos 52 verbetes que compõe o livro *Descrescimento - Vocabulário para um novo mundo*¹. A obra é uma espécie de dicionário que apresenta reflexões críticas à ideia do crescimento e do desenvolvimento por meio de conceitos como bem viver, ecologia política, economia feminista, hortas urbanas e justiça ambiental, entre muitos outros que sugerem alternativas e contrapontos às práticas hegemônicas.

No Brasil, a literatura específica sobre neorrurais é escassa. Conforme relatado na apresentação, o interesse por investigar o perfil e as motivações sociais, econômicas e ambientais das pessoas que resolvem deixar a vida na cidade e transferir moradia e/ou trabalho para áreas rurais surgiu a partir de reportagem realizada pela autora deste projeto. Durante o processo de apuração das informações, foi possível perceber a insuficiência de dados sobre os neorrurais devido à quase ausência de estudos sobre o tema. Nesta perspectiva, outra justificativa para o desenvolvimento desta pesquisa é o interesse pessoal em investigar e entender quem são estas pessoas que fazem parte do movimento e o que as instiga a sair do urbano para o rural.

Carneiro (1998) recorda que o movimento de procura do campo por pessoas vindas da cidade começou de forma tímida, no Brasil, na década de 1970. Com o fortalecimento do pensamento ambientalista, na década de 1990, o fluxo do urbano para o rural encontrou legitimidade, promovendo uma “maior aproximação e integração de sistemas culturais distintos”. Neste momento, “[...] novos valores sustentam a procura da proximidade com a natureza e com a vida no campo”. Segundo Carneiro (1998),

¹ Organizado por Giacomo D’alisa, Federico Demaria e Giorgos Kallis, traduzido do inglês para o português em 2016.

A sociedade fundada na aceleração do ritmo da industrialização é questionada pela degradação das condições de vida nos grandes centros. O contato com a natureza é, então realçado por um sistema de valores alternativos, neorruralista e antiprodutivista. O ar puro, a simplicidade da vida e a natureza são vistos como elementos “purificadores” do corpo e do espírito poluídos pela sociedade industrial (CARNEIRO, 1998, p. 57).

Na segunda metade da década de 1990, observaram Del Grossi, Graziano da Silva e Campanhola (2001), houve uma retomada do crescimento do número de residentes nas áreas consideradas exclusivamente rurais, onde predominam as explorações agropecuárias. “O êxodo rural perdeu força e a população rural voltou a crescer, o que não ocorria desde 1970” (DEL GROSSI; GRAZIANO DA SILVA; CAMPANHOLA, 2001, p. 2). O crescimento da população inativa residente em áreas rurais, em particular os aposentados, figura entre as explicações apontadas pelos autores.

Entretanto, estudos mais recentes apontam para “[...] um acelerado processo de redução da população rural brasileira” (MAIA; BUAINAIN, 2015, p. 2). Segundo os autores, entre 1970 e 2010, a participação rural caiu de 44% para 15,6%. Esta dinâmica demográfica indica uma tendência de continuidade no esvaziamento do rural brasileiro, mesmo que em ritmo mais ameno na atualidade, se comparado à redução mais acelerada nos anos 1990.

Os dados em questão evidenciam a velocidade do processo de urbanização no país. “O que se observou nas últimas décadas foi que, nos centros urbanos, a falta de um planejamento adequado gerou grandes aglomerados populacionais, caóticos em provisão de infraestrutura e qualidade de vida” (MAIA; BUAINAIN, 2015, p. 2). Entre os resultados está a redução da família, inclusive a rural (casais com menos filhos), e a expansão das famílias formadas por indivíduos sozinhos ou por casais sem filhos, na cidade e no campo (MAIA; BUAINAIN, 2015, p. 4). Neste contexto, também verificou-se o aumento do número de domicílios rurais.

Nesta perspectiva, torna-se importante saber mais sobre o perfil socioeconômico dos neorrurais e entender quais são as motivações das pessoas que fazem o trajeto no sentido oposto – do urbano para o rural. Assim, outras áreas de conhecimento poderão dialogar com os resultados deste estudo, entre elas a sociologia, a economia, a geografia e o urbanismo. Um estudo sobre o perfil e as motivações dos neorrurais também é relevante na medida em que estas informações poderão contribuir para a elaboração de políticas públicas. Na sequência, são apresentados o problema e os objetivos de pesquisa.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

A intenção deste estudo é abordar a temática dos neorrurais e o desenvolvimento rural sustentável. Neste sentido, a presente investigação é norteada pelo seguinte problema de pesquisa: qual é o perfil socioeconômico dos neorrurais agroecologistas da RAMA e quais são as motivações ambientais, sociais e econômicas que levam à migração urbano-rural?

1.3 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral desta pesquisa é investigar quem são e o que motiva os neorrurais agroecologistas da RAMA na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) descrever o perfil socioeconômico dos neorrurais agroecologistas da RAMA e das unidades de produção;
- b) classificar as motivações para a migração urbano-rural na dimensão ambiental, social e econômica;
- c) analisar as motivações expressas por meio das falas nas entrevistas, de acordo com o referencial teórico sobre o desenvolvimento rural sustentável.

Após apresentar a justificativa, o problema e os objetivos desta pesquisa, será apresentada a revisão teórica sobre o tema. Na primeira parte, este capítulo contempla as definições de rural e a relação com o urbano, a conceituação do rural como construção social e a contraurbanização. Na sequência, são abordadas as dimensões do desenvolvimento rural sustentável, a relação do homem com a natureza e a agroecologia como alternativa à agricultura hegemônica. Por fim, são apresentados os neorrurais, as suas características e motivações para a migração urbano-rural, bem como o potencial destes atores sociais para promover mudanças no campo.

2 REVISÃO TEÓRICA

Neste capítulo, será apresentada a revisão teórica em seis partes. As primeiras seções definem o que é rural e a relação com o urbano e abordam o rural como construção social e a contraurbanização. A seguir, é apresentado o conceito de desenvolvimento sustentável e a relação do homem com a natureza para então dar continuidade com um breve histórico sobre a agricultura alternativa ou sustentável. Na sequência, é feita abordagem sobre a agroecologia como ferramenta para impulsionar o desenvolvimento rural sustentável. Por fim, são abordados os neorrurais e o seu potencial de transformação social, bem como o perfil e as motivações dos novos habitantes do campo segundo a literatura.

2.1 O RURAL E A RELAÇÃO COM O URBANO

Definir o que é rural e o que é urbano é um debate que, embora ocorra há quase cem anos, se mantém contemporâneo, sobretudo em função da recente e crescente valorização das regiões interioranas devido a fatores como a biodiversidade e o patrimônio paisagístico. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2017), a discussão conceitual em torno da delimitação das dimensões rural e urbana ocorre desde os anos 1930 até os dias atuais. Entretanto, a legislação vigente é a mesma há 81 anos. O marco legal da diferenciação entre espaços rurais e urbanos no Brasil é o Decreto Lei nº 311, de 2 de março de 1938, que dispõe sobre a divisão territorial do país.

Conforme explica publicação¹ recente do IBGE sobre a classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos no Brasil, “[...] a partir do citado decreto, todos os distritos-sede de municípios passaram a ser classificados como cidades, enquanto as vilas seriam todas as sedes de distritos. Tudo o que estivesse fora deste enquadramento corresponderia ao rural” (IBGE, 2017, p. 37). Sobre a caracterização, a mesma publicação detalha que as áreas rurais fazem uso rústico do solo, além de ter grandes extensões de terra e baixa densidade habitacional, incluindo campos, florestas, lavouras e pastos.

Nas palavras de Maria de Nazareth Baudel Wanderley (2003), a distinção adotada pelo IBGE considera urbana toda sede municipal, independentemente do número de

¹ A publicação Classificação e Caracterização dos Espaços Rurais e Urbanos do Brasil - Uma Primeira Aproximação, do IBGE (2017), reúne elementos históricos e contemporâneos sobre o tema e, ao reconhecer a dificuldade de estabelecer definições, propõe uma nova classificação para o Censo Demográfico 2020.

habitantes, sendo rural o espaço existente em torno deste núcleo. “A adoção desta concepção tende a superdimensionar o que é urbano no país e, conseqüentemente, o processo de urbanização da sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que tende a desqualificar e anular a importância do rural” (WANDERLEY, 2003, p. 1).

A conceituação legal vigente mostra que, na prática, o rural é delimitado por exclusão em relação à área urbana, sendo uma definição residual, ou seja, uma população é rural quando não é urbana. O próprio IBGE (2017) reconhece que a definição político-administrativa utilizada para identificar áreas urbanas e rurais permanece sendo alvo de críticas de estudiosos que contestam a concepção do espaço rural como resíduo do urbano por favorecer estratégias que privilegiam os espaços urbanos.

No livro *Cidades Imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula*, José Eli da Veiga (2003) afirma: o mundo urbano no Brasil é menor do que o IBGE aponta. O autor questiona o olhar hegemônico que enxerga a sociedade brasileira a partir das zonas urbanas e considera o rural um resíduo, e define com obsoleta a metodologia oficial. Além do Brasil, ressalta Veiga, somente outros quatro países – El Salvador, Equador, Guatemala e República Dominicana – mantêm esta forma de divisão entre espaços urbano e rural, considerando urbanos os habitantes de qualquer sede municipal.

Veiga (2003) defende uma nova classificação que leve em conta o critério da densidade demográfica, como a que é utilizada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que utiliza parâmetro de 150 habitantes por quilômetro quadrado para considerar uma localidade urbana. Segundo o autor, 70% dos municípios brasileiros têm densidade demográfica inferior a 40 habitantes por quilômetro quadrado. “Por este critério, apenas 411 dos 5.507 municípios brasileiros existentes em 2000 seriam considerados urbanos” (VEIGA, 2003, p. 65)

Wanderley (2003) ressalta que o “mundo rural” não pode ser associado, sem distinção, a espaços degradados, atrasados e vazios, já que é heterogêneo e portador, em várias regiões, de expressivo dinamismo demográfico. “É preciso assumir que o ‘rural’ é uma qualidade, que decorre de sua dupla face, simultaneamente natural e social, visto que o ‘rural’ se define, precisamente pelo predomínio dos espaços naturais e pelas relações sociais específicas, baseadas nos pequenos grupos” (WANDERLEY, 2003, p. 2).

Na área acadêmica, o debate sobre o campo e a cidade² permite inúmeras interpretações e abordagens. A diferenciação rural-urbano tem duas linhas teóricas: a dicotomia e o *continuum*.

A dicotomia rural-urbano desafia a definição de um conceito e até mesmo a reflexão sobre estes dois ambientes tão distintos e, ao mesmo tempo, interligados. Mingione e Pugliese (1987) evidenciam a importância de repensar, corrigir e até mesmo dissolver a utilização do conceito dicotômico. Segundo os autores europeus, “[...] podemos afirmar que as fronteiras entre o rural e o urbano sempre foram mal definidas e que, por isso, a representação clássica baseada na dicotomia contribuiu, de fato, para ocultar fenômenos sociológicos relevantes” (MINGIONE; PUGLIESE, 1987, p. 86).

O conceito de *continuum* rural-urbano foi uma reação à dicotomia com a intenção de considerar os entrelaçamentos e sobreposições, sendo esta uma abordagem que remonta a década de 1930 e se intensificou na década de 1960. Esta perspectiva, apesar de promover uma reflexão sobre o reconhecimento da existência de zonas de transição, também apresenta divergências, já que os conceitos e a definição para as categorias cidade, campo, rural e urbano tendem a variar de acordo com a área de conhecimento (IBGE, 2017). Este é um debate que possibilita perceber a necessidade de entender o rural e o urbano em sua diversidade.

Considerando as noções em disputa, em um contexto europeu, Torre e Wallet (2016), pesquisadores do Instituto Nacional Francês de Pesquisa Agrícola (INRA), abordam duas definições principais de rural. A primeira é quando o termo é usado para referir-se à paisagem. Neste caso, o foco é o uso da terra ou questões ligadas à natureza. A outra definição está ligada à população, quando o foco são as pessoas – número de habitantes, emprego e fonte de renda. Muitas vezes, ressaltam os autores, estas definições se sobrepõem, se combinam ou se opõem. Às vezes, ressaltam Torre e Wallet (2016), as áreas rurais recebem uma definição negativa, ou seja, são tratadas como uma categoria remanescente de áreas não urbanas – como ocorre no Brasil. Em outras palavras, tudo que não é urbano é considerado rural.

A caracterização de uma área rural é tradicionalmente baseada em critérios morfológicos: baixa densidade populacional, edifícios com distribuição irregular e escassa, presença de atividades agrícolas, etc. No entanto, essa definição inclui um leque diversificado de áreas, como o campo próximo das cidades, espaços naturais ou de lazer, ou áreas mais distantes, despovoadas ou desfavorecidas. É

² Nesta pesquisa, as palavras rural e campo são usadas como sinônimos, assim como as palavras urbano e cidade.

por essa razão que o conceito de “rural” permanece vago e é frequentemente tratado residualmente (TORRE; WALLET, 2016, p. 18, tradução nossa³).

Outra questão a ser observada é que as atividades econômicas desenvolvidas nas áreas rurais, tradicionalmente vinculadas à agricultura, passaram por grandes transformações. Em contrapartida, segundo Torre e Wallet (2016), também percebemos a ruralidade e a agricultura chegando à cidade. E este movimento nos dois sentidos aproxima rural e urbano. Nesta perspectiva, assim como as comunidades urbanas, as áreas rurais estão se tornando mais complexas e mais fragmentadas do que no passado.

Na visão de Torre e Wallet (2016), a ruralidade como uma construção social na qual a dimensão cultural – valores sociais, culturais e morais associados às áreas rurais e à vida rural em geral – ganha ênfase. Esta percepção contribui para a transformação do rural que, após um longo período de despovoamento, parece ganhar novos olhares. Os autores pontuam que as áreas rurais perderam sua uniformidade e hoje tornaram-se híbridas, abrigando um *mix* de diferentes atividades entre serviços, indústria e produção agrícola. Este novo cenário promove um dinamismo que pode favorecer o desenvolvimento rural.

Torre e Wallet (2016) recordam que, em 1950, apenas 30% da população mundial era urbana e ressaltam que, para 2050, a projeção é que 66% da população do mundo estará nas cidades. Segundo os autores, no ano da publicação do artigo, a população rural global estava em torno de 3,4 bilhões, número este que deverá diminuir para 3,2 bilhões até 2050. Contudo, os pesquisadores destacam que, pelo mundo afora, existem inúmeras definições do que é urbano e, portanto, do que é rural. Citam como exemplo que, em alguns países, uma cidade é considerada rural se tiver população inferior a 10 mil habitantes, enquanto em outros lugares uma cidade é rural se tiver menos habitantes ou, ainda, consideram rural todas as áreas situadas fora da capital. Portanto, alertam Torre e Wallet (2016), estas definições divergentes entre o que é rural e o que é urbano implicam na ambiguidade destes levantamentos.

Nesta dissertação, será utilizado o conceito de rural como construção social que dialoga em maior sincronia com o tema escolhido. Para dar continuidade, abordamos o rural

³“The characterization of a rural area is traditionally based on morphological criteria: low population density, irregularly and sparsely distributed buildings, the presence of farming activities, etc. Yet this definition includes a diverse range of áreas, such as countryside close to cities, natural or recreational spaces, or more distant, depopulated or disadvantaged áreas. It is for this reason that the concept of “rural” remains vague and is often treated residually.”

como construção social para compreender a preferência pelo campo frente à crescente urbanização das cidades.

2.2 CONSTRUÇÃO SOCIAL, IMAGINÁRIO E CONTRAURBANIZAÇÃO

No contexto da crescente urbanização, há espaço para pensar em ruralidades e refletir sobre o que é rural em uma sociedade urbanizada. Enquanto alguns estudiosos definem o rural como uma localidade sociogeográfica, outros enxergam o rural como uma construção social.

Para Brown e Schafft (2011), que estudam a América rural, é preciso traçar um contraste entre o entendimento puramente material do rural, baseado em aspectos físicos como espaço, características geográficas e densidade populacional, e um “conceito desmaterializado”, que insere o rural dentro do reino da imaginação em vez de identificar fatores sociais, demográficos, ambientais e econômicos. Segundo estes autores, ruralidade pode ser um conceito percebido como um estado de espírito socialmente construído, de modo que os lugares são rurais não pelas suas características físicas, mas porque as pessoas que lá vivem se consideram rurais em relação a um conjunto de aspectos sociais, morais e valores culturais.

Méndez Sastoque (2012), autor colombiano que estuda neorrurais, assinala que estas construções são compostas de imagens materiais ou corporais e de noções abstratas e simbólicas que, juntas, relacionam aparências e experiências para chegar a uma construção social do que é o rural. Neste contexto, o espaço rural não é formado por características tangíveis, como a paisagem predominantemente agrícola ou o número de habitantes, por exemplo, mas sim pela afinidade com imagens que só podem existir na consciência de quem as recriam.

Segundo o autor, o distanciamento ajudaria a criar estas diferenças, sejam elas reais ou imaginárias, entre o campo e a cidade. E a imaginação seria a fonte de inspiração que sustenta essa construção dos mitos do lugar: beleza, paz e harmonia, contato com a natureza, tranquilidade e ar puro, entre outros. Para Méndez Sastoque (2012), o rural como representação social remete a uma multiplicidade de imagens, símbolos e significados criados e utilizados pelos atores sociais para conferir sentido às suas vivências. Esta visão é norteada, entre outros fatores, pelo ideal de construção de um novo modelo de sociedade,

fundamentada em valores que sustentam a representação deste modo de vida rural concebido previamente.

Uma das representações mais significativas tem a ver com associar o modo de vida rural com o compromisso de preservar os recursos naturais disponíveis, atitude que reforça a concepção do rural como um espaço digno de conservação e da vida rural como opção por um maior contato com a terra, a água, o ar puro e a fauna (MÉNDEZ SASTOQUE, 2012, p. 118, tradução nossa⁴).

Nesta perspectiva em que o rural é uma construção social, também contribui a percepção de uma paisagem idealizada ou idílica, conforme Brown e Schafft (2011). Considerando a dimensão sociocultural de lugar, existe a percepção de que “[...] as comunidades rurais são mais propensas a serem caracterizadas por relações pessoais mais próximas” (BROWN; SCHAFFT, 2011, p. 7). No contexto europeu, Nørgaard e Andersen (2012), também falam no idílio rural que atrai as pessoas que buscam um ambiente calmo, amigável e seguro, com base em impressões nostálgicas.

No Brasil, há espaço para perceber o imaginário que idealiza de forma simbólica a vida no campo. Gislene Silva (2009) assinala que muitos estudos abordam as carências que provocam a migração da área rural para os centros urbanos e o fascínio que a cidade exerce ao responder às necessidades humanas como trabalho, educação, saúde, cultura e lazer. Entretanto, considera a autora, “[...] pouco se interroga sobre o encantamento que o universo rural exerce sobre as populações urbanas, principalmente nos habitantes das grandes metrópoles” (SILVA, 2009).

Ao pesquisar *O imaginário rural do leitor urbano: o sonho mítico da casa no campo*⁵, em estudo realizado junto aos leitores da revista *Globo Rural*, Silva (2009) avalia que o movimento de “fuga” da cidade tem como foco principal “[...] transformar o descontentamento com o presente em cenários esperançosos de futuro” para os moradores urbanos. Segundo a autora, o leitor que sonha com a casa no campo está dizendo “eu não quero a violência”, “eu não quero engarrafamentos de trânsito” e “eu não quero nem o ar nem o rio poluídos” (SILVA, 2009). Ao demonstrarem sensibilidade e desejo de

⁴ “Una de las representaciones más significativas tiene que ver con asociar el modo de vida rural con el compromiso de preservar los recursos naturales disponibles, actitud que refuerza la concepción de lo rural como un espacio digno de conservación y la de vida rural como opción por un mayor contacto con la tierra, el agua, el aire puro y la fauna.”

⁵ Artigo publicado na revista *Brazilian Journalism Research (BJR)*, da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). O trabalho foi produzido a partir de tese de doutorado em Ciências Sociais/Antropologia na PUC-SP, que também resultou em livro com o mesmo título. Artigo disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/200/199>

proximidade do mundo natural, revelam o descontentamento com o modo de vida na cidade, conclui a autora.

Nesta perspectiva, “[...] se a imaginação atua como dilatação psíquica, o sonho acordado amplia os horizontes imaginativos das potencialidades humanas. O sonho mítico com a casa no campo é um modo de recusar o desencantamento do mundo e de insistir na esperança” (SILVA, 2009). Contudo, é necessário retomar que este imaginário que idealiza uma vida melhor no campo em relação à cidade faz parte do rural como construção social.

No contexto norte-americano, uma pesquisa realizada na Pensilvânia investigou os aspectos negativos e positivos da vida urbana e rural. A ruralidade positiva era composta por declarações sobre a qualidade das relações familiares, com a vizinhança e a proximidade com a natureza. Já o anti-urbanismo era composto de declarações sobre o ritmo acelerado e alto estresse da vida urbana, a distância das relações, o foco materialista da vida urbana, a baixa qualidade e perigo dos ambientes urbanos (BROWN; SCHAFFT, 2011, p. 9).

A migração do urbano pro rural foi responsável por uma guinada que ocorreu há décadas nos Estados Unidos, onde, em 1975, pela primeira vez, as áreas rurais cresceram mais rapidamente do que as urbanas. As informações se baseiam em relatório divulgado na época pelo Departamento de Agricultura dos EUA. Entre os fatores listados por Brown e Schafft (2011), estão: a desconcentração do emprego, a modernização da vida rural (eletrificação, estradas e serviços telefônicos), o envelhecimento da população e as preferências pela vida rural. Segundo os autores, o mesmo fenômeno foi verificado novamente na primeira metade da década de 1990. Entretanto, na avaliação de Brown e Schafft (2011), esta preferência por áreas rurais só resultará em contraurbanização quando as condições econômicas forem relativamente favoráveis nas áreas rurais. O ponto de vista é oposto ao de Mingione e Pugliese (1987), que falam sobre os momentos de crise econômica como um fator que possivelmente motiva a contraurbanização.

Considerando estes dois cenários, é possível relacionar este fluxo com fatos históricos e contemporâneos. No passado, a migração rural-urbano foi estimulada pela busca de emprego e educação. No mundo rural contemporâneo, além destes fatores, é possível perceber que a precariedade de infraestrutura de saúde, comunicação e lazer, por exemplo, também figuram como motivação para o abandono do campo.

A contraurbanização, que leva os citadinos para o rural, é um dos fenômenos que contribui para a diversidade encontrada na zonas rurais. Para Brown e Schafft (2011, p. 11), a verdade é que “[...] a população rural é social, demograficamente e politicamente diversa”.

Segundo os pesquisadores europeus Calheiros e Duque (2012), a contraurbanização é uma ruptura simbólica com a cidade que assume particular relevância no contexto atual, onde é crescente a necessidade de um desenvolvimento local homogêneo, integrado e sustentável.

Esta atração dos cidadãos pelos espaços rurais tem inúmeros fatores. Carminda Cavaco (2009), que estuda a geografia do turismo em Portugal, cita quatro deles: a busca de raízes, tradição e autenticidade; a atração do verde e o verde como cenário; as cidades com espaços de repulsão, vistas como lugares de isolamento e como espaços construídos, muito ocupados, onde o verde tende a ser reduzido; e o aumento do tempo de vida, dos tempos livres e da mobilidade. Na avaliação da autora, para as populações oriundas da cidade, o rural é um espaço de consumo e não de produção (CAVACO, 2009).

Para Calheiros e Duque (2012), a contraurbanização é um fenômeno prolixo e não-generalizado que surge como reação à degradação física e social das cidades, sobretudo no que diz respeito às relações interpessoais. Inicialmente verificada nos Estados Unidos, na década de 1970, alastrou-se para a Europa Ocidental, Japão, Canadá e Austrália. Coincide com o declínio das cidades industriais, contrariando os processos de urbanização – crescimento das cidades à custa do esvaziamento do espaço rural (CALHEIROS; DUQUE, 2012). De acordo com os autores, são pessoas que procuram os espaços rurais em busca de qualidade de vida.

O pesquisador argentino Ratier (2002) falou da contraurbanização como um processo que só pode ocorrer em uma paisagem europeia onde os espaços abertos são escassos e o progresso dos meios de comunicação ficam próximos das localidades. Passados quase 20 anos de seu estudo, pode-se dizer que esta constatação segue coerente e dialoga indiretamente com o contexto local, já que no Brasil a tecnologia de telefone e internet ainda demonstra bastante precariedade nas zonas rurais.

Considerando um contexto mais atual, mas ainda europeu, a atração paisagística, a qualidade do clima associada à pureza do ar, das águas e à tranquilidade são alguns dos fatores fundamentais na escolha do local de habitação. Sobre o perfil de pessoas que fazem parte deste fluxo, Calheiros e Duque (2012) constatam que são as classes mais abastadas que procuram estes espaços de habitação, situação que resulta no aumento da massa crítica no campo. São profissionais ligados ao terceiro e quarto setor – organizações não-governamentais, entidades filantrópicas, organização da sociedade civil de interesse público e organizações sem fins lucrativos (CALHEIROS; DUQUE, 2012).

Neste contexto, indo ao encontro do pensamento de Wanderley sobre os espaços rurais, Calheiros e Duque (2012) verificam a dinamização e a valorização dos territórios de baixa densidade populacional.

É nesta conjectura que surge a contraurbanização, como resposta às necessidades do homem moderno, que envolto na sociedade do consumismo, do movimento e da tecnologia, que se transforma numa velocidade incomparável com outro tempo da história da humanidade, procura novos espaços humanos para se realizar e viver com qualidade. Esta procura implica a procura de espaços onde se realcem áreas verdes, calmas e que proporcionem tempo para as relações pessoais, ambientes que se aproximam do espaço rural (CALHEIROS; DUQUE, 2012, p. 10).

Segundo estes autores, “[...] os espaços mais procurados são os preferencialmente isolados, mas de relativa proximidade aos centros urbanos, ou seja, com bons meios de comunicação e que sejam simultaneamente despoluídos, calmos e silenciosos” (CALHEIROS; DUQUE, 2012, p. 8). Neste sentido, os autores destacam que a contraurbanização não reflete o total abandono do espaço urbano e de tudo que a ele está relacionado, e acrescentam que o fenômeno consiste na construção de espaços de realização pessoal e social em áreas rurais periféricas.

Conforme abordam os autores apresentados, a contraurbanização é um fenômeno mais abrangente que o neorruralismo, já que engloba pessoas que se dirigem ao campo em busca de moradia, para desenvolver os mais diversos tipos de trabalho, porém não necessariamente atividades agrícolas. Ainda assim, o fenômeno faz parte dos movimentos contemporâneos que podem contribuir com o desenvolvimento sustentável, tanto em zonas urbanas quanto nas rurais.

2.3 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, SER HUMANO E NATUREZA

As contradições decorrentes do processo de modernização agrícola no Brasil afloraram, principalmente, na década de 1970 (COSTA *et al.*, 2015), mesma época em que se iniciaram os debates voltados à problemática ambiental, movimento que, conforme recorda Sachs (2004, p. 36), “[...] levou a uma ampla reconceitualização do desenvolvimento, em termos de ecodesenvolvimento, depois renomeado desenvolvimento sustentável”.

O desenvolvimento sustentável obedece ao duplo imperativo ético da solidariedade com as gerações presentes e futuras, e exige a explicitação de critérios de sustentabilidades social e ambiental e de viabilidade econômica. Estritamente falando, apenas as soluções que considerem estes três elementos, isto

é, que promovam o crescimento econômico com impactos positivos em termos sociais e ambientais, merecem denominação de desenvolvimento (SACHS, 2004, p. 36).

Embora no senso comum a palavra sustentabilidade ainda seja muito utilizada em uma perspectiva ambiental, o termo tem muitas outras dimensões. “A sustentabilidade social vem na frente, por se destacar como a própria finalidade do desenvolvimento, sem contar com a probabilidade de que um colapso social ocorra antes da catástrofe ambiental”, explica Sachs (2002, p. 71). Para o autor, os cinco pilares do desenvolvimento sustentável são: social, ambiental, territorial, econômico e político (SACHS, 2004, p. 15).

A necessidade de implementar um outro modelo de desenvolvimento, que conciliasse o crescimento econômico, a expansão humana, o avanço tecnológico e a conservação dos recursos naturais fez surgir o conceito de desenvolvimento sustentável (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA – FAO, 2012). “Esta noção nasce da compreensão da finitude dos recursos naturais e das injustiças sociais provocadas pelo modelo de desenvolvimento vigente na maioria dos países”, complementa Almeida (2009, p. 41-42).

Neste contexto, surgiu o conceito de ecodesenvolvimento ou desenvolvimento sustentável que, na definição de Sachs (2002, p. 54), é “[...] a abordagem fundamentada na harmonização de objetivos sociais, ambientais e econômicos”. O autor observa que, diferentemente do crescimento econômico, os objetivos do desenvolvimento vão bem além da mera multiplicação da riqueza material, pois implica na reparação de desigualdades passadas (SACHS, 2004). Para o estudioso, igualdade, equidade e solidariedade fazem parte do conceito.

Veiga (2010, p. 188) chama a atenção para a banalização do adjetivo sustentável, que faz com que a palavra acabe sendo muito usado para “[...] qualificar um crescimento econômico que não seria passageiro, instável ou oscilante”. O autor pontua que a expressão desenvolvimento sustentável acabou se legitimando para afirmar a possibilidade de uma conciliação entre crescimento econômico contínuo e conservação do meio ambiente, segundo Veiga (2010) em oposição à ideia de ecodesenvolvimento.

Conforme Sachs, o crescimento é uma condição necessária, mas não suficiente, menos ainda um objetivo em si, para alcançar a meta de uma vida melhor e mais feliz para todos. Neste contexto, Assis (2006) acrescenta:

O desenvolvimento sustentável tem como eixo central a melhoria da qualidade de vida humana dentro dos limites da capacidade de suporte dos ecossistemas e, na sua consecução, as pessoas, ao mesmo tempo que são beneficiários, são instrumentos do processo, sendo seu envolvimento fundamental para o alcance do sucesso desejado (ASSIS, 2006, p. 81).

Neste debate sobre os ecossistemas e as pessoas, em uma perspectiva que considera a preocupação ética, Sachs (2002) assinala o respeito pela inviolabilidade da natureza. Segundo o autor, é a ética do respeito à diversidade do fluxo da natureza e das culturas que define o desenvolvimento sustentável como um ideal ético.

Alguns autores abordam a relação dos seres humanos com o ambiente. Entre as problematizações, está o “[...] fato de o homem moderno não se entender como uma parte da natureza, mas como uma força exterior destinada a dominá-la e conquistá-la” (COSTA *et al.*, 2015, p. 65). Em um cenário de degradação socioambiental, Leff (2002, p. 48) alerta que é preciso estabelecer “[...] melhores formas de convivência social e de relação com a natureza”. O autor também aponta para a necessidade de transformar os princípios da racionalidade econômica, de seu caráter predador e desigual, para construir e priorizar uma racionalidade produtiva capaz de gerar desenvolvimento equitativo, sustentável e duradouro. A equidade, segundo Sachs (2004), é o tratamento desigual dispensado aos desiguais, de forma que as regras do jogo favoreçam os mais fracos e incluam ações afirmativas que os apoiem.

Todos estes valores dos quais fala Leff vêm sendo corrompidos pelas práticas dominantes. Kageyama (2008) lembra que, no Brasil, desde a década de 1970, a “modernização agrícola” tem elevado o grau de especialização e, por consequência, de padronização, de escala e de mercantilização das atividades produtivas. A autora chama a atenção para as desigualdades resultantes deste processo somado à industrialização, à urbanização do país e ao capitalismo.

Em sincronia com o debate sobre desenvolvimento sustentável no Brasil, também foi nos anos de 1970 que emergiram os movimentos de contestação a este padrão agrícola dominante, em maior evidência na Europa e Estados Unidos. Na época, para abranger as distintas correntes de crítica à agricultura hegemônica, usava-se o termo agricultura alternativa (COSTA *et al.*, 2015). Segundo os autores, surgia a “agricultura biológica” na França, a “agricultura biodinâmica” na Alemanha, a “agricultura orgânica” na Inglaterra e nos Estados Unidos, a “agricultura natural” no Japão e a permacultura na Austrália.

Tais movimentos de contestação ao padrão dominante tinham um viés eminentemente ecológico, não se atendo aos problemas sociais do campo, que no chamado primeiro mundo não tinham a mesma expressão que no terceiro, face às políticas de estímulo e subsídios ao setor (COSTA *et al.*, 2015, p. 64).

No Brasil, recordam os autores, o agrônomo José Lutzenberger foi um dos principais críticos da modernização da agricultura. Em meados da década de 1970, quando deixou a função de executivo de uma empresa do ramo de agrotóxicos na qual trabalhava, se engajou no movimento ambientalista e criou a Associação Gaúcha de Proteção ao Meio Ambiente Natural (Agapan), provavelmente a primeira ONG ecológica do país. “Paradoxalmente, em uma conjuntura de ditadura militar, quando as contestações políticas eram fortemente reprimidas, a crítica ambiental era permitida e tinha apelo e espaço na mídia” (COSTA *et al.*, 2015, p. 64).

Na sequência, em 1978, surgiu em Porto Alegre a Cooperativa de Consumidores Colméia, cujo foco era a alimentação saudável. A cooperativa deu origem às primeiras iniciativas concretas de produção orgânica no Rio Grande do Sul. Na época, Espírito Santo e São Paulo também deram início a este tipo de produção (COSTA *et al.*, 2015). Em todo o Brasil, a contestação à agricultura dominante e predatória ganhou força de forma organizada, com o surgimento de movimentos ligados a associações de produtores rurais, organizações sindicais e pastorais religiosas (CODONHO, 2015).

A partir dos anos 1980, percebe Wanderley (2009), o processo de modernização da agricultura passou a gerar uma crise no modelo produtivista que se manifestou em três dimensões: econômica, que diz respeito aos altos índices de produtividade e os consequentes efeitos da superprodução; social, devido à redução da força de trabalho necessária para as atividades agrícolas, que ampliou o desemprego; e ambiental, em função do uso excessivo e indiscriminado de agrotóxicos que há décadas impacta nos recursos naturais. “Isto acontecia em um momento em que se aprofundava nas sociedades (e não apenas no meio rural), a consciência da necessidade de preservação” (WANDERLEY, 2009, p. 211).

No final da década de 1980, foram criadas as primeiras feiras de comercialização especializadas na produção orgânica. Na capital gaúcha isto ocorreu em 1989, em movimento organizado pela Colméia, recorda Costa (*et al.* 2015). Tais iniciativas demonstram a aplicação do conceito de desenvolvimento sustentável na prática, mesmo que de forma local. Também é possível destacar projetos locais desenvolvidos por agricultores familiares que reverberam tanto no campo quanto na cidade. Um destes exemplos, em um

período mais recente, é a RAMA, objeto de estudo deste trabalho, que será apresentada em detalhe no próximo capítulo.

Segundo Sachs (2004), ganham força as produções em pequena escala intensiva, como frutas, hortaliças e flores, uma parte destinada ao autoconsumo e o restante à comercialização em mercados locais ou cidades próximas, e também ao processamento em agroindústrias. São itens perecíveis que não suportam o custo do transporte a longa distância, caracteriza o autor. Feiden (2005) pontua que, “[...] originalmente, os produtores que adotavam os sistemas alternativos de produção o faziam por convicção pessoal, e movidos pela preocupação com o meio ambiente e com a saúde” (p. 54). Segundo o autor, o objetivo era a produção de um alimento sadio, com características e sabor originais.

Na avaliação de Costa (*et al.* 2015, p. 74), o Brasil tem condições de alterar os padrões produtivos da atualidade para métodos técnicos e processos compatíveis com a sustentabilidade da agricultura. Esta mudança de paradigma, pondera o autor, depende de atores sociais estratégicos conscientes dos impactos sociais e ambientais da agricultura convencional. Para Abramovay (2010), o país tem o desafio de formular uma verdadeira estratégia de desenvolvimento sustentável. Isto porque, segundo o autor, “[...] os padrões dominantes de produção e consumo apoiam-se, sistematicamente, num processo acelerado de degradação ambiental muito mais vigoroso do que o poder da legislação voltada à sua contenção” (ABRAMOVAY, 2010, p. 98).

Na sequência, serão apresentados conceitos que alicerçam a agroecologia, segundo alguns dos principais autores que trabalham com a temática.

2.4 AGROECOLOGIA COMO ALTERNATIVA AO PADRÃO DOMINANTE

O conceito agricultura sustentável também já foi utilizado como sinônimo de agricultura alternativa. Entretanto, trata-se de uma denominação controversa, já que, segundo Jesus (2005), é um termo em disputa e com múltiplos significados. “Essa designação não serve àqueles que constroem novos e verdadeiros caminhos de desenvolvimento. Por isso, adota-se a agroecologia como marco conceitual do novo” (JESUS, 2005, p. 40).

Conforme recorda Almeida (2009, p. 47), Miguel Altieri é um dos estudiosos que “[...] apresenta a agroecologia como um paradigma técnico-científico capaz de guiar a estratégia de desenvolvimento rural sustentável, pois essa disciplina estuda os sistemas

agrícolas através de uma perspectiva ecológica e socioeconômica”. Nas palavras do autor, “[...] a agroecologia é uma alternativa à agricultura industrial e se faz sem o uso de agroquímicos e transgênicos usando princípios que permitem redesenhar agroecossistemas diversificados, produtivos e resilientes” (ALTIERI, 2015, p. 8).

Para Feiden (2005, p. 54), a agroecologia “[...] é uma ciência em construção com características transdisciplinares integrando conhecimentos de diversas outras ciências e incorporando, inclusive, o conhecimento tradicional”. Este saber empírico que constitui as raízes da agroecologia na América Latina, recorda Altieri (2015), vem das práticas dos indígenas e camponeses da Mesoamérica, Andes e trópico úmido.

Hoje em dia muitos agroecólogos consideram a agroecologia como uma ciência transformadora que deve ser implementada em estreito diálogo e interação com grupos de agricultores que representam um constante processo de inovação cognitiva, tecnológica e sociopolítica, intimamente ligado a cenários políticos e movimentos de resistência camponesa e indígena (ALTIERI, 2015, p. 7).

Um exemplo apresentado pelo autor é que a Via Campesina adotou, no final dos anos 2000, a agroecologia como um pilar fundamental em sua proposta de soberania alimentar, dando um viés mais militante a este “[...] novo estilo de desenvolvimento agrícola e rural” (ALTIERI, 2015, p. 7) que desde então vem sendo construído em reciprocidade com os movimentos sociais.

Leff (2002) também observa que os princípios do desenvolvimento sustentável foram se arraigando nas lutas populares e nas organizações das comunidades rurais, que defendem a autogestão de suas terras e dos recursos naturais. O autor cita como exemplo o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que se incorporou ao processo de ambientalização, “[...] reconhecendo que a sua sobrevivência e condições de vida dependem do manejo sustentável dos recursos agroecológicos” (LEFF, 2002, p. 47). Segundo o autor, é um novo campo de saberes práticos, em reação aos modelos agrícolas predadores, para uma agricultura mais sustentável, que considere o bem comum, o equilíbrio ecológico e a segurança alimentar das comunidades rurais.

Segundo Leff (2002), a agroecologia surgiu de uma interação entre os produtores, que se rebelam frente à deterioração da natureza e da sociedade, provocada pelo modelo produtivo hegemônico, e os pesquisadores e professores comprometidos com a busca de estratégias sustentáveis de produção. “A agroecologia será o arado para o cultivo de um

futuro sustentável e haverá de articular-se a processos de transformação social que permitam passar da resistência à globalização à construção de um novo mundo” (LEFF, 2002, p. 50).

No Brasil, segundo Altieri (2015), foi na década de 1990 que agroecólogos com uma visão social crítica, formados na Espanha, impulsionaram projetos de extensão rural de base agroecológica, inicialmente no Rio Grande do Sul e depois a nível nacional. De 1999 a 2002, a Emater/RS e a Secretaria de Agricultura do Estado assumiram a agroecologia como diretriz de política pública, relata Jesus (2005). “Foi a primeira vez que um estado brasileiro empreendeu uma mudança tão radical, embora possamos registrar que, na década de 1980, houve uma primeira tentativa do Paraná, que infelizmente não prosperou” (JESUS, 2005, p. 44). Sobre esta época, Caporal e Costabeber (2000) pontuam:

A opção da Extensão Rural do Rio Grande do Sul foi bastante clara no sentido de apoiar o processo de transição agroecológica, por entender que a agricultura é um processo de construção social e que, portanto, são as famílias rurais que devem assumir o papel de sujeitos ativos nos processos de desenvolvimento socioeconômico e cultural de suas comunidades (CAPORAL; COSTABEBER, 2000, p. 18).

Segundo os autores, que se referem a este período como a “nova extensão rural”, a busca do desenvolvimento e da agricultura sustentável exige dos extensionistas o interesse local e comunitário. Tal abordagem requer a capacidade de compreender aspectos relacionados à vida dos indivíduos e suas relações sociais, bem como o reconhecimento de que entre os agricultores e suas famílias existe um saber e conhecimento (CAPORAL; COSTABEBER, 2000).

Apesar dos avanços registrados entre a década de 1990 e os anos 2000, houve alguns recuos na expansão de sistemas de produção mais sustentáveis, seja por falta de incentivos nos últimos governos, seja pelos retrocessos mais recentes, nos atuais governos federal e do Rio Grande do Sul, nas questões ligadas à preservação do ambiente. Um exemplo é a atuação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável (CONDRAF)⁶, que pertencia ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). O site da instituição, que tinha como objetivo propor diretrizes para a implementação e formulação de políticas públicas, deixou de ser atualizado em setembro de 2016, mês seguinte à saída de Dilma Rousseff do poder.

⁶ CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL – CONDRAF. Disponível em: <http://www.condraf.gov.br/noticias> Acesso em: 5 jan. 2020.

Nesta perspectiva, a agroecologia volta a ganhar força, sobretudo nas universidades, e se mantém como uma das ferramentas capazes de auxiliar no desenvolvimento rural sustentável.

Paulatinamente, a agroecologia vai ganhando respeitabilidade, tendo passado de elemento da contracultura, na década de 1970, a disciplina acadêmica. Os inegáveis resultados obtidos pelas diferentes linhas de pesquisa da área dão suporte a esse ganho de respeitabilidade (FEIDEN, 2005, p. 68).

As duas correntes agroecológicas – americana e europeia – que influenciam cientistas e agricultores pelo mundo afora, apesar de algumas diferenças, veem os agricultores familiares como os principais protagonistas do desenvolvimento rural sustentável (MOREIRA; CARMO, 2004). Entretanto, segundo Guzmán (2005), “[...] atualmente os agricultores familiares contribuem da mesma maneira que os grandes proprietários, para a deterioração do meio ambiente agrário” (p. 124). O autor refere-se às práticas e ao modo de produzir, e não ao volume da produção em si. Isto porque com o processo de mercantilização, na visão de Guzmán (2005), a subsistência destes atores sociais passou a depender mais de insumos obtidos por meio dos mercados do que da qualidade ambiental de suas propriedades.

As mulheres rurais também têm papel fundamental na disseminação e fortalecimento da agroecologia. Segundo estudos, são elas que, muitas vezes, iniciam a conversão da propriedade para sistemas mais sustentáveis por estarem mais preocupadas com questões relacionadas à saúde e à alimentação da família, explica Emma Siliprandi (2015). A autora sublinha, também, a relação de maior proximidade das mulheres com a natureza.

De acordo com Siliprandi (2015), camponeses e indígenas também são protagonistas deste processo de construção de um novo desenvolvimento rural e de valorização do diálogo de saberes. Isto porque, segundo a autora, o enfoque agroecológico dialoga com todos os movimentos que contribuam para a construção de estilos de agricultura limpos e ambientalmente corretos.

Neste contexto, entre os aspectos destacados por Siliprandi (2015), está a capacidade da agricultura camponesa de coevoluir respeitando os processos ecológicos e a necessidade de promover o empoderamento deste grupo social marginalizado econômica, social, política e culturalmente ao longo da história da humanidade. “As propostas agroecológicas têm, portanto, um caráter emancipatório, e os movimentos que se formam em torno da agroecologia aproximaram-se politicamente das lutas por ecojustiça” (SILIPRANDI, 2015, p. 87).

A autora refere-se à interação da agroecologia com os grupos sociais prejudicados pela degradação ambiental. Nesta perspectiva, conforme Leff (2002, p. 37) “[...] a

agroecologia sugere alternativas sustentáveis em substituição às práticas predadoras da agricultura capitalista e à violência com que a terra foi forçada a dar seus frutos”.

A agroecologia, como instrumento do desenvolvimento sustentável, se funda nas experiências produtivas da agricultura ecológica, para elaborar propostas de ação social coletiva que enfrentam a lógica depredadora do modelo produtivo agroindustrial hegemônico, para substituí-lo por outro, que orienta para a construção de uma agricultura socialmente justa, economicamente viável e ecologicamente sustentável (LEFF, 2002, p. 39).

Esse caminho, segundo o autor, concilia e aceita, em pé de igualdade, os saberes locais gerados pelos agricultores com o conhecimento científico do pesquisador. Para Guzmán (2005), é nesta perspectiva que a agroecologia emerge como ferramenta para o desenvolvimento rural sustentável, pois viabiliza a possibilidade de um processo de transição do modelo produtivo hegemônico para a agricultura ecológica em um contexto de propostas coletivas que transformem as relações de dependência. “Em suma, a agroecologia como desenvolvimento rural sustentável consiste na busca do local para, partindo daí, recriar a heterogeneidade do mundo rural por meio de formas de ação social coletivas” (GUZMÁN, 2005, p. 131).

Ao diferenciar a produção orgânica da agroecológica, Assis (2006) ressalta que a substituição de insumos convencionais por orgânicos é considerada uma etapa importante no processo de transição de uma produção convencional para uma produção agroecológica. Entretanto, alerta o autor, este caminho não pode ser considerado como etapa final da transição, já que a agroecologia “[...] deve visar à garantia da sustentabilidade do sistema agrícola em suas dimensões econômicas, sociais, ecológicas e agronômicas” (ASSIS, 2006, p. 83).

Segundo levantamento do Ministério da Agricultura (BRASIL, 2019a), nos últimos sete anos o país mais que triplicou o número de agricultores que produzem orgânicos, saltando de 5,9 mil produtores registrados, em 2012, para 17,7 mil, em 2019. Neste período, ainda de acordo com dados informados pelo ministério, também cresceu o número de unidades de produção orgânica no Brasil, saindo de 5,4 mil unidades registradas, em 2010, para 22 mil, em 2018. Entretanto, considerando a extensão geográfica do país, estes números poderiam ser ainda maiores. De acordo com o estudo feito anualmente pela Federação Internacional de Agricultura Orgânica (2019), o Brasil tem 1,13 milhão de hectares de produção orgânica, o que corresponde a somente 0,4% do total da área agrícola do país.

Conforme mostram os números, a produção de alimentos orgânicos tem crescido e conquistado novos adeptos, sendo a agroecologia um dos caminhos que possibilita aos neorrurais concretizarem a transição da cidade para o campo. Para Calvário e Otero (2016, p. 237), “[...] a pequena agricultura orgânica, a realocização da produção e do consumo, as economias e as redes alternativas são algumas das qualidades associadas ao ‘rural’ pelas pessoas neorrurais”, que serão apresentadas em maior profundidade na próxima seção.

2.5 OS NOVOS HABITANTES DO CAMPO

Um lugar para buscas utópicas, socialistas ou libertárias de uma nova ordem social, definem Calvário e Otero (2016) sobre o retorno ao rural. Para os autores, o campo tem sido “[...] um refúgio em relação às condições degradantes do trabalho industrial e da vida urbana” (CALVÁRIO; OTERO, 2016, p. 237-238). No contexto europeu, as décadas de 1960 e 1970 foram um marco para os ideais neorrurais⁷ e para a transformação dos espaços rurais. Segundo os autores, foi neste período que os movimentos sociais hippies, juntamente com os protestos estudantis de maio de 1968, em Paris, promoveram uma ascensão das pessoas neorrurais.

Os neorrurais são pessoas sem origem rural que migraram da cidade para o campo para adotar um estilo de vida agrário ou artesão radicalmente novo. Suas motivações estão ligadas à busca por um estilo de vida mais simples, autossuficiente, autônomo, (livre de trabalho assalariado e de relações com o mercado), próximo à natureza e ecológico. Elas fazem isso seguindo uma crítica à cultura materialista predominante, práticas agrícolas modernas e a globalização dos sistemas agroalimentares (CALVÁRIO; OTERO, 2016, p. 237).

Segundo estes autores, os e as neorrurais veem o movimento como um projeto de estilo de vida e como uma forma de transição social à sustentabilidade ecológica. Para Calvário e Otero (2016), os novos habitantes do campo podem ser considerados atores de uma estratégia diversificada com potencial de transformar o modelo agroalimentar dominante e de contribuir para uma transição rumo ao decrescimento. Por meio da busca de espaços fora do capitalismo, constroem “[...] redes de contrapoderes locais que resistem e subvertem a sua hegemonia ideológica” (CALVÁRIO; OTERO, 2016, p. 239). O desafio, contudo, segundo os autores, é transcender a condição de ser apenas uma fração residual do sistema agroalimentar e do espaço rural. “Essa visão nos permite olhar para as experiências

⁷ As palavras neorrurais e neorruralismo foram escritas de duas formas devido ao Novo Acordo Ortográfico de 2009. Foi mantida a grafia original, com hífen, nas citações de referências anteriores à mudança.

e os projetos dos e das neorrurais como formas de construir imaginários de uma sociedade (pós-capitalista) do decrescimento” (CALVÁRIO; OTERO, 2016, p. 239).

Na tentativa de fazer uma abordagem mais local sobre os neorrurais, retomamos um artigo citado por diversos autores, no qual o sociólogo Gian Mario Giuliani (1990) também faz resgate histórico desta tendência que surgiu na França, na década de 1970. Segundo o autor, neorruralismo “[...] é um conceito genérico para uma realidade não muito precisa, carregado de símbolos contraditórios e indicando fenômenos que permanecem à margem das dinâmicas predominantes da agricultura atual” (GIULIANI, 1990). Julieta Quirós (2017)⁸ complementa detalhando que a expansão do neorruralismo como movimento na Europa data da década de 1980 como uma forma de resistir ao modo de viver e morar no coração do capitalismo moderno.

Giuliani (1990) fala sobre o revigoramento de uma série de valores típicos do velho mundo rural que pareciam estar em vias de extinção, mas que começam a ganhar a adesão de pessoas da cidade. Para o autor, um dos pioneiros em estudar o tema no Brasil, a volta às relações diretas com a natureza, a ciclos produtivos e tempo de trabalho mais longos e menos rígidos, ao ar puro e à tranquilidade, assim como o desejo de relações sociais mais profundas e, sobretudo, da autodeterminação, são os elementos que atraem pessoas da cidade ao campo.

Para o sociólogo, o neorruralismo “[...] é uma livre escolha bem precisa e particular”, mas também pode ser “[...] um movimento de forças sociais que induz os indivíduos a determinadas práticas ou que os coloca diante de determinadas escolhas” (GIULIANI, 1990). O autor refere-se às situações em que as pessoas “[...] decidem não mais morar na cidade e não mais trabalhar em profissões urbanas, resolvendo se mudar para o campo e trabalhar na agricultura ou na criação de animais” (GIULIANI, 1990). A preocupação com a saúde, com o meio ambiente e com a qualidade dos alimentos produzidos, somadas à valorização da agricultura orgânica, aumentam esta particular “volta ao campo” que modifica as condições demográficas e culturais da campanha (RATIER, 2002).

Na época em que escreveu o artigo, Giuliani (1990) afirmou que no Brasil o neorruralismo tinha dimensões completamente desconhecidas. Desde então, pode-se dizer que esta realidade não se modificou expressivamente. Pouco se sabe sobre os neorrurais. O

⁸ Versão original de artigo publicado com o título *La classe media vuelve al campo* por Le Monde Diplomatique - Edición Cono Sur, n. 178 (abril/2014) publicado na íntegra no livro *Soy Neo-rural*, organizado por Jero Marquez.

autor considera que o fluxo ocorre em função de questionamentos existenciais dos indivíduos, além de ser motivado por desejos e aspirações mais do que por necessidade.

Ao tratar do neo-ruralismo [sic], os autores franceses pretendem apontar para um fenômeno capaz de expressar dimensões críticas, ou de ruptura, com relação aos valores predominantes na mentalidade "moderno-desenvolvimentista" imposta pelos modelos industriais-urbanos e, ao mesmo tempo, capaz de propor uma visão do campo como espaço que deve ser reconsiderado e reavaliado mais além da já desgastada oposição "tradicional/moderno" (GIULIANI, 1990).

O neorruralismo busca a valorização do espaço cotidiano, “[...] tornando-o suportável, desejável, consumível” aponta o autor, lembrando que os novos habitantes do campo “[...] definem como degradadas e degradantes as condições de vida nas cidades” (GIULIANI, 1990). Segundo o autor, tal movimento pode ser descrito como uma forma de protesto contra o crescimento urbano desenfreado e a degradação das relações sociais, entre outras questões que provocam um sentimento de insatisfação com as condições de vida nos grandes centros e que motivam uma busca por novas relações sociais, novas formas de sociabilidade e novas formas de identificação, valores que vão ao encontro da valorização da natureza e da vida cotidiana.

O sociólogo descreve que os novos habitantes do campo brasileiros têm alto nível de instrução e acumulam boa experiência em viagens ao exterior, elementos que contribuem para que a escolha de largar a profissão e o trabalho na cidade dê certo, visto que buscam a especialização. “São indivíduos com elevado grau de escolarização, possuidores de redes de informação nacionais e internacionais especializadas” (GIULIANI, 1997, p. 109). Neste contexto, o autor cita como determinante a quantidade e a qualidade das relações sociais deste futuro produtor.

Estas características referem-se à realidade dos neorrurais nos municípios de Nova Friburgo e Teresópolis, na região fluminense do Rio de Janeiro, onde Giuliani (1990) realizou a pesquisa. Entre os resultados, o autor concluiu que, embora estejam em busca de relações mais diretas com a natureza, não haveria um vínculo direto entre ecologismo e neorruralismo. Segundo Giuliani (1990), os neorrurais brasileiros, em geral, buscavam satisfazer aspirações individuais e não demonstravam interesse em uma nova moral produtiva e associativa.

Em contrapartida, uma abordagem que merece ser destacada foi aquela apresentada por Yara Vargas (2002), que desenvolveu pesquisa no mesmo local em que Giuliani (1990), porém obteve um resultado diferente. A autora vê no fenômeno uma possibilidade de

disseminar práticas sustentáveis, entre elas a agroecologia, e promover transformações no campo. Segundo Vargas (2002), que aborda os neorrurais como capital humano estratégico de mudanças, estes atores sociais têm grande potencial inovador e dinamizador, podendo atuar como agentes facilitadores de um desenvolvimento rural sustentável.

A inserção dos neorrurais “[...] oxigena o local, desenvolve a comunidade, ampliando as possibilidades para especialização” (VARGAS, 2002, p. 4). Segundo a autora, o processo produtivo compreende aspectos diversos daqueles puramente econômicos e, além da qualidade de vida, estes atores sociais também procuram perspectivas de conhecimento, vivências e realizações. Neste sentido, destaca que “A valorização da natureza, a busca de um relacionamento produtivo harmônico e a expansão da percepção do todo são atributos disseminados em suas práticas, mas é o capital intelectual em jogo que permite a transcendência dos objetivos”. (VARGAS, 2002, p. 17).

O estudo da autora sinaliza que o modelo de desenvolvimento agroecológico foi a trajetória que predominou entre os neorrurais. Vargas (2002) aborda a agroecologia como uma resposta à crise ecológica e aos problemas socioambientais. Neste contexto, a agroecologia seria adotada pelos novos habitantes do campo como forma de expressar e colocar em prática um valor inerente a uma postura ambiental.

Segundo a autora, “[...] são iniciativas que sinalizam para a transformação da pequena produção, adquirindo nesse processo uma fisionomia ecologicamente definida, modificando-se, também, as condições de reprodução da força de trabalho” (VARGAS, 2002, p. 16-17). Na avaliação da pesquisadora, a questão ambiental está no âmago deste processo de êxodo urbano. Nas palavras de Vargas (2002, p. 25), os neorrurais são “[...] cidadãos que procuram instalar-se na zona rural, onde desenvolvem projetos pluriativos de agronegócios ‘ecologicamente definidos’. Eles ilustram uma nova expressão empreendedora no campo”.

Considerando o potencial de influência dos neorrurais no meio social, a autora enxerga nestes indivíduos novas formas de expressão para o desenvolvimento rural sustentável e a possibilidade de contribuírem para mudanças significativas no plano social. Este processo de “transbordamento do urbano no rural”, conforme descreve Vargas (2002, p. 31), é um sinal de que a sociedade está buscando alternativas. É neste contexto que surgem estes novos atores sociais que, segundo a autora, trazem em sua bagagem o capital intelectual que pode impulsionar a diversificação e o desenvolvimento de novas atividades produtivas, além de atuarem em nichos de mercado específicos e diferenciados.

Em uma linguagem um tanto quanto antagônica na escolha dos conceitos, a autora concluiu que “[...] independente da linha produtiva explorada no agronegócio, todos os neorrurais [sic] sinalizaram estar impregnados de ideologia ecológica” (VARGAS, 2002, p. 104), reafirmando, ainda, que estes atores sociais reproduzem, de certa forma, o modelo agroecológico e que apresentam diversidade produtiva.

Outra conclusão da autora é que a valorização do espaço cotidiano é a dimensão mais evidente e racionalização primeira do neorruralismo, sendo esta a justificativa citada pela maioria dos entrevistados sobre a decisão de mudar para o campo. Segundo Vargas (2002):

O neo-rural [sic], na sua relação simbiótica com a natureza, realiza uma proposta de autogestão emancipatória da vida. A liberdade é encarada como a libertação interior, desalienação. Seu propósito é a auto-realização por meio da navegação social harmônica, tornando o cotidiano prazeroso. Ao mesmo tempo, atua coletivamente, minimizando as condições adversas do meio (VARGAS, 2002, p. 115-116).

Esta atuação coletiva também norteia as associações de produtores neorrurais no Sul de Minas Gerais, objeto de estudo de Camila Guedes Codonho (2015). A pesquisadora ampliou a tipologia e separou estes atores sociais em dois grupos: os neorrurais locais, agricultores familiares que passaram a produzir a partir de técnicas orgânicas de produção; e os neorrurais forasteiros, citadinos que migraram para buscar no campo um ideal de vida pautada na convivência harmônica com o mundo natural, supostamente livre de poluição, barulho e do estresse das grandes cidades. A autora explica que, em sua pesquisa, também considerou como neorrural as pessoas originárias do campo que se converteram ao manejo orgânico, diferenciando-se da ruralidade predominante na região, praticante da agricultura convencional.

Pode-se dizer que o contato dos neorrurais locais com este novo paradigma ambiental é estimulado pela presença das “pessoas de fora” que fogem das cidades para as áreas rurais em busca de uma vida mais saudável (CODONHO, 2015). Ou seja, os neorrurais forasteiros levam novas práticas e técnicas ecológicas que impulsionam uma agricultura mais limpa. Os objetivos compartilhados, entre eles produzir satisfatoriamente e escoar a produção, contribuíram para o surgimento das associações de produtores com perfil ecológico no sul mineiro, iniciativas que, segundo a autora, ajudam a equacionar conflitos, já que a presença dos forasteiros nem sempre é vista com bons olhos pelos locais, estimulando esta interação e troca de conhecimentos.

Os neorrurais locais e os neorrurais forasteiros têm uma característica em comum: “[...] o fato de romper com seus estilos de vida anteriores para iniciar uma nova experiência econômica e social relacionada à produção ecológica no campo” (CODONHO, 2015, p. 183). Nesta pesquisa, chama a atenção que os neorrurais locais revelaram que a proposta de produzir de forma alternativa à convencional foi proposta pelo “pessoal de fora”, referindo-se aos neorrurais forasteiros. O que motiva esta guinada, no entanto, é divergente.

As motivações que guiam essa escolha são, no entanto, diferenciadas para cada tipo social: se para os forasteiros essa opção tem a ver, em linhas gerais, com uma crítica à sociedade moderna e com uma vontade de reviver os valores do campo, onde pode-se ter uma vida mais saudável produzindo seus próprios alimentos livres de agrotóxicos, para os locais, se trata de uma percepção bem próxima da degradação do meio onde habitam suas famílias há gerações. Mais do que isso, é uma alternativa para não terem que migrar para a cidade, vista a possibilidade de ganhos financeiros mais vantajosos com a agricultura orgânica em relação à convencional (CODONHO, 2015, p. 188 e 189).

Apesar de compartilharem alguns objetivos, os locais e os forasteiros diferem quanto à percepção e lida com a natureza, sobretudo no que diz respeito à dependência econômica exclusiva ou complementar da domesticação da natureza, conforme descreve Codonho (2015).

Os primeiros consideram-na como algo a ser domesticado pelo homem para sua utilidade e produz-se satisfatoriamente dentro dessa lógica. Para os últimos, a natureza ao invés de ser servida passa a ser admirada por seu aspecto selvagem, mesmo que não possa ser domada para fins econômicos (CODONHO, 2015, p. 200).

Ainda sobre a interação entre os locais e os “de fora”, o pesquisador colombiano Méndez Sastoque (2012), um dos estudiosos sobre o tema na América Latina, observou que a interação entre os neorrurais e nativos motivam o interesse dos agricultores em adotar inovações como tecnologias de produção alternativas fundamentadas no menor uso de produtos químicos. Estas transformações, ressalta o autor, resultam do diálogo entre estes atores sociais e da conjunção de distintas formas de relacionar-se com a natureza.

De acordo com o estudo do pesquisador, os neorrurais lideram iniciativas como capacitação de manejo de resíduos sólidos, campanhas de reflorestamento e execução de inventários sobre a flora e fauna. São ideias de transformação social ligadas à adoção de valores socioambientais que podem orientar a construção de um espaço físico e social congruente com a nova concepção de “mundo rural ecologizado” (MÉNDEZ SASTOQUE, 2012, p. 121).

No estudo de Méndez Sastoque (2012), os neorrurais pretendem construir um projeto de vida alternativo, iniciativa que vai além da simples transferência de moradia e contempla integrar-se à vida da localidade, participar de assuntos comunitários e vivenciar relações de solidariedade, cooperação e ajuda mútua. Para além disso, dentro deste projeto e estilo de vida alternativo, o cenário rural também é um espaço produtivo onde é possível produzir de forma saudável alimentos para autoconsumo, bem como gerar alguns excedentes para o mercado. A agricultura é uma atividade propícia ao “[...] resgate, empoderamento e implementação de ações substantivas (éticas, moral, estética e ambiental) [...]” que podem contribuir para gerar novas formas de relacionamento entre homem, natureza e sociedade (MÉNDEZ SASTOQUE, 2012, p. 125, tradução nossa⁹).

Conscientes da necessidade de repensar e transformar as relações entre a produção agrícola e o meio ambiente, os neorrurais buscam um espaço de inovação social e encampam projetos de reconversão agroecológica. Segundo Méndez Sastoque (2012), os novos habitantes do campo buscam relações de proximidade entre produtores e consumidores adeptos às ideias de comércio justo, produção agroecológica e consumo consciente.

2.6 PERFIL E MOTIVAÇÕES DOS NEORRURAIS

Ao compreender o fenômeno do neorruralismo e o potencial de mudança dos neorrurais, é importante abordar algumas características dos novos habitantes do campo mencionadas no campo teórico. Para tanto, recorreremos a autores que pesquisaram sobre o perfil e as motivações das pessoas que migram da cidade para o campo, bem como dos neorrurais. Também auxiliam nesta construção autores que se dedicaram a elaborar uma tipologia na qual tais indivíduos podem ser categorizados mais detalhadamente.

Sem referir-se especificamente aos neorrurais, Nørgaard e Andersen (2012) detalham que entre os migrantes estão famílias com crianças pequenas, casais jovens, de meia idade e mais velhos, bem como indivíduos solteiros. De acordo com os autores holandeses, todos estes grupos fazem parte deste processo de reestruturação a longo prazo pelo qual passam as zonas rurais. Nørgaard e Andersen (2012) falam sobre a preferência por moradias isoladas com jardins em ambientes calmos e detalham a diferença entre os solteiros e as famílias:

⁹ “[...] la agricultura sería incorporada como una actividad propicia para el rescate, potenciación y puesta en práctica de valores sustantivos (éticos, morales, estéticos y ambientales) [...]”

Em geral, os solteiros são muito mais móveis do que casais e famílias com filhos. Mas é mais difícil para as pessoas solteiras migrarem para uma parte do país onde não tem uma rede social do que para as famílias com crianças (NØRGAARD; ANDERSEN, 2012, p. 34, tradução nossa¹⁰).

Carreira e emprego, saída do mercado de trabalho devido à aposentadoria, demanda por moradia, aproximação com a natureza, busca por mudança de estilo de vida e ou o desejo de voltar ao lugar onde cresceu são alguns dos motivos para a migração rural no contexto europeu, segundo Nørgaard e Andersen (2012). O apego ao lugar, à família e às redes sociais que fazem parte do lugar onde cresceram também são atrativos mencionados pelos autores. Em muitos países da Europa, é comum o governo dar incentivos para as pessoas da cidade migrarem para determinadas zonas rurais onde a habitação é mais barata. (NØRGAARD; ANDERSEN, 2012).

Baseado em dois estudos realizados em áreas rurais e periféricas na Dinamarca, o artigo de Nørgaard e Andersen (2012) apresenta alguns números: 29% dos pesquisados veio de grandes cidades, enquanto 23% residia em cidades de médio porte e 16% em pequenas cidades. Quanto à faixa-etária, 24% são jovens solteiros ou casais jovens, com menos de 30 anos de idade; outros 24% são casais e solteiros de meia idade; 22% são famílias com filhos; e 8% são casais ou solteiros mais velhos, com mais de 60 anos. Ao todo, 51% tem emprego. Só 10% concluiu o ensino universitário, mas 38% concluíram o ensino profissionalizante. Entre os principais motivos apontados pelos autores holandeses para a migração rural estão o ambiente verde (71% considera muito importante) e seguro (52,5%). Como motivação, aparecem também o menor custo de habitação (32,9%) e a proximidade da família e de amigos (27,5%).

A argentina Julieta Quirós (2017) descreve a heterogeneidade dos neorrurais, enumerando que “os que vêm” são jovens, adultos jovens, adultos maduros, aposentados, casados, divorciados, em casais, sozinhos, com filhos, sem filhos ou com filhos “por vir”. Segundo a autora, estas pessoas não vão ao campo em busca de melhores condições econômicas e nem em busca de trabalho, constituindo uma modalidade de migração interna atípica. São “[...] pessoas que não querem progresso [...]” e que buscam “[...] regressar às formas em que, alguma vez, seus pais, avôs, bisavôs souberam viver [...]” (QUIRÓS, 2017,

¹⁰ “In general, singles are much more mobile than couples and families with children. But it is more difficult for single people to migrate to a part of the country where they do not have a social network, than it is for families with children.”

p. 18, tradução nossa¹¹). Na Argentina, nos anos 2000, ir viver no interior passou a fazer parte do horizonte de possibilidades das classes médias urbanas e suburbanas, sendo que a crise de 2001 foi o ponto de inflexão, avalia Quirós (2017). Segundo a autora, a migração neorrural é formada por uma multiplicidade de classes médias¹², mas é decididamente branca (QUIRÓS, 2017).

Conforme a autora, junto ao pioneiro sul da Patagônia, novos destinos estão sendo aglutinadores desta peculiar migração, entre eles pequenas cidades e vilas do norte e noroeste do país, mas também as da província de Buenos Aires, do centro da Argentina, e das pequenas cidades serranas do interior de Córdoba. Ainda segundo Quirós (2017), a preservação e o cuidado com o lugar escolhido para viver é uma questão de extremo valor para este migrante.

Os neorrurais da Argentina têm consciência social e apostam em transformações coletivas. São progressistas e, em alguns casos, até militantes em suas versões liberais, esquerdistas, ecologistas e anarquistas. Pessoas que encontram nas atividades do campo “[...] a possibilidade de construir uma economia autossuficiente, livre de consumo e consumismo” (QUIRÓS, 2017, p. 23 e 24, tradução nossa¹³). São indivíduos que conhecem na própria pele os danos irreversíveis do progresso e estão dispostos a fazer valer seus direitos para resistir.

Em uma abordagem mais específica, os pesquisadores espanhóis Morillo e Pablos (2016) classificaram os novos habitantes do campo em duas categorias: os pragmáticos e os utópicos. Os neorrurais pragmáticos vislumbram no rural uma possibilidade de desenvolver um novo projeto de vida, com mais contato com a natureza, tranquilidade, ar puro e liberdade aliados ao consumo de produtos naturais. Segundo os autores, neste caso a ruptura com a cidade está associada à perda do emprego ou à insatisfação com o trabalho urbano. Já os neorrurais utópicos têm como ideal uma vida simples e a autossuficiência. Estão mais dispostos a renunciar às comodidades e confortos que desfrutaram durante o período em que viveram na cidade. “Os neorrurais, com sua capacidade de ensaiar formas de vida, se atrevem a fazer isso acontecer, tentando se libertar das opressões externas: muitos deles, sobretudo os utópicos, foram rebeldes desde jovens” (MORILLO; PABLOS, 2016, p.105).

¹¹ “Gente que no quiere progreso — se saturó de sus secuelas o de buscarlo sin éxito— sino regreso: regresar a las formas en que, alguna vez, sus padres, abuelos, bisabuelos, supieron vivir.”

¹² A autora especifica, citando: “medias chetas, medias plebeias, medias laburantes, medias metropolitanas, suburbanas e provincianas” (QUIRÓS, 2017, p. 35).

¹³ “[...] esta gente encuentra en las actividades de campo (y de modo general en el desarrollo de todo tipo de home-made) la posibilidad de construir una economía autosuficiente, libre de consumo y consumismo”.

Os autores espanhóis observam que os traços da vida neorrural, como o amor pelo campo e a afeição por uma vida mais simples em contato com a natureza, indicam que estes atores sociais são criadores de um autêntico estilo de vida. “Um destes traços comuns é a presença do que poderíamos denominar de sonho, um ideal que se concretiza em primeiro lugar na vontade de realizar um projeto de vida vinculado ao campo e à natureza, portanto, ao imaginário rural” (MORILLO; PABLOS, 2016, p. 97).

A necessidade de domínio sobre o próprio tempo se manifesta pela ruptura com determinadas práticas da vida urbana, sem estresse e com horários flexíveis, avaliam os autores. "Se repudia um modo de vida percebido como opressivo, que pressiona a viver prisioneiro de uma rotina"¹⁴ (MORILLO; PABLOS, 2016, p. 100). Neste sentido, concluem os autores, os neorrurais não se resignam e são críticos da sociedade de consumo.

Para identificar algumas das possíveis motivações dos neorrurais, também nos inspiramos em artigo de Méndez Sastoque (2013), que apresenta uma proposta tipológica dos novos habitantes do campo. No trabalho, fundamentado em um estudo de caso realizado na zona rural do município de Manizales, na Colômbia, o autor identificou fatores que estimularam a migrar da cidade para o campo, classificando os neorrurais em quatro perfis.

O primeiro deles são os *neorrurais por atração comparativa*: pessoas ou famílias de classe média-alta para quem viver no campo representa reconstruir parte do que foi perdido na cidade. Insatisfeitas com a rotina na zona urbana, buscam sensações de liberdade, naturalidade e simplicidade, além da possibilidade de produzir parte dos alimentos que consomem. Veem o rural como espaço propício para mais qualidade de vida e bem-estar.

No estudo, também aparecem os *neorrurais por atração econômico produtiva*: pessoas ou grupos que deixam a cidade porque veem no campo uma oportunidade econômica associada à produção agropecuária ou à prestação de serviços à população urbana, oportunidades ligadas à revalorização dos espaços rurais.

A tipologia ainda identificou os *neorrurais por expulsão*: pessoas ou grupos de baixa escolaridade que deixaram a cidade devido a uma condição de vulnerabilidade social. A decisão de viver no campo é um refúgio para evitar situações indesejáveis, como a pobreza e a violência. Em geral, combinam ocupações urbanas com trabalhos agropecuários.

No caso desta dissertação, o perfil que apresenta maior afinidade com o objeto de estudo é o dos *neorrurais por atração ético-política*: indivíduos ou grupos que habitam o

¹⁴ "Se repudia un modo de vida percibido como opresivo, que empuja a vivir presos de la rutina" (MORILLO e PABLOS, 2016, p. 100).

campo para praticar a solidariedade e mudar uma realidade. Acreditam que o rural é um espaço dominado pela mentalidade mercantil produtivista. É justamente a oposição a este pensamento visto como dominante que justifica a opção por morar no campo. São pessoas que estão à frente de iniciativas e ações criativas que geram mudanças, “[...] fazendo prevalecer a liberdade de escolha sobre as imposições” (MÉNDEZ SASTOQUE, 2013, p. S039, tradução nossa¹⁵). O objetivo é construir formas alternativas de relações e fazer transformações sociais.

Esta categoria é subdividida em dois grupos: os *neorrurais agroecologistas* e os *neorrurais altruístas*.

Segundo Méndez Sastoque (2013), os neorrurais altruístas veem o rural como espaço físico-social para realização profissional e buscam gerar maior bem-estar social por meio de ações altruístas ou filantrópicas. Prestam assistência técnica, estabelecem planos de manejo ambiental ou ensinam as crianças e jovens rurais. Valorizam de forma positiva o que significa ser campesino e a agricultura familiar, por isso estimulam que descubram suas potencialidades em meio a um contexto social geralmente hostil.

Os neorrurais agroecologistas veem o rural como espaço de inovação social passível de “[...] uma mudança nas relações entre indivíduo, natureza e sociedade, centrada em tomar uma posição sobre os desequilíbrios causados pela dinâmica capitalista de mercado [...]” (MÉNDEZ SASTOQUE, 2013, p. S040, tradução nossa¹⁶). Além de lutarem contra a dinâmica capitalista de mercado, buscam promover a autonomia e a independência econômica, política e cultural, bem como o diálogo dos saberes. Solidariedade, ajuda mútua e fraternidade são alguns dos valores que norteiam a interação dos neorrurais agroecologistas. Segundo Méndez Sastoque (2013), são críticos do modelo baseado no uso de insumos químicos no processo de produção. Por isso buscam, por meio da produção ecológica de alimentos, um modelo “[...] ecologicamente adequado, socialmente mais justo e economicamente viável” (MÉNDEZ SASTOQUE, 2013, p. S040, tradução nossa¹⁷).

Segundo Méndez Sastoque (2012), por serem adeptos à inovações, abrem espaço para estrangeiros, em sua maioria europeus, que têm interesse em fazer intercâmbio para aprendizagem e troca de experiências por meio de uma rede de organizações nacionais que

¹⁵ “[...] haciendo prevalecer la libertad de elección sobre las imposiciones.”

¹⁶ “[...] un cambio en las relaciones entre individuo, naturaleza y sociedad, centrado en tomar partido sobre los desequilibrios causados por la dinámica capitalista de mercado [...]”

¹⁷ “[...] establecer un modelo socioprodutivo ecológicamente apropiado, socialmente más justo y económicamente viable, pretensión totalmente coherentes con su forma de significar y experimentar el modo de vida rural.”

promovem o trabalho de voluntariado chamada World-Wide Opportunities on Organic Farms (WWOOF). A iniciativa viabiliza o contato entre as propriedades rurais que oferecem hospedagem e ensino de técnicas ecológicas com os interessados em troca de mão de obra.

[...] os neorrurais assumem o papel de sujeitos atuantes, ou seja, com capacidade de adaptar e transformar a realidade encontrada, ou pelo menos influenciar, com suas ações e argumentos, na reafirmação ou questionamento de outras versões sobre o que significa viver o rural, viver no rural e viver do rural [...] (MÉNDEZ SASTOQUE, 2012, p. 128, tradução nossa¹⁸).

Em um contexto brasileiro, conforme pontuou Codonho (2015), os neorrurais chamados por ela de forasteiros – categoria que se assemelha aos participantes da presente dissertação – carregam consigo uma forte aspiração de pertença social, característica esta que se evidencia em seu envolvimento político na formação de associações, por exemplo. Outra conclusão da autora é que a dependência econômica raramente vem exclusivamente do campo, e um dos motivos é que as suas relações sociais e familiares ultrapassam o espaço rural. Portanto, “[...] sua preocupação não é manter a terra para os seus descendentes, mas viver o presente com qualidade de vida” (CODONHO, 2015, p. 203).

O estudo de Sheila Peirot Paz (2017), que pesquisou os neorrurais agroecológicos no município de Santo Antônio da Patrulha, próximo ao litoral do Rio Grande do Sul, indica que estes atores do desenvolvimento rural sustentável procuram ambientes para concretização de outras formas de ver a vida. Segundo a autora, a adoção de práticas agroecológicas parece estar associada com os motivos que os levam ao meio rural:

[...] indo desde uma espécie de retorno às vivências infantis, nas propriedades de seus familiares, passando pela procura por um modo mais saudável de vida, com preocupação e ressignificação quanto a alimentação e o próprio trabalho, até a visão de um potencial produtivo que considera as questões ambientais, sociais e culturais (PAZ, 2017, p. 16).

Neste contexto de ressignificação do trabalho, Giuliani (1997) observou que os neorrurais desenvolvem uma certa "vocação profissional" em contraste com trajetórias de vida urbanas. “Nestes casos, o que parece ter maior peso em um processo de profissionalização não seria a origem e a tradição, mas as motivações e condições individuais que orientam as escolhas de vida” (GIULIANI, 1997, p. 109).

¹⁸“...los neorrurales asumen el papel de sujetos actuantes, es decir, con capacidad de adaptar y transformar la realidad encontrada, o por lo menos de influir, a partir de sus acciones y argumentos, sobre la reafirmación o puesta en duda de otras versiones sobre lo que significa vivir lo rural, vivir en lo rural y vivir de lo rural...”

Méndez Sastoque (2013) avaliou que a emergência de novos habitantes do campo representa a revalorização do rural como espaço alternativo de vida onde é possível encontrar “válvulas de escape” da cidade. Segundo o autor verificou, as condições econômicas, as situações de violência, de desigualdade e de degradação social contemporânea urbana são fatores que também motivam este fluxo de pessoas, junto com o idílio rural e o imaginário urbano sobre como é viver no rural.

Todo este contexto indica uma “[...] revalorização do rural como lugar de trabalho e de vida” (WANDERLEY, 2009, p. 308). Este movimento vai ao encontro do que já ocorre nos países do Primeiro Mundo, onde “[...] o espaço rural tende a ser cada vez mais valorizado por tudo o que ele opõe ao artificialismo das cidades”, nas palavras de Veiga (2002, p. 95). Quem sabe esta seja uma nuance do “renascimento rural”¹⁹ que, segundo Wanderley (2009), é um processo reforçado pela crise do modo de vida urbano e que pode contribuir para a reversão da tendência histórica de esvaziamento do meio rural.

A seguir, será apresentada uma síntese dos autores que contribuíram em cada uma das temáticas da presente revisão teórica. No quadro 1, estão relacionados os estudiosos que auxiliaram na construção do debate sobre o contexto rural-urbano, o rural como construção social e a contraurbanização, considerando as realidades brasileira, latino-americana, europeia e norte-americana.

Quadro 1 - Revisão teórica: Debate sobre rural-urbano, construção social e contraurbanização

| Origem | Autores | Temas |
|----------------|--|-------------------|
| Brasil | DEL GROSSI; GRAZIANO DA SILVA; CAMPANHOLA (2001) KAGEYAMA (2008) MAIA; BUAINAIN (2015) SANTOS (1993) SILVA (2009) SINGER (2012) VEIGA (2003) WANDERLEY (2003) | Campo X Cidade |
| América Latina | MÉNDEZ SASTOQUE (2012) | Construção social |
| | RATIER (2002) | Contraurbanização |
| Europa | MINGIONE; PUGLIESE (1987) NØRGAARD; ANDERSEN (2012) TORRE; WALLET (2016) | Campo X Cidade |
| | CALHEIROS; DUQUE (2012) | Contraurbanização |
| EUA | BROWN; SCHAFFT (2011) | Campo X Cidade |

Fonte: elaborado pela autora com base na revisão teórica.

¹⁹ Conceito abordado pelo geógrafo francês Bernard Kayser, em 1972 (apud WANDERLEY, 2009).

No quadro 2, são apresentados os autores que contribuíram para o diálogo sobre desenvolvimento sustentável, desenvolvimento rural sustentável e agroecologia, considerando as perspectivas brasileira e latino-americana.

Quadro 2 - Revisão teórica: Debate sobre desenvolvimento sustentável, desenvolvimento rural sustentável e agroecologia

| Origem | Autores | Temas |
|----------------|---|--|
| Brasil | ALTIERI (2015) MOREIRA; CARMO (2004) | Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável |
| | ASSIS (2006) CAPORAL; COSTABEBER (2000) COSTA (<i>et al.</i> 2015) FEIDEN (2005) JESUS (2005) SILIPRANDI (2015) | Agroecologia |
| | ABRAMOVAY (2010) ALMEIDA (2009) SACHS (2002; 2004) VEIGA (2010) | Desenvolvimento sustentável |
| | LEFF (2002) | Desenvolvimento sustentável |
| América Latina | GUZMÁN (2005) | Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável |

Fonte: elaborado pela autora com base na revisão teórica.

No quadro 3, estão relacionados os pesquisadores que auxiliaram na construção do debate sobre neorrurais, migração urbano-rural, perfil e motivações dos novos habitantes do campo, considerando as realidades brasileira, latino-americana e europeia.

Quadro 3 - Revisão teórica: Debate sobre neorrurais, migração urbano-rural, perfil e motivações

| Origem | Autores | Temas |
|----------------|---|------------------------------------|
| Brasil | CARNEIRO (1998) CODONHO (2015) GIULIANI (1990; 1997) PAZ (2017) VARGAS (2002) VEIGA (2002) | Neorrurais |
| América Latina | QUIRÓS (2017) MÉNDEZ SASTOQUE (2012; 2013) RATIER (2002) | Neorrurais |
| Europa | CALVÁRIO; OTERO (2016) MORILLO; PABLOS (2016) NØRGAARD; ANDERSEN (2012) | Neorrurais e migração urbano-rural |

Fonte: elaborado pela autora com base na revisão teórica.

No próximo capítulo, serão abordados os procedimentos metodológicos que nortearam a realização desta pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As escolhas feitas ao longo das jornadas nem sempre são fáceis. Na vida ou no mundo acadêmico, são elas que pautam os caminhos que serão percorridos. No que diz respeito às questões metodológicas, este percurso torna-se mais complexo ainda no caso dos que retornam à universidade tardiamente, mais de uma década depois de concluir a graduação. Em meio às dúvidas relacionadas aos procedimentos metodológicos a serem adotados, existia uma certeza da qual não era possível abrir mão: o desejo de usar a entrevista como técnica de pesquisa para ouvir e contar histórias.

Para Gil (1999), a entrevista é uma forma de interação social e, mais especificamente, uma forma de diálogo assimétrico que busca entender o que as pessoas sentem ou desejam. Ao coletar informações, complementa Duarte (2004), o pesquisador oferece ao interlocutor a oportunidade de refletir sobre si mesmo, pensar sobre a sua história e os seus valores, dando à vida um novo sentido. “Quando realizamos uma entrevista, atuamos como mediadores para o sujeito apreender sua própria situação de outro ângulo, conduzimos o outro a se voltar sobre si próprio” (DUARTE, 2004, p. 220).

A metodologia desta pesquisa foi construída tendo a entrevista como ponto de partida. Neste capítulo, serão abordadas as escolhas metodológicas realizadas para obter respostas que auxiliem o alcance do objetivo geral, que é investigar quem são e o que motiva os neorrurais agroecologistas da RAMA na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável, e dos objetivos específicos, que é descrever o perfil socioeconômico dos participantes e das unidades de produção, classificar as motivações para a migração urbano-rural na dimensão e ambiental, social e econômica, e analisar as motivações expressas por meio das falas nas entrevistas, de acordo com o referencial teórico. Também serão apresentados o objeto de pesquisa, com detalhamento sobre o local escolhido para o estudo, e os participantes.

Nesta investigação, os neorrurais – também denominados novos habitantes do campo – são definidos como migrantes voluntários de anterior residência urbana que decidem mudar-se para o rural mobilizados por bases ideológicas definidas a partir de uma inconformidade com o modelo de vida citadino. São atores com potencial de gerar mudanças que transcendem o indivíduo, por meio de práticas cotidianas de vida que repercutem sobre a dinâmica social-comunitária da qual fazem parte (MÉNDEZ SASTOQUE, 2012).

Sobre a definição de neorrural adotada nesta investigação, o conceito do autor colombiano Méndez Sastoque é o que melhor se aplica à realidade dos participantes deste estudo, resguardadas algumas particularidades. Contudo, o universo desta pesquisa contempla entrevistados com características que, em alguns momentos, ultrapassam esta definição predominante. Um exemplo são os participantes que já desenvolvem atividades voltadas à produção de alimentos no rural mas ainda residem no urbano por estarem em processo de transição. Nesta investigação, estes também são considerados neorrurais.

Para agregar aspectos destacados na revisão teórica e abarcar a realidade encontrada em campo, define-se como neorrurais agroecologistas os indivíduos que migraram do urbano para o rural e que no momento da pesquisa desenvolviam atividade agrícola adotando a agroecologia, indo ao encontro da perspectiva de Méndez Sastoque (2013), que aborda a crítica desta categoria em relação ao uso de agrotóxicos na produção. Ainda segundo o autor colombiano, os neorrurais agroecologistas veem o rural como espaço que pode ressignificar as relações entre indivíduo, natureza e sociedade, possibilitando um equilíbrio difícil de ser encontrado na cidade, em meio a uma dinâmica capitalista, sendo norteados pela autonomia. Em geral, valorizam o diálogo dos saberes, a solidariedade e a ajuda mútua. Estes conceitos também se aplicam aos participantes desta pesquisa.

A partir da tipologia abordada por Méndez Sastoque (2013), conforme apresentado na revisão teórica, também pode-se considerar que os neorrurais agroecologistas participantes deste estudo apresentam características em comum com outros tipos. Um exemplo é a busca por mais qualidade de vida e bem-estar, pelas sensações de liberdade e simplicidade, e pela possibilidade de produzir os alimentos que consomem, descrição atribuída aos neorrurais por atração comparativa. E também o fato de verem a migração da cidade para o campo como uma oportunidade econômica, característica identificada pelo autor colombiano entre os neorrurais por atração econômico produtiva.

Nas próximas seções, serão detalhadas a abordagem e o tipo de pesquisa, bem como o local do estudo, a amostra e as técnicas de pesquisa utilizadas.

3.1 ABORDAGEM E TIPO DE PESQUISA

A abordagem da presente pesquisa será qualitativa e quantitativa do tipo exploratória-descritiva. A escolha do método qualitativo ocorreu porque uma das preocupações desta

investigação é aprofundar informações sobre os neorrurais e compreender a dinâmica destes atores no desenvolvimento rural sustentável (GERHARDT *et al.*, 2009).

Considerando que este estudo buscou ouvir pessoas para entender como ocorre o fenômeno do neorruralismo, a abordagem qualitativa permitirá capturar diferentes significados das experiências vivenciadas pelos indivíduos, bem como as relações entre eles e o contexto no qual estão inseridos. Conforme sintetiza Minayo (2012, p. 623), “[...] o verbo principal da análise qualitativa é compreender”. Tal pensamento contribui para tentar entender quais são os sentimentos e percepções que motivam este fenômeno.

Também optou-se pelo uso do método quantitativo, pois a intenção é realizar perfil socioeconômico das famílias, bem como classificar as motivações. Embora as pesquisas qualitativas e quantitativas sejam de natureza diversa, elas se complementam. “Uma trata da magnitude dos fenômenos, a outra, da sua intensidade. Uma busca aquilo que se repete e pode ser tratado em sua homogeneidade, a outra, as singularidades e os significados” (MINAYO, 2017, p. 3).

3.2 LOCAL DO ESTUDO, AMOSTRA E UNIDADES DE ANÁLISE

O primeiro passo foi fazer uma pesquisa exploratória, junto ao escritório da Emater de Porto Alegre, para o mapeamento de possíveis participantes na zona rural da Capital e de Viamão, locais estes onde é conhecida a existência de neorrurais. Por meio de conversas com diversos informantes, de prefeituras e universidade, também foi relatada a ocorrência do fenômeno em outros municípios, entre eles Maquiné, próximo ao litoral gaúcho, onde há projetos voltados à agroecologia, e Garibaldi, onde há um empreendimento de turismo rural chamado Via Orgânica¹.

Considerando a ocorrência do fenômeno, somada aos fatores proximidade e tempo, os locais escolhidos para fazer a investigação foram a Zona Sul de Porto Alegre, que possui uma vasta área rural com diversas iniciativas voltadas à agricultura e também a atividades rurais não-agrícolas; e a zonal rural de Viamão, na região metropolitana da Capital, que

¹ Nesta etapa, foram identificados 30 unidades familiares de neorrurais a serem visitados, sendo 13 em Porto Alegre, nove em Viamão, cinco em Maquiné e três em Garibaldi. O propósito era visitar, conversar e conhecer a história de todas elas, para contemplar diferentes contextos e realidades. Entretanto, a meta era maior do que o tempo que de fato se tinha para desenvolver a dissertação. Com as contribuições da banca de qualificação do projeto de pesquisa, que ocorreu em abril de 2019, foram feitos alguns ajustes e um deles foi a redução do número de municípios a serem pesquisados. A partir desta nova delimitação, optou-se por realizar a pesquisa somente em Porto Alegre e Viamão.

consiste em uma continuidade, ou transbordamento, da Zona Sul de Porto Alegre. O informante-chave nestes dois municípios era o mesmo extensionista rural da Emater Porto Alegre e colaborador técnico da RAMA, que reúne produtores agroecológicos da região metropolitana da Capital, fato este que culminou para que o estudo tivesse foco nos neorrurais agroecologistas da associação.

A partir desta nova delimitação, a amostra do tipo intencional não probabilística foi reduzida de 30 possíveis participantes, inicialmente dos quatro municípios, para 22 participantes, de Porto Alegre e Viamão, todos neorrurais associados à RAMA, em sua maioria atendidos pela Emater, que já trabalhava com o conceito de neorrural. Tanto para a Emater quanto para a RAMA, os neorrurais são “[...] profissionais liberais ou trabalhadores urbanos de tempo parcial” que “[...] conciliam atividades na cidade com atividades produtivas em suas propriedades” (CRUZ *et al.* 2016, p. 219). Neste contexto, é importante ressaltar que a Associação dos Produtores da Rede Agroecológica Metropolitana (RAMA) reúne produtores agroecologistas de origem rural e urbana, ou seja, muitos têm suas origens na agricultura, logo, nem todos são neorrurais.

Os contatos para agendamento e realização das entrevistas ocorreram seguindo a ordem de uma lista fornecida pelo informante-chave. No decorrer do período das saídas de campo, esta lista passou por alguns acréscimos ou substituições em função da lembrança de nomes que poderiam agregar, contemplando ao final um total de 22 unidades de produção com neorrurais – sendo treze em Porto Alegre e nove em Viamão. Destas, 21 são certificadas como agroecológicas, somente uma não.

Para definir o número de participantes, foi usada a técnica da saturação das informações. De acordo com Minayo (2017), o termo refere-se ao momento em que a coleta de novos dados não traria mais esclarecimentos para o objeto estudado. Apesar de haver questionamentos sobre o método, sobretudo nas pesquisas qualitativas, a autora acredita que “[...] o parâmetro para esses questionamentos são as regras da ciência hegemônica cujos cálculos estatísticos e os procedimentos a eles inerentes são considerados os meios corretos e fidedignos de verificação e de busca da verdade” (MINAYO, 2017, p. 2).

Usando o critério da saturação, se chegou a um total de 17 entrevistas. Este universo engloba 22 pessoas participantes de 17 unidades de produção (UP) – onze da zona rural de Porto Alegre e seis da zona rural de Viamão. Na maioria dos casos, a conversa contemplou um único representante da família. Entretanto, em algumas situações a entrevista foi

concedida pelo casal. Em uma situação, três pessoas de uma mesma unidade – casal e filho adulto – conversaram com a pesquisadora.

Desta forma, ao longo deste estudo, por vezes a pesquisadora utiliza os termos famílias e, eventualmente, entrevistas e propriedades para se referir às UPs. Em outros momentos, para fazer menção aos neorrurais de forma individual, são utilizadas as expressões novos habitantes rurais e entrevistados, conforme mostra a tabela 1, que tem como objetivo facilitar a compreensão de conceitos que se aproximam.

Tabela 1 – Amostra da pesquisa e unidades de análise – variações eventuais que ocorrem de acordo com o contexto e com os dados coletados

| Amostra | Unidades de análise |
|---------|--|
| 22 | Neorrural, neorrurais, novos habitantes rurais, entrevistado(s) |
| 17 | Unidade(s) de Produção (UP/UPs), propriedade(s), entrevista(s), família(s) |

Fonte: elaborado pela autora com base na revisão teórica.

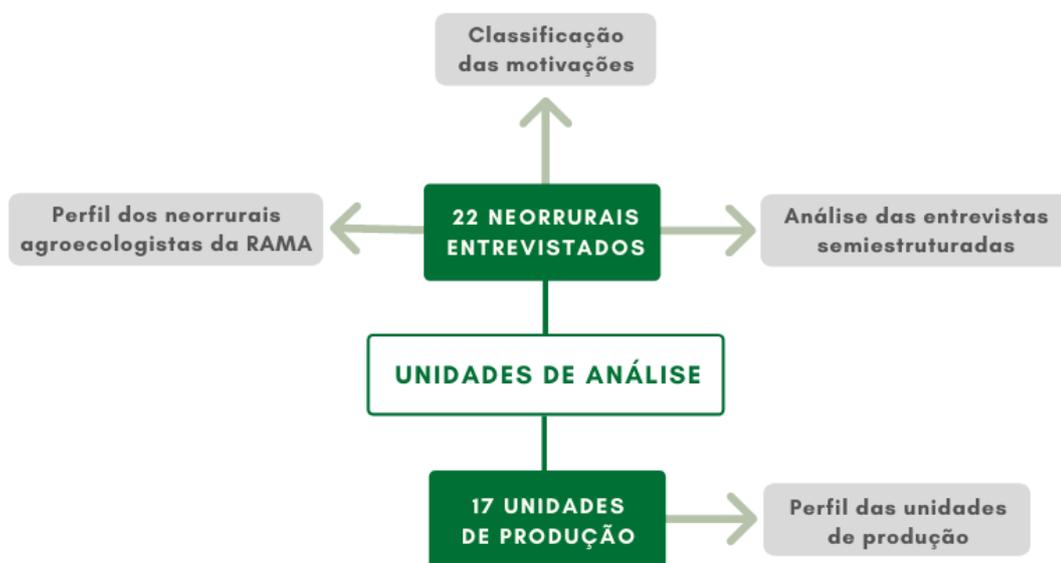
Os neorrurais agroecologistas da RAMA são a principal unidade de análise desta pesquisa. Contudo, é importante ressaltar que na apresentação dos resultados as unidades de análise variam de acordo com o contexto e com a disponibilidade de dados.

No perfil dos neorrurais agroecologistas da RAMA, conforme sugere o título, a unidade de análise são os neorrurais. Da mesma forma no perfil das unidades de produção, seção em que a unidade de análise predominante é a UPs.

A classificação das motivações teve como unidade de análise os neorrurais agroecologistas da RAMA. Por fim, a análise das entrevistas semiestruturadas também teve os neorrurais como unidade de análise preponderante.

Em todos os casos que esta configuração não se manteve, esta observação é sinalizada no texto. A figura 1 explicita as unidades de análise deste estudo por meio de um mapa mental que complementa a tabela 1.

Figura 1 - Mapa mental das unidades de análise da pesquisa



Fonte: elaborado pela autora com base na metodologia desta pesquisa.

Na próxima seção, serão apresentadas as técnicas de pesquisa utilizadas na construção da presente dissertação.

3.3 TÉCNICAS DE PESQUISA

O procedimento de coleta de dados utilizou a técnica de entrevista do tipo semiestruturada, na qual “[...] o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal” (GERHARDT *et al.*, 2009, p. 72). Tal escolha foi feita pela preocupação de deixar os participantes mais à vontade do que ficariam se os questionamentos fossem formulados com maior rigidez e também para qualificar os dados produzidos e ampliar as abordagens dos relatos. De acordo com Minayo (2012):

Num trabalho de campo profícuo, o pesquisador vai construindo um relato composto por depoimentos pessoais e visões subjetivas dos interlocutores, em que as falas de uns se acrescentam às dos outros e se compõem com ou se contrapõem às observações. É muito gratificante quando ele consegue tecer uma história ou uma narrativa coletiva, da qual ressaltam vivências e experiências com suas riquezas e contradições. (MINAYO, 2012, p. 623)

O roteiro das entrevistas, que foram realizadas *in loco*, na maioria das vezes na propriedade rural, e em alguns casos em locais públicos como cafeterias, contou com questões abertas e fechadas. Após a qualificação do projeto, foi feito um pré-teste do instrumento de pesquisa com quatro participantes. Nesta fase, foi possível verificar a aplicabilidade e fazer os ajustes necessários para dar seguimento ao estudo.

No início da entrevista, foram apresentados aos participantes os objetivos da pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), declarando o consentimento para participar do estudo. Todos os entrevistados assinaram o documento, mas somente um fez questão de ficar com uma cópia do termo. Também foi solicitada autorização do participante para que a conversa fosse gravada – recurso que viabilizou fazer a transcrição de todas as entrevistas.

No primeiro momento, foi feita entrevista semiestruturada com questões abertas (Apêndice B – blocos 1 e 2) que buscavam entender as motivações dos neorrurais, as percepções sobre o ambiente rural e as relações sociais estabelecidas no lugar escolhido.

Na sequência, para obtenção de dados socioeconômicos dos participantes, foi utilizado um formulário com questões fechadas (Apêndice B – blocos 3, 4 e 5). As informações obtidas nesta etapa receberam tratamento quantitativo, com a utilização de estatística descritiva, especialmente análise de frequência, considerado a participação percentual, bem como a média observada na amostra.

Por fim, para mensurar as motivações mapeadas antes do trabalho de campo, com base na literatura disponível, foi utilizada uma escala do tipo Likert, usada para medir indicadores de importância na tomada de decisão (BARBIERI, 2010, p. 5). Desenvolvido há quase um século, em 1932, pelo pesquisador Rensis Likert, este é um instrumento utilizado por diversas áreas de conhecimento.

A escala do tipo Likert permite mensurar simultaneamente o sentido e a intensidade de uma atitude (LUCIAN; DORNELAS, 2015). Nesta escala, o entrevistado indicou qual é o seu grau de concordância em relação a fatores que possivelmente motivaram a tomada de decisão. Tais razões foram classificadas de 1 a 5 pelo participante, de acordo com o nível de importância: 1 para não relevante, 2 para pouco relevante, 3 para neutro, 4 para relevante e 5 para muito relevante (Apêndice B – bloco 6).

A escolha pela escala de cinco categorias deve-se ao fato de ser a mais popular, e também por consistir em um grau de dificuldade intermediário, que permite respostas

satisfatórias, ao mesmo tempo em que não são tão exaustivas se comparado a uma escala de sete ou nove categorias, por exemplo.

Quanto mais verdadeira for a afirmação, maior o número atribuído àquele motivo. Para auxiliar o participante a lembrar das opções, foi oferecido um cartão resposta para consultar as alternativas. Por meio deste instrumento, foi possível elaborar ranking da importância de cada uma das motivações ambientais, sociais e econômicas.

As técnicas de entrevista, escala Likert e formulário foram complementadas pelos registros fotográficos feitos durante as saídas de campo. As fotografias obtidas não serão analisadas, mas servirão como técnica complementar à coleta de dados. O objetivo foi fazer registros da paisagem e do ambiente rural, bem como das atividades desenvolvidas pelos neorrurais para complementar as informações coletadas.

3.4 OBJETO DE ESTUDO

Os participantes deste estudo são homens e mulheres, com idade entre 29 e 76 anos, em sua maioria com formação de nível superior. No que diz respeito à configuração das famílias, há pessoas sozinhas, em geral solteiras ou separadas, mas também uma viúva, além de casais sem filhos e com filhos. A escolha de deixar o urbano, em maior ou menor grau, para viver no rural, é a característica que todos têm em comum, recorte este definido *a priori*.

Fazem parte do grupo pessoas que já transferiram moradia e trabalho do urbano para o rural, mas também alguns que se encontram em processo de transição, ou seja, que ainda residem na cidade, porque estão ligadas a profissões urbanas, mas que têm no rural uma segunda residência onde estão envolvidas com atividades agrícolas. Também há casos em que o participante ainda trabalha na cidade mas já transferiu moradia para o campo, onde também executa atividade econômica relacionada ao setor rural. Este foi um recorte definido *a priori* que se confirmou durante o mapeamento dos participantes e se consolidou na etapa da coleta de dados.

Todos os entrevistados trabalham com a terra, ou seja, estão ligados a algum tipo de produção agrícola – para dialogar de forma mais próxima com o desenvolvimento rural, desde o projeto de pesquisa este também era um dos critérios para o mapeamento dos neorrurais que fariam parte deste estudo. Portanto, trata-se de um estudo de caso focado nos agricultores orgânicos e agroecológicos da RAMA, cuja história e contexto atual serão apresentados com mais detalhes ainda neste capítulo.

Os contatos com os neorrurais agroecologistas da RAMA foram feitos com a mediação de dois informantes-chave da Emater em Porto Alegre – um extensionista rural e uma extensionista social – ambos colaboradores técnicos da associação.

3.4.1 Pioneiros na produção orgânica na região metropolitana

Retomando o debate iniciado na revisão teórica desta pesquisa, o Rio Grande do Sul foi um dos estados pioneiros na transição agroecológica. Tal feito deve-se a políticas públicas e iniciativas de extensão rural que viabilizaram mudanças na década de 1990. Em Porto Alegre, a discussão sobre a produção agroecológica começou em 1997 e teve como um de seus resultados a organização da Associação de Produtores Ecologistas do Lami (APEL), que inicialmente contava com a participação de nove famílias (RAMA, 2014).

Segundo registra o estatuto da RAMA, com a crescente demanda por produtos livres de resíduos químicos, somada à conscientização de outros agricultores e ao apoio da Emater, na época formaram-se outros grupos na região Sul da Capital: Associação dos Produtores Rurais Ecológicos da Zona Sul (Apresul), Essência da Terra, Herdeiros, Jeito Natural, Portal da Mãe Terra, Pró-Lami e Quilombo dos Alpes.

A organização destes grupos foi incentivada pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, por meio do Centro Agrícola Demonstrativo (CAD), e pela Emater, que com o apoio do Centro Ecológico de Ipê prestaram assessoria técnica que fomentou a produção de base ecológica na Capital, conforme recorda Cruz (*et al.* 2016), que destaca também a adjacência entre as propriedades, bem como as relações pessoais estabelecidas.

Em virtude da proximidade geográfica entre os produtores do bairro Lami e produtores de Viamão, município vizinho de Porto Alegre, do apoio técnico e das dinâmicas de formação e funcionamento dos grupos, a iniciativa passou a influenciar também agricultores ecológicos deste município vizinho, de modo que novas associações de produtores foram formadas (CRUZ *et al.* 2016, p. 218).

Mais de uma década depois, em 2010, também com o apoio da Emater, surgiu a Rede Agroecológica de Viamão. Nesta época, estava se consolidando no país a legislação de orgânicos (BRASIL, 2017a; BRASIL, 2017b; BRASIL, 2017c; BRASIL, 2019b). O MAPA publicou as instruções normativas nº 17, 18 e 19, de maio de 2009. A primeira apresentou as normas técnicas para a obtenção de produtos orgânicos oriundos do extrativismo sustentável orgânico; a segunda aprovou o regulamento técnico para o processamento,

armazenamento e transporte de produtos orgânicos; e a terceira instituiu mecanismos de controle e informação, bem como formas de organização para obtenção da certificação.

Para poderem comercializar seus produtos como orgânicos, os produtores precisavam estar cadastrados no MAPA. Considerando a realidade dos produtores agroecológicos da Zona Sul de Porto Alegre e de Viamão, que na época comercializavam direto ao consumidor por meio de feiras ecológicas, em 2010 o escritório da Emater em Porto Alegre encampou a causa e priorizou o cadastramento dos produtores e produtoras familiares, dando início ao processo para obtenção da conformidade orgânica por meio de reuniões plenárias com metodologia participativa, como ocorre até os dias de hoje.

Conforme consta no estatuto da associação (RAMA, 2014), os debates realizados durante as reuniões plenárias têm como objetivo a integração e a participação. Também priorizam a transparência e o compartilhamento de experiências. Por meio deste processo participativo, que resultou na criação de uma Organização de Controle Social (OCS), foi elaborado um conceito próprio de agroecologia, conforme registra o regimento da RAMA:

Agroecologia é um modo de vida saudável, que busca a sustentabilidade, o respeito nas relações sociais, o equilíbrio ambiental e a biodiversidade produtiva com o menor impacto negativo possível. O sistema de produção agroecológico é uma parceria com a natureza no manejo do solo, e entre produtores(as) na troca de conhecimentos e insumos, priorizando o aproveitamento dos recursos da propriedade (RAMA, 2015a, p. 2).

Em janeiro de 2011, treze agricultores e agricultoras familiares de Porto Alegre e Viamão receberam do MAPA a Declaração de Cadastro de Produtor Vinculado à OCS. Na ocasião, pensando na necessidade de incluir os demais produtores, foi definida a criação de um Sistema Participativo de Garantia (SPG). Foi desta forma que teve início a organização para a constituição de um Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade Orgânica (OPAC) para a busca da certificação participativa. “A certificação participativa amplia o acesso dos pequenos produtores e produtoras ao mercado e garante a qualidade dos alimentos ao consumidor, comprometendo a todos(as) na construção coletiva de um projeto de desenvolvimento rural sustentável.” (RAMA, 2015a, p. 3).

Nas próximas seções serão apresentados o histórico da fundação da RAMA, a organização da associação e o contexto no qual estes produtores agroecológicos estão inseridos.

3.4.2 A fundação da RAMA e seus associados

Fundada em 20 de dezembro de 2011, a Associação dos Produtores da Rede Agroecológica Metropolitana (RAMA) atua nos municípios de Porto Alegre, Viamão, Gravataí, Glorinha, Cachoeirinha, Alvorada, Eldorado do Sul e Guaíba, no Estado do Rio Grande do Sul. Com sede no bairro Lami, na Zona Sul da capital gaúcha, é uma associação civil sem fins lucrativos, criada para dar suporte ao seu OPAC e tem caráter organizacional e educacional (RAMA, 2017).

Segundo consta no estatuto (RAMA, 2014), entre os princípios e os valores da RAMA está a agroecologia como fundamento dos sistemas de produção, as relações baseadas na solidariedade e na compreensão, a ética e a humanidade. Entre as finalidades da associação, estão: promover a união e a integração dos produtores e produtoras agroecológicos(as); viabilizar a produção agroecológica e a sua comercialização; promover o comércio justo e solidário e o consumo ético; implementar atividades de conservação, preservação, recuperação e manejo sustentável dos recursos naturais; e desenvolver o enfoque da saúde ambiental, buscando a promoção do bem-estar e da saúde humana, e a construção de espaços saudáveis.

No que diz respeito aos associados à RAMA, de acordo com o estatuto (RAMA, 2014) e com o regimento interno (RAMA, 2015a), estes podem ser pessoas físicas e jurídicas enquadrados nas seguintes categorias:

- a) fornecedores: agricultores(as), processadores(as), distribuidores(as), comerciantes, transportadores(as) e armazenadores(as);
- b) colaboradores: técnicos(as), consumidores(as) de produtos orgânicos e suas organizações, organizações públicas ou privadas, organizações não governamentais (ONGs) e organizações de representação de classe.

Todos os entrevistados são agricultores, portanto, fornecedores. De acordo com o regimento interno da associação (RAMA, 2015a), para tornar-se associado na categoria fornecedor, é necessário, entre outros requisitos, apresentar em plenária um histórico familiar e da Unidade de Produção (UP), do sistema de produção agroecológico e um biomapa da UP.

Conforme consta no Manual de Procedimentos (RAMA, 2015b), o biomapa é um desenho que deve ser construído pela família, seguindo um roteiro que prevê mostrar a localização da propriedade e dos vizinhos, bem como identificar a direção dos ventos, das

chuvas e onde nasce o sol, os tipos de solo, as fontes de água, as construções nos arredores, as áreas de mata e de banhado, as principais plantas nativas e animais silvestres. Por meio do biomapa, o produtor agroecológico que busca a certificação orgânica também deve localizar as áreas de cultivo e relatar sobre as relações humanas no entorno, descrevendo as melhores e as piores coisas feitas pelo homem e pela mulher, entre outras questões relevantes a serem analisadas pela associação.

O informante-chave² recorda que a ideia do biomapa surgiu durante encontro com professores Guarani de todo o Brasil cuja temática era etnodesenvolvimento e etnociência. Na ocasião, os informantes desta pesquisa tiveram contato com instrumento semelhante utilizada pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e que serviu de inspiração, com as devidas adaptações. “A família se reúne pra dizer como é que ela enxerga a unidade de produção. Isso é cartografia social, uma coisa da antropologia, sociologia... [o biomapa] são os ‘bens naturais’, como é que tu lida com o que tu tem. Porque se tu não enxerga o que tu tem, tu não preserva”, explica o informante-chave² sobre a relação do biomapa com desenvolvimento rural sustentável.

A coordenação geral da associação é formada por presidente(a), vice-presidente(a), 1º secretário(a), 2º secretário(a), 1º tesoureiro(a) e 2º tesoureiro(a). Já o conselho fiscal é formado por três membros. Para todas as funções, o mandato é de dois anos, sendo permitida a reeleição mediante a renovação de um terço dos membros (RAMA, 2015a).

Entre os órgãos diretivos, há, ainda, a Comissão de Visitação, que tem caráter permanente com rodízio entre os membros da RAMA. O grupo é responsável por visitar, no mínimo uma vez por ano, todos os fornecedores da associação, para verificar *in loco* e emitir pareceres sobre a avaliação da conformidade orgânica dos associados(as), entre outras competências.

Cada comissão é constituída de pelo menos dois integrantes fornecedores e um colaborador (RAMA, 2015a). Segundo o Manual de Procedimentos (RAMA, 2015b), todos os associados devem integrar uma das comissões de visitação e participar efetivamente das visitas. As visitas também têm como objetivo oportunizar troca de experiências e colaborar para a construção do plano de manejo das UPs.

Na continuidade deste processo, atua a Comissão de Avaliação, que tem como atribuição analisar os documentos recebidos da Comissão de Visitação e emitir pareceres

² RAMOS, L. P. V. [Entrevista pessoalmente]. 04/02/2020. Entrevistador: Bruna Karpinski. Porto Alegre, 2020.

conclusivos referentes às avaliações de conformidade orgânica. Por fim, caso necessário, a documentação passa pelo Conselho de Recursos, responsável por examinar os pareceres negados emitidos pela Comissão de Avaliação (RAMA, 2015a).

O certificado de conformidade orgânica será emitido ao fornecedor que tenha aprovada a conformidade de sua UP (RAMA, 2015b). A certificação tem validade de um ano e uma das regras para mantê-la é a presença e participação em 70% das atividades da associação. Para renovação, é necessário novo processo de avaliação da conformidade a ser realizado antes do vencimento.

O regimento interno (RAMA, 2015a) prevê ainda quatro comissões temáticas, que constam no documento nesta ordem: Comissão de Educação, Arca de Sementes, Comissão de Economia Solidária, Compras Coletivas, Eventos, Feira e Comercialização e Comissão Técnica. A Comissão de Educação tem como atribuição elaborar plano educativo para qualificar o processo produtivo, entre outras tarefas. A Comissão de Economia Solidária, Compras Coletivas, Eventos, Feira e Comercialização é responsável por viabilizar a compra coletiva dos itens produzidos e promover a economia solidária e o comércio justo. A Comissão Técnica tem a função de manter os integrantes da associação atualizados sobre as normas técnicas de produção orgânica, bem como buscar soluções técnicas para as dificuldades na produção orgânica.

Merece destaque a atuação da Arca de Sementes (RAMA, 2015a), que desenvolve ações para manutenção, conservação e incremento da agrobiodiversidade das UPs associadas à RAMA por meio da organização de evento anual para troca de sementes³ e mudas entre os agricultores. Também cabe ao grupo identificar procedimentos técnicos que evitem a perda de recursos genéticos, possibilitando assim a realização do evento para troca e a preservação de sementes crioulas, por exemplo, que ocorre desde 2011 no mesmo formato. “A semente fica com o agricultor – não é guardada em um espaço refrigerado – fica na propriedade. A gente apenas tem um cadastro de onde estão as sementes. Cada um tem a sua, não é um

³ Conforme consta na *Carta dos agricultores e das agricultoras da RAMA sobre a importância da valorização das sementes próprias para a agricultura*, documento elaborado pela associação, a Arca de Sementes “é um espaço de preservação das sementes e de busca pela autonomia e direito de uso dos bens genéticos mantidos pelos seus antepassados” (RAMA, 2017, p. 1). A iniciativa visa, entre outras questões, “a garantia da autonomia dos agricultores na produção de sementes e a valorização das sementes próprias”, sejam elas tradicional, local, crioula, ou seja, “aquelas que vêm sendo mantidas desde seus ancestrais, ao longo das gerações”, descreve a carta (RAMA, 2017, p. 2).

banco. E aí a figura do guardião a gente chama de sementeiro, que é o cara que produz sementes”⁴.

Tanto o biomapa, quanto a Arca de Sementes são iniciativas que demonstram o compromisso da RAMA e, portanto, dos neorrurais agroecologistas, com a sustentabilidade.

3.4.3 A RAMA atualmente e o contexto local

A Associação dos Produtores da Rede Agroecológica Metropolitana (RAMA) é uma das 25 certificadoras no formato OPAC cadastradas no Ministério da Agricultura (2019). No total, são 37 iniciativas, incluindo certificadoras não participativas e OPACs. No escopo da RAMA, está previsto: produção primária animal, produção primária vegetal, processamento de produtos de origem animal e processamento de produto de origem vegetal.

Atualmente a RAMA tem 84 associados, sendo que deste total 68 são agricultores ou agricultoras – cada um representa oficialmente uma unidade de produção – e 16 exclusivamente processadores. Atualmente, entre os associados na categorias fornecedores, há somente produtores e processadores – não há distribuidores, comerciantes, transportadores e nem armazenadores associados. Conforme mostra a tabela 2, deste total de 68 produtores e produtoras, 46 já possui a certificação e os demais estão em processo de transição agroecológica para obter.

Tabela 2 - Agricultores certificados pela RAMA dentro do universo de associados, incluindo fornecedores, colaboradores e agricultores sem a certificação

| Associados à RAMA | Nº |
|--|----|
| Associados fornecedores e colaboradores (total) | 84 |
| Agricultoras e agricultores (total, incluindo os não certificados) | 68 |
| Agricultoras e agricultores certificados pela RAMA | 46 |

Fonte: Adaptado de Ramos (2019)⁵.

A maioria dos agricultores e agricultoras associados à RAMA é de Porto Alegre e de Viamão, e os demais de outros municípios, conforme mostra a tabela 3.

⁴ RAMOS, L. P. V. [Entrevista pessoalmente]. 04/02/2020. Entrevistador: Bruna Karpinski. Porto Alegre, 2020.

⁵ RAMOS, L. P. V. [Entrevista por e-mail]. 17/07/2019. Entrevistador: Bruna Karpinski. Porto Alegre, 2019.

Tabela 3 - Total de associados à RAMA por categoria e por município, com foco no detalhamento dos agricultores de Porto Alegre e de Viamão

| Associados à RAMA | Município | Nº de associados |
|------------------------------|--------------------|------------------|
| Agricultores e agricultoras | Porto Alegre | 36 |
| Agricultores e agricultoras | Viamão | 26 |
| Agricultores e agricultoras | Outros municípios* | 6 |
| Exclusivamente processadores | - | 16 |
| Total | | 84 |

Fonte: Adaptado de Ramos (2019).

Nota: * Eldorado do Sul, Guaíba, Glorinha e Morro Reuter

Na próxima seção, será abordada a etapa da produção e análise dos dados.

3.4.4 A zona rural de Porto Alegre e de Viamão

A zona rural de Porto Alegre, localizada na Zona Sul do município, e a zona rural de Viamão, regiões onde há concentração de produtores agroecológicos, são áreas com tradição de preservação ambiental. Para fazer um breve apanhado histórico destes vínculos e descrever os espaços escolhidos para a pesquisa, serão apresentadas informações sobre os bairros Lami, no extremo-sul da Capital, e Itapuã, em Viamão.

Na zona rural de Porto Alegre, a 30 quilômetros do Centro, está a Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger. Criada em 1975, é uma unidade de conservação que possui grande diversidade de espécies da flora e fauna silvestre em área de 204 hectares. O lugar abriga espécies vegetais protegidas por leis e imunes ao corte, entre elas o butiazeiro, e espécies animais ameaçadas de extinção, como o bugio-ruivo (PORTO ALEGRE, [2014?]).

A conservação da natureza, a pesquisa científica e a educação ambiental estão entre os principais objetivos da Reserva do Lami. No local, estudos identificaram 300 espécies vegetais e 400 animais, sendo que destas, 200 espécies são de aves nativas, inclusive migratórias, locais, regionais e continentais (UM LUGAR..., 2011; PORTO ALEGRE, [2014?]).

Conforme consta no ObservaPOA (PORTO ALEGRE, [2017?]; PORTO ALEGRE, 2019), o Lami faz divisa com os bairros Boa Vista do Sul, São Caetano e Extrema, bem como com o bairro de Itapuã, também localizado ao sul de Viamão. Neste ponto, ocorre o encontro das zonas rurais dos dois municípios onde residem e produzem os neorrurais agroecologistas da RAMA.

Um pouco mais adiante, conforme mostra a figura 2, seguindo pelas margens do Lago Guaíba em direção à zona rural de Viamão, encontra-se o Parque Estadual de Itapuã. Localizada a 50 quilômetros do Centro de Porto Alegre, a unidade de conservação tem 5,5 mil hectares de área. Criado em 1991, ficou mais de dez anos fechado para a recuperação de seus ecossistemas e foi reaberto em 2002 (RIO GRANDE DO SUL, [20--?], [2002?]).

Figura 2 - Zona rural de Porto Alegre e de Viamão, ao sul dos dois municípios



Fonte: elaborado pela autora com o uso do site ArcGis.

Segundo informações da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo (RIO GRANDE DO SUL, [2002?]), o parque abriga um número significativo de espécies raras e ameaçadas de extinção: cerca de 40 espécies de répteis, 30 espécies de anfíbios, 200 espécies de aves incluindo as migratórias, e um expressivo número de espécies de mamíferos, entre estes a jaguatirica, a lontra e o bugio-ruivo – símbolo do Parque Estadual de Itapuã.

Neste cenário, destaca-se ainda a existência de corredores ecológicos – instrumentos de planejamento da paisagem com o objetivo principal de garantir que as Unidades de Conservação (UC) não se transformem em “ilhas” (RIO GRANDE DO SUL, [2020?]). Desta forma, as áreas protegidas ficam conectadas com o seu entorno, evitando o isolamento de populações animais ou vegetais e contribuindo para a preservação de espécies.

De acordo com o Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, [2006?]), os corredores ecológicos proporcionam o deslocamento de animais, a dispersão de sementes e o aumento da cobertura vegetal, facilitando a dispersão de espécies, a conservação dos recursos naturais

e da biodiversidade e a recolonização de áreas degradadas. Os corredores ecológicos são uma estratégia para amenizar os impactos das atividades humanas (BRASIL, [20--?]).

3.5 PRODUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

As saídas de campo para a produção de dados tiveram início na segunda quinzena de maio de 2019 e se estenderam até o final de julho do mesmo ano, portanto tiveram duração de dois meses e meio. A maioria das entrevistas foi realizada no local de moradia dos participantes, na zona rural de Porto Alegre e de Viamão. Das 17 unidades de produção visitadas, 13 implicaram no deslocamento da pesquisadora até o “lugar rural” escolhido pelos neorrurais. Em nove destes 13 locais foi possível chegar utilizando o transporte público. Em quatro situações, por preferência dos participantes, a entrevista ocorreu na zona urbana de Porto Alegre. Dois deles escolheram cafeterias como local para a entrevista. Outros dois neorrurais preferiram que o encontro fosse nos seus locais de trabalho – um deles na feira ecológica do Menino Deus e outro no consultório no bairro Bonfim. Estes dois últimos têm propriedade na zona rural de Viamão e consideraram mais prático agendar o compromisso na cidade.

O contato inicial foi feito de forma individual, por telefone. Todos os participantes demonstraram interesse em contribuir com a pesquisa. A maioria foi bastante acessível, abrindo uma brecha da sua agenda para os dias subsequentes ao contato. Em alguns casos, foi necessário agendar com maior prazo devido a compromissos, principalmente com a rotina de produção. O tempo de duração das entrevistas variou de 30 minutos a uma hora. Foram 13h29 minutos de gravação, totalizando 81 horas de trabalho para a transcrição.

Uma vez transcritas as entrevistas e compilado o material escrito, as etapas seguintes consistiram em: leitura repetida dos textos; busca de temas e categorias; identificação de possíveis subcategorias; codificação e separação dos dados; e, por fim, análise dos dados, realizada em três etapas: perfil socioeconômico dos participantes e das unidades de produção, classificação das motivações e análise temática do conteúdo das entrevistas.

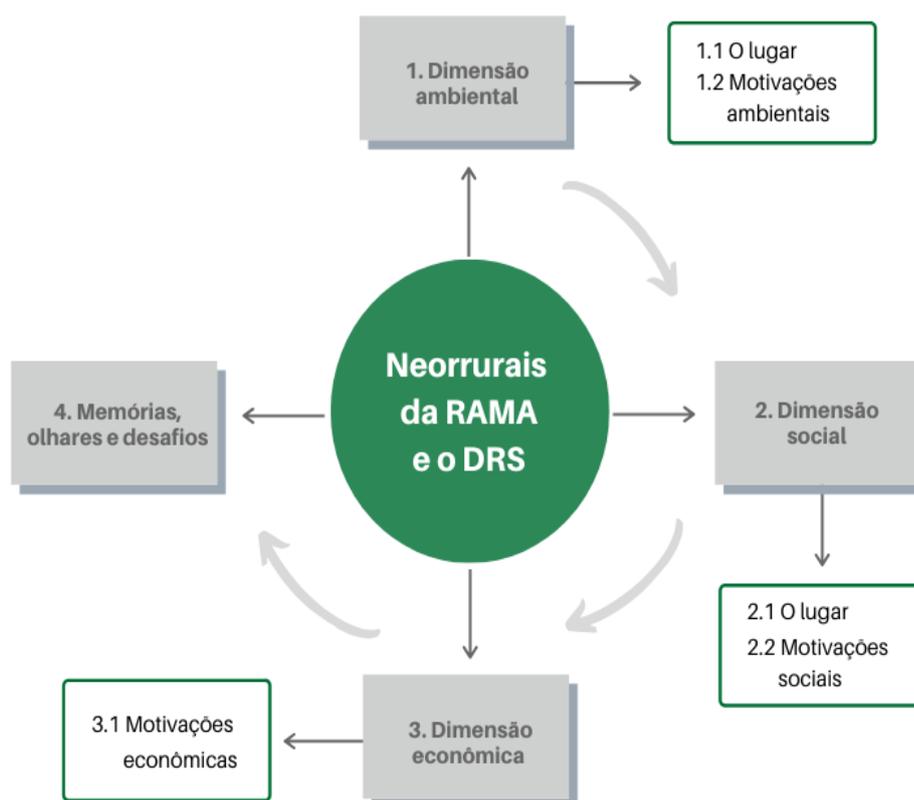
Segundo Braun e Clarke (2006), a análise temática (AT) é um método flexível para identificar, analisar e relatar padrões (temas) nos dados qualitativos. Entre as vantagens do método é que ele permite organizar e descrever o conjunto de dados em ricos detalhes. Na AT, o pesquisador busca padrões de significados por meio de um processo que não é linear.

“A análise envolve um vaivém constante entre o banco de dados, os trechos codificados e a análise dos dados que se está produzindo a partir destes trechos” (SOUZA, 2019, p. 54).

A partir do referencial teórico de Sachs, utilizando as “lentes” do desenvolvimento rural sustentável, esta pesquisa tem três categorias de análise definidas *a priori*: Dimensão Ambiental, Dimensão Social e Dimensão Econômica. A viabilidade desta separação foi confirmada a posteriori, na etapa que consistiu na identificação das categorias emergentes. Para abranger conteúdos importantes que não se encaixavam em nenhuma destas três temáticas, foi incluída a categoria de análise Memórias, Olhares e Desafios.

A figura 3 ilustra a metodologia de análise desta pesquisa por meio de um mapa mental das categorias de análise temática.

Figura 3 - Mapa mental das categorias de análise temática



Fonte: elaborado pela autora com base na metodologia desta pesquisa.

Por fim, no quadro 4, é apresentado um resumo das técnicas de pesquisa utilizadas ao longo de todas as etapas metodológicas desta investigação.

Quadro 4 - Resumo das técnicas utilizadas na pesquisa

| Principais técnicas de pesquisa e análise dos dados | |
|---|---|
| Formulário simples | Traçar o perfil socioeconômico das famílias e das atividades desenvolvidas pelos neorrurais. |
| Entrevista semiestruturada + gravador | Roteiro com 10 perguntas abertas para mapear as principais motivações dos neorrurais, entre outras questões. As entrevistas serão gravadas. |
| Entrevista + Escala Likert | Aprofundar as motivações dos neorrurais nas perspectivas econômica, social e ambiental |
| Análise temática | Os dados coletados por meio das técnicas de pesquisa passaram por análise temática. |

Fonte: Adaptado de Barbieri (2010); Gerhardt *et al.* (2009); Gil (1999); Minayo (2012); Braun e Clarke (2006); Souza (2019)

Na próxima seção, serão abordadas as trajetórias dos neorrurais da RAMA participantes deste estudo.

3.6 QUEM SÃO OS ENTREVISTADOS

Na tentativa de ajudar o leitor a imergir no universo deste estudo, será feito um breve relato de cada uma das entrevistas realizadas com os neorrurais agroecologistas da RAMA. Optou-se por apresentar brevemente os participantes, limitando o texto à sua estrita descrição – os resultados e as análises dos dados serão apresentados no capítulo 4 desta pesquisa.

Segundo Gonçalves e Lisboa (2007), as trajetórias ajudam a compreender a posição que o sujeito ocupa no presente. Neste contexto, explicam as autoras, o desafio é “desvelar o sentido” que as pessoas “[...] dão para a sua realidade, suas vidas, suas histórias e seu contexto” (GONÇALVES; LISBOA, 2007, p. 91).

Importante registrar que o presente estudo não utilizou trajetórias de vida como método de pesquisa. No entanto, considerando-se as singularidades das experiências de cada um dos entrevistados que contribuiriam para a construção desta dissertação, o objetivo desta apresentação individual é humaniza-los.

Esta preocupação surgiu porque na seção 4.3, dedicada à análise de trechos das falas dos participantes, foram utilizados códigos que seguem a ordem cronológica de realização das entrevistas – E01, E02, E03, etc. O objetivo destas referências foi identificar, mesmo que indiretamente, qual participante fez determinado comentário. Nas situações em que a

entrevista foi realizada com duas pessoas ou mais, para diferenciá-los, cada entrevistado recebeu uma letra a mais, como no caso do casal E04-A e E04-B, por exemplo.

Esta metodologia foi utilizada para cumprir com o compromisso ético da presente pesquisa, já que os participantes concordaram em contribuir de forma anônima para o estudo. No entanto, apesar dos códigos numerados, o que há por trás de cada uma das falas e números são pessoas. E pessoas têm histórias. Portanto, é pertinente compartilhá-las, mesmo que de forma sucinta, para tornar o entendimento desta pesquisa mais dinâmico e esclarecedor.

Para complementar o relato das trajetórias e tentar avançar um pouco mais nesta aproximação entre o leitor e o universo da pesquisa, são utilizadas algumas fotografias das propriedades dos neorrurais agroecologistas da RAMA. As imagens foram produzidas entre o final do outono e o início do inverno de 2019, durante as saídas de campo para a realização das entrevistas, conforme evidenciam as paisagens que acompanham as descrições a seguir:

Entrevista 1 (E01) – Mulher, casada, formada em Agronomia, reside na zona rural. A propriedade também é local de moradia e trabalho para outros familiares que atuam na produção, na agroindústria e no turismo rural. Na profissão anterior na zona urbana, E01 trabalhava de carteira assinada. Natural de Porto Alegre. Possui familiares agricultores.

Figura 4 - Entrevista 01



Fonte: Bruna Karpinski (2019)

Entrevista 2 (E02) – Homem, casado, formado em Agronomia. Com 16 anos, veio de uma capital no centro do país para morar na zona rural de Porto Alegre. É sobrinho de E01, com quem tem contrato de arrendamento. Compartilham a área e plantam juntos, fazendo a

divisão de algumas tarefas. A produção de alimentos foi sua primeira atividade laboral. É o mais jovem neorrural entre os participantes desta pesquisa. Tem parente agricultor.

Figura 5 - Entrevista 02



Fonte: Bruna Karpinski (2019)

Entrevista 3 (E03) – Mulher, viúva, professora aposentada, reside sozinha na zona rural de Porto Alegre. Planta para consumo e comercializa o excedente. Faz geleias, queijos, sabão e, eventualmente, trabalha com turismo rural. Para manter a propriedade em ordem, conta com a ajuda de um caseiro. Embora tenha nascido na Capital, passou a infância no interior. Não tem familiares agricultores. É formada em Teologia.

Figura 6 – Entrevista 03



Fonte: Bruna Karpinski (2019)

Entrevista 4 (E04-A e E04-B) – Casal com três filhos, ambos nasceram no interior do Estado. E04-A é formada em Turismo e E04-B tem ensino fundamental incompleto. Residem na zona rural de Porto Alegre, onde produzem alimentos para comercialização, sendo esta a

única renda da família. Antes, quando residiam na zona urbana, eram comerciantes. Tem parentes agricultores e, quando jovens, fizeram a migração rural-urbano.

Entrevista 5 (E05) – Mulher, casada, formada em Nutrição, aposentada. Antes de ir para o rural de Porto Alegre, cidade onde nasceu, trabalhava com comércio. Tem parentes agricultores e, no passado, fez a migração rural-urbano, do interior do Estado para a Capital. Apesar disto, é uma das únicas participantes que não se considera agricultora atualmente.

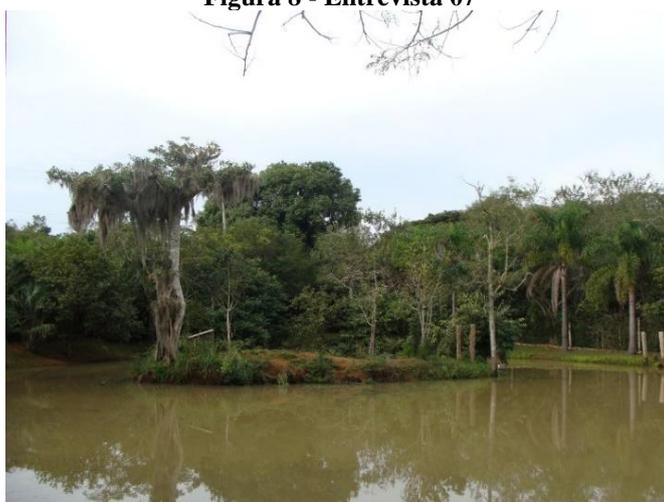
Entrevista 6 (E06) – Mulher, separada, formada em Arqueologia. Estrangeira, em função do casamento, mudou-se para a zona rural de Porto Alegre na década de 1990, época em que tinha dois filhos pequenos. Sempre trabalhou como dona de casa e atualmente produz flores par comercialização. Sua principal fonte de renda é a pensão. Possui familiares agricultores.

Figura 7 - Entrevista 06



Fonte: Bruna Karpinski (2019)

Entrevista 7 (E07) – Mulher, casada, formada em Direito. Servidora pública aposentada. Nascida em Porto Alegre, tem propriedade em Viamão, onde juntamente com o marido, que também participa das atividades rurais, passa a maior parte do tempo. Conta com caseiro para auxiliar no dia a dia da produção. Não tem parentes agricultores.

Figura 8 - Entrevista 07

Fonte: Bruna Karpinski (2019)

Entrevista 8 (E08) – Homem, separado, é formado em Engenharia Agrícola. É natural de Porto Alegre e atualmente mora sozinho na propriedade, na zona rural da Capital, onde produz os mais variados tipos de hortaliças. Entre os entrevistados, é o que possui a maior área plantada. A agricultura é a sua principal fonte de renda. Quando residia na cidade, trabalhava em empresa familiar na construção civil. Tem parentes agricultores.

Figura 9 - Entrevista 08

Fonte: Bruna Karpinski (2019)

Entrevista 9 (E09-A e E09-B) – Uma dupla de amigos que resolveu apostar na atividade rural como alternativa. Solteiros, foram colegas de graduação e são formados em Biologia. Ambos tem mestrado, sendo que E09-B está cursando doutorado. Nasceram em Porto Alegre e atuavam como consultores. Estão entre os que arrendam a área. Ainda moram na cidade,

onde desenvolvem outras atividades que conciliam com a produção de alimentos na zona rural de Porto Alegre. E09-A não tem parentes agricultores, mas E09-B sim.

Figura 10 - Entrevista 09



Fonte: Bruna Karpinski (2019)

Entrevista 10 (E10) – Homem, casado, médico psiquiatra, profissão que segue exercendo após aposentadoria. Mestre em Filosofia, tem sítio em Viamão há muitos anos, mas ainda reside em Porto Alegre. Está encerrando gradualmente as atividades no consultório, processo que coincide com a transição do urbano para o rural. É o neorrural com mais idade entre os participantes desta pesquisa. Tem familiares agricultores e, apesar de produzir alimentos, não se considera agricultor.

Entrevista 11 (E11-A, E11-B e E11-C) – Trio é formado por um casal com filho jovem (E11-C) que está cursando Agronomia. A matriarca (E11-A) é formada em Geografia e o marido (E11-B) cursou Licenciatura em Ciências. Ambos são professores aposentados. Ainda moram na zona urbana e, diariamente, se deslocam até a propriedade, na zona rural de Porto Alegre, onde cultivam alimentos. Os três nasceram no interior, porém não têm parentes agricultores.

Figura 11 - Entrevista 11

Fonte: Bruna Karpinski (2019)

Entrevista 12 (E12) – Homem, solteiro, tem ensino superior incompleto – frequentou o curso Economia. Natural de Porto Alegre, reside sozinho – mas tem uma companheira que mora na cidade – na zona rural da Capital, onde tem um imenso orquidário aberto ao público para comercialização. Aposentado, trabalhou como jornalista no setor de comunicação de empresa de assistência técnica e extensão rural. Não tem familiares agricultores, mas fez parte do movimento ecológico/ambiental. É o único participante deste estudo que não é considerado orgânico e nem agroecológico pois utiliza químicos no manejo das flores.

Figura 12 - Entrevista 12

Fonte: Bruna Karpinski (2019)

Entrevista 13 (E13) – Mulher, casada, tem quatro filhas jovens, formada em Biologia. Nasceu em Porto Alegre e mantém propriedade em Viamão, onde produz alimentos e vai todos os dias, mas mora na zona Sul da Capital, em área urbana. Concilia a atividade rural com trabalho relacionado à sua profissão, portanto tem mais de uma fonte de renda. Tem familiares agricultores.

Entrevista 14 (E14) – Homem, solteiro, formado em Agronomia. Era servidor público em uma instituição financeira, onde se aposentou. Nasceu no Interior do Estado e tem propriedade na zona rural de Viamão, onde reside e cultiva os mais variados tipos de hortaliças. Não tem parentes agricultores, mas possui um familiar tropeiro que afirma ser sua fonte de inspiração na busca pelo estilo rural de vida.

Figura 13 - Entrevista 14



Fonte: Bruna Karpinski (2019)

Entrevista 15 (E15-A e E15-B) – Casal de aposentados. Ela (E15-A) nascida em Porto Alegre e graduada em Enfermagem, tendo trabalhado muitos anos na área da saúde. Ele (E15-B) nasceu no Interior do Estado e cursou Licenciatura em História, Geografia e Filosofia, sempre atuou como professor. Residem e produzem alimentos em propriedade em Viamão – são vizinhos de E14. Ambos têm familiares agricultores.

Figura 14 - Entrevista 15

Fonte: Bruna Karpinski (2019)

Entrevista 16 (E16) – Homem, casado, formado em Jornalismo. Servidor público aposentado, trabalhou no setor de comunicação de uma universidade, onde conviveu com profissionais da área agrícola. Nasceu em Porto Alegre e, assim como E12, também fez parte do movimento ecológico. Reside e produz na zona rural de Viamão – a esposa se divide entre a residência no campo e o apartamento na Capital. Não tem parentes agricultores.

Entrevista 17 (E17) – Homem, tem uma companheira com quem compartilha a moradia na zona rural da Capital. Trabalhou como auxiliar de expediente e como autônomo. Iniciou graduação à distância em Desenvolvimento Rural, porém não concluiu. E17 está entre os neorrurais que arrendam a área e é o único entre os participantes desta pesquisa que produz no sistema de agrofloresta. Natural de Porto Alegre, tem parentes agricultores.

Figura 15 - Entrevista 17

Fonte: Bruna Karpinski (2019)

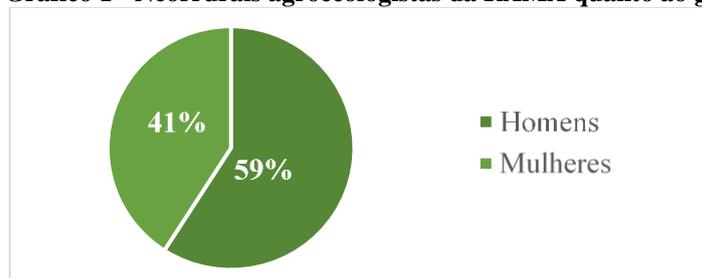
4 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Neste capítulo será apresentada a análise dos dados produzidos e os resultados obtidos nas saídas de campo. As informações foram divididas em quatro partes: o perfil dos neorrurais agroecologistas da RAMA e das propriedades rurais, que consiste em levantamento socioeconômico dos pesquisados e das unidades de produção; a classificação das motivações ambientais, sociais e econômicas, obtida por meio da escala Likert; e, por fim, a análise temática das entrevistas com os participantes nas categorias Dimensão ambiental, Dimensão social e Dimensão econômica. Tais reflexões foram feitas na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável, considerando critérios de sustentabilidade social e ambiental e de viabilidade econômica, conforme prevê Sachs (2004). Para contemplar as falas que não se encaixavam nestas três temáticas, ao final foi incluída a categoria de análise Memórias, olhares e desafios.

4.1 PERFIL DOS NEORRURAIS AGROECOLOGISTAS DA RAMA

Nesta seção, que apresenta dados sobre os participantes da pesquisa, os neorrurais agroecologistas da RAMA são a unidade de análise principal. Entretanto, conforme explicitado nos procedimentos metodológicos, é importante ressaltar que ao longo da apresentação dos resultados pode haver uma variação que ocorre em função dos dados informados pelos entrevistados serem, eventualmente, coletivos e não individuais. Nestes casos, quando a unidade de análise se alterar, haverá sinalização.

Entre os 22 agricultores e agricultoras participantes desta pesquisa, treze (59%) são homens e nove (41%) são mulheres, conforme mostra o gráfico 1.

Gráfico 1 - Neorrurais agroecologistas da RAMA quanto ao gênero

Fonte: Dados da pesquisa

Quanto à faixa-etária dos entrevistados, 16 deles (72,7%) têm mais de 50 anos – dado este que acompanha o cenário de envelhecimento da população rural brasileira, ou seja, alguns cidadãos estão escolhendo o campo para envelhecer. Os demais neorrurais têm entre 29 e 46 anos, conforme mostra a tabela 4.

Tabela 4 - Faixa-etária dos participantes da pesquisa

| Faixa-etária | Participantes | % |
|-----------------|---------------|--------|
| 25 a 29 anos | 2 | 9,09% |
| 30 a 39 anos | 2 | 9,09% |
| 40 a 49 anos | 2 | 9,09% |
| 50 a 59 anos | 7 | 31,81% |
| 60 a 69 anos | 7 | 31,81% |
| Mais de 70 anos | 2 | 9,09% |
| Total | 22 | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa

Este resultado se contrapõe ao levantamento feito por Nørgaard e Andersen (2012), que concluíram que quase a metade das pessoas que migram para o rural, é formada por jovens solteiros ou casais jovens, com menos de 30 anos de idade, e também por casais e solteiros de meia idade.

No que diz respeito aos arranjos familiares e/ou produtivos, há diversas configurações. Neste caso específico, as unidades de análise são as unidades de produção. Das 17 unidades de produção participantes, 10 (58,8%) são formadas por neorrurais que moram e/ou trabalham com familiares. Outros cinco (29,4%) moram e/ou trabalham

sozinhos, pois são solteiros(as) ou separados(as). Neste grupo, há também uma senhora viúva que migrou do urbano para o rural quando o marido ainda era vivo.

Tabela 5 - Arranjos familiares dos neorrurais da RAMA

| Grupo familiar | UP | % |
|---|----|-------|
| Moram e/ou trabalham em família | 10 | 58,8% |
| Moram e/ou trabalham sozinhos (solteiro/a, separado/a ou viúvo/a) | 5 | 29,4% |
| Outra situação | 2 | 11,7% |
| Total | 17 | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa

Os dados das tabelas 4 e 5 reforçam a teoria de Quirós (2017) sobre a heterogeneidade dos neorrurais no que diz respeito à idade e aos arranjos familiares. Contudo, nem todos os participantes se encaixam nas duas primeiras classificações apresentadas na tabela 5. É caso de dois amigos que se conheceram na época de faculdade e decidiram investir na produção agroecológica. Ambos ainda residem no urbano, onde mantêm de forma paralela outras atividades. Há, neste grupo, também, uma situação em que o entrevistado mora na zona rural mas a esposa permaneceu residindo na cidade.

4.1.1 Escolaridade e formação dos participantes

No que diz respeito à escolaridade dos 22 entrevistados, conforme mostra o gráfico 2, a maioria – 19 neorrurais (86,3%) tem curso de nível superior completo, cenário bastante diferente da realidade do espaço rural brasileiro, que ainda registra baixo nível de escolaridade. Destes, dois (10,5%) cursaram uma segunda graduação, resultados estes que vão ao encontro do que disse Giuliani (1990) sobre o alto nível de instrução dos neorrurais brasileiros, de acordo com a revisão teórica desta dissertação.

Gráfico 2 - Escolaridade dos neorrurais agroecológicos da RAMA



Fonte: Dados da pesquisa

Este resultado refuta o que disseram Nørgaard e Andersen (2012), sobre somente 10% dos pesquisados destes autores terem concluído o ensino universitário. Contudo, vale retomar que os autores referem-se à migração do urbano para o rural em uma realidade holandesa, porém sem abordar os neorrurais especificamente.

Entre os que têm diploma de nível superior, oito (42,1%) tem graduação em cursos das Ciências Agrárias e Biológicas, predominando a Agronomia e a Biologia, respectivamente. Outros oito (42,1%) são formados em cursos das áreas de Ciências Humanas ou Ciências Sociais Aplicadas. Também há graduados na área da Saúde, conforme mostra a tabela 6.

Tabela 6 - Curso de graduação e área de formação dos neorrurais da RAMA

| Graduação cursada | Participantes | Área | % |
|---|---------------|---|-------------|
| Agronomia | 4 | Ciências Agrárias e Biológicas | 42,1% |
| Biologia | 3 | | |
| Engenharia Agrícola | 1 | | |
| Arqueologia | 1 | Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas | 42,1% |
| Direito | 1 | | |
| Geografia | 1 | | |
| Jornalismo | 1 | | |
| Licenciatura em Ciências | 1 | | |
| Licenciatura em História, Geografia e Filosofia | 1 | | |
| Teologia | 1 | | |
| Turismo | 1 | | |
| Enfermagem | 1 | Ciências da Saúde | 15,7% |
| Medicina | 1 | | |
| Nutrição | 1 | | |
| TOTAL | 19 | | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa – elaborado pela autora com base em tabela de áreas do conhecimento da UFRGS⁶.

Chama a atenção que entre os 19 participantes com diploma de nível superior, nove (45%) fizeram cursos de pós-graduação *lato sensu* ou *stricto sensu*, conforme mostra a tabela 7, característica esta que os diferencia ainda mais do perfil tradicional de produtor rural, que

⁶ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS. Tabela de áreas e sub-áreas do conhecimento. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppge3m/images/formularios-1/Areas.pdf> Acesso em: 09 out. 2019.

em geral possui baixo nível de escolaridade. Este resultado também demonstra um maior nível de escolhas e de informação por meio da busca do conhecimento.

Tabela 7 - Neorrurais da RAMA que fizeram um ou mais cursos de pós-graduação

| Pós-graduação | Participantes | % |
|-------------------------------------|---------------|-------|
| Não fez pós-graduação | 10 | 53,6% |
| Fez um curso de pós-graduação | 3 | 15,7% |
| Possui duas ou mais especializações | 6 | 31,5% |
| Total | 19 | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa

Outro dado que chama a atenção é que dos nove participantes que têm alguma especialização, seis fizeram mais de um curso de pós-graduação.

4.1.2 Profissões anteriores e ocupação atual

Considerando os participantes desta pesquisa, a maioria dos neorrurais agroecologistas exercia a profissão de professor. Na sequência, aparecem biólogos que atuavam como consultores ambientais, comerciantes e empresários. Conforme mostra a tabela 8, os entrevistados também tinham outras profissões bem diversas anteriormente.

Tabela 8 - Profissões anteriores dos neorrurais da RAMA

| Profissões anteriores | Participantes | % |
|-----------------------------------|---------------|--------|
| Professor(a) | 4 | 18,18% |
| Biólogo/consultor ambiental | 2 | 9,09% |
| Comerciante | 2 | 9,09% |
| Empresária | 2 | 9,09% |
| Assessora jurídica | 1 | 4,54% |
| Assistente administrativo | 1 | 4,54% |
| Auxiliar de expediente e autônomo | 1 | 4,54% |
| Bancário | 1 | 4,54% |
| Enfermeira | 1 | 4,54% |
| Médico | 1 | 4,54% |
| Jornalista | 1 | 4,54% |
| Diretor de fotografia | 1 | 4,54% |
| Do lar | 1 | 4,54% |
| Técnico da construção civil | 1 | 4,54% |
| Técnica em química | 1 | 4,54% |
| Não tinha profissão | 1 | 4,54% |
| Total | 22 | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa

Quando perguntados sobre a profissão atual, ou sobre como se autodenominam, grande parte dos entrevistados parou por alguns instantes para refletir a respeito e então responder ao questionamento. Embora não se definam como neorrurais, possivelmente por até então desconhecer o termo, a maioria se considera produtor rural, ou apenas produtor ou ainda agricultor. Conforme mostra a tabela 9, poucos se denominam produtor agroecológico ou orgânico.

Tabela 9 - Profissões atuais dos neorrurais da RAMA – como se autodenominam

| Profissão atual | Participantes | % |
|---|---------------|--------|
| Produtor ou produtora rural | 8 | 36,36% |
| Agricultor ou agricultora | 7 | 31,81% |
| Produtora agroecológica | 1 | 4,54% |
| Produtor orgânico e ecologista | 1 | 4,54% |
| Produtor rural, consultor, músico e estudante | 1 | 4,54% |
| Empresária rural | 1 | 4,54% |
| Empresária e agricultora | 1 | 4,54% |
| Estudante | 1 | 4,54% |
| Médico | 1 | 4,54% |
| Total | 22 | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa

Também aparece a nomenclatura de empresário rural, bem como outras atividades combinadas que refletem o dia a dia dos entrevistados. Por fim, dois entre os 22 participantes ainda se identificam somente com profissões ou atividades não relacionadas ao rural – médico e estudante. Os dados da tabela 9 vão ao encontro do que percebeu Giuliani (1997) ao observar que os novos habitantes do campo, apesar de suas origens urbanas, desenvolvem uma vocação profissional para a agricultura, sendo esta profissionalização estimulada pelas escolhas de vida, e não pela tradição, como no caso dos agricultores de origem rural. Outro resultado que dialoga com esta realidade e chama a atenção é o número de neorrurais associados à RAMA. Das 46 unidades de produção certificadas pela associação, 22 ou 47,8% – quase a metade – são de neorrurais.

4.1.3 Renda dos entrevistados

Ao comparar a renda mensal individual ou familiar que obtinham com a profissão anterior – que em alguns casos ainda é uma das atividades atuais e em outros é a ocupação na qual se aposentaram, a renda atual oriunda da produção agroecológica é menor para 16 dos 22 entrevistados (72%). Para os demais, a renda atual oriunda da produção agroecológica é igual ou maior, conforme mostra a tabela 10.

Tabela 10 - Comparativo entre as rendas anterior (profissão urbana) e atual (produção agroecológica) dos neorrurais da RAMA

| Comparativo entre rendas | Participantes | % |
|---|---------------|--------|
| Renda atual (da produção) menor que a renda anterior | 16 | 72,72% |
| Renda atual (da produção) igual/semelhante à anterior | 4 | 18,18% |
| Renda atual (da produção) maior que a renda anterior | 2 | 9,09% |
| Total | 22 | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa

Na ocupação anterior, a maioria dos entrevistados tinha renda superior a cinco salários mínimos. Na nova atividade, entretanto, a maior parte fatura até um salário mínimo com a comercialização do que é produzido, conforme mostra a tabela 11.

Tabela 11 - Faixas salariais no emprego anterior dos neorrurais da RAMA e na renda obtida com a comercialização da produção agrícola

| Renda mensal média | Profissão anterior | % | Produção | % |
|----------------------------------|--------------------|--------|----------|--------|
| Mais de 5 salários mínimos (SMs) | 13 | 59,09% | 1 | 4,45% |
| Acima de 4 até 5 SMs | 3 | 13,62% | 1 | 4,45% |
| Acima de 3 até 4 SMs | 3 | 13,62% | 6 | 27,27% |
| Acima de 2 até 3 SMs | 0 | - | 4 | 18,18% |
| Acima de 1 até 2 SMs | 0 | - | 2 | 9,09% |
| Até 1 SMs | 1 | 4,45% | 8 | 36,36% |
| Sem renda | 2 | 9,09% | 0 | - |
| Total | 22 | 100% | 22 | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa

Em relação ao emprego anterior dos participantes, a maioria era servidor público, o que demonstra que tinham estabilidade profissional. Neste contexto, é possível verificar que são profissionais que migraram ao encerrarem a carreira ou quase ao final da vida profissional urbana, manifestando uma percepção do rural como espaço propício para mais qualidade de vida e bem-estar, conforme o estudo de Méndez Sastoque (2013).

Na sequência, aparecem os profissionais liberais e também empregos com a carteira assinada, conforme demonstra a tabela 12, onde é possível verificar o tipo de vínculo empregatício dos entrevistados.

Tabela 12 - Vínculo empregatício na ocupação anterior dos neorrurais da RAMA

| Emprego anterior | Participantes | % |
|-----------------------------|---------------|-------------|
| Servidor público | 8 | 36,36% |
| Profissional liberal | 6 | 27,27% |
| Carteira assinada | 4 | 18,18% |
| Assinava a própria carteira | 2 | 9,09% |
| Não tinha carteira assinada | 2 | 9,09% |
| Total | 22 | 100% |

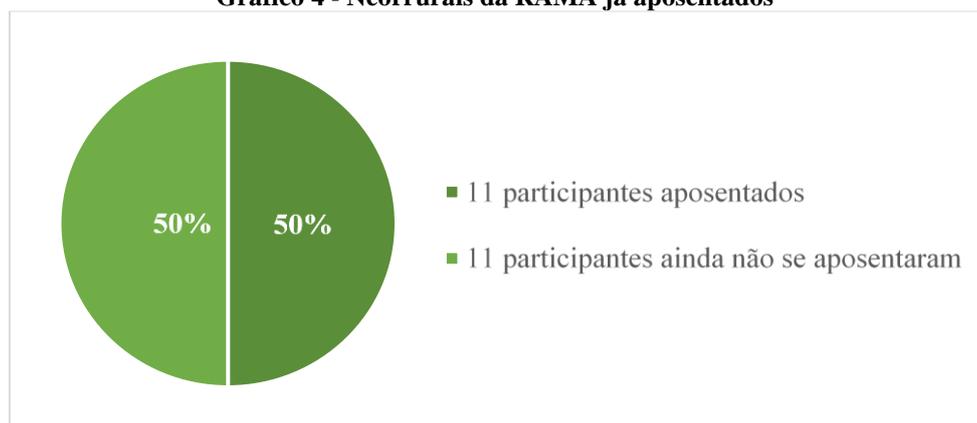
Fonte: Dados da pesquisa

Além dos ganhos oriundos da produção orgânica ou agroecológica, 14 famílias (82%) têm outras fontes de renda, que pode ser a aposentadoria mas também a remuneração proveniente da profissão urbana, ou até mesmo as duas coisas, condição esta que possibilita que permaneçam na atividade. Conforme mostra o gráfico 3, cuja unidade de análise são as unidades de produção, somente três (18%) de um total de 17 famílias vivem exclusivamente da produção.

Gráfico 3 - UPs participantes com outras fontes de renda além da produção

Fonte: Dados da pesquisa

Considerando o universo do número de participantes desta pesquisa, metade já está aposentada, e a outra metade ainda não se aposentou, conforme mostra o gráfico 4.

Gráfico 4 - Neorrurais da RAMA já aposentados

Fonte: Dados da pesquisa

Considerando apenas os neorrurais aposentados, em 2019, ano da realização desta pesquisa, oito participantes (72,7%) estavam aposentados há nove anos ou menos. Conforme mostra a tabela 13, a maioria aposentou-se recentemente.

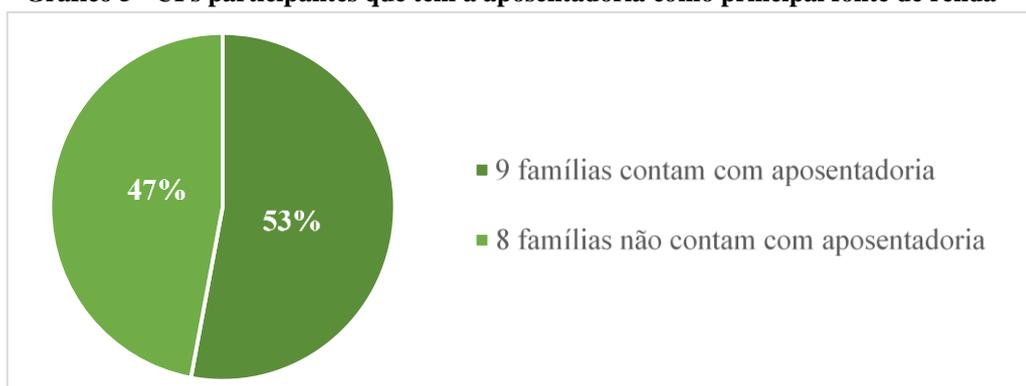
Tabela 13 - Tempo de aposentadoria dos neorrurais da RAMA

| Tempo de aposentadoria | Participantes | % |
|----------------------------------|---------------|-------|
| Há 9 anos ou menos (2010 a 2019) | 8 | 72,7% |
| Há 10 anos ou mais (2000 a 2009) | 3 | 27,3% |
| Total | 11 | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa

Entretanto, o tempo de aposentadoria dos neorrurais da RAMA é bastante diversificado. Há dois participantes que se aposentaram há mais de 15 anos, enquanto três neorrurais haviam se aposentado há um ano ou menos. Neste cenário, a aposentadoria é a principal fonte de renda para nove (53%) das 17 famílias de neorrurais agroecologistas da RAMA, conforme mostra o gráfico 5, cuja unidade de análise são as unidades de produção.

Gráfico 5 - UPs participantes que têm a aposentadoria como principal fonte de renda

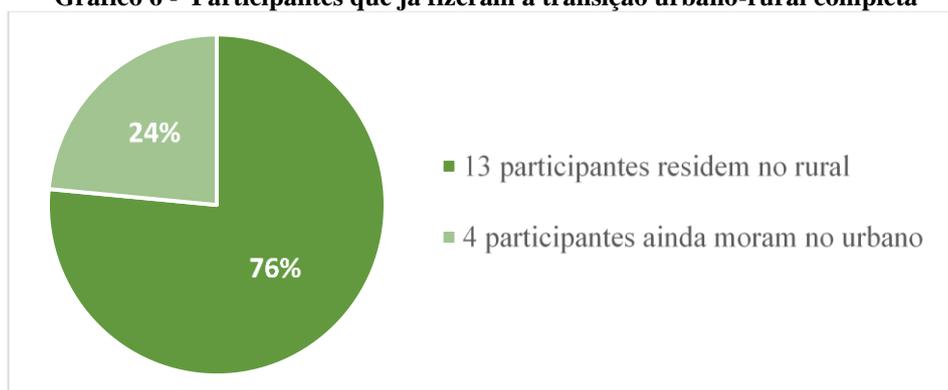


Fonte: Dados da pesquisa

Em uma análise geral, a maioria dos neorrurais estudados tem outra fonte de renda, conforme apresentado nos gráficos 3, 4 e 5. Ou seja, os dados coletados indicam que os novos habitantes do campo não dependem financeiramente da produção. Esta percepção confirma o que disse Codonho (2015) ao concluir que raramente a dependência econômica dos neorrurais vem exclusivamente do campo. Este contexto vai ao encontro do que descreveu Quirós (2017) sobre o movimento neorrural ser formado por uma multiplicidade de classes médias “decididamente branca”, característica esta que também pode ser verificada entre os participantes desta pesquisa.

4.1.4 A aposentadoria e a transição para o rural

Sobre a transição da zona urbana para a zona rural, 13 das 17 famílias ou 76,47% moram no rural e quatro ainda residem na cidade, conforme mostra o gráfico 6, cuja unidade de análise são as unidades de produção. Em contrapartida, somente um deles verbalizou ter dúvida sobre ser, de fato, um neorrural. Não por acaso, trata-se de um dos dois participantes que não se autodenomina como agricultor e outros conceitos semelhantes (tabela 9), pois ainda está bastante vinculado à profissão que exerceu durante toda a vida na zona urbana.

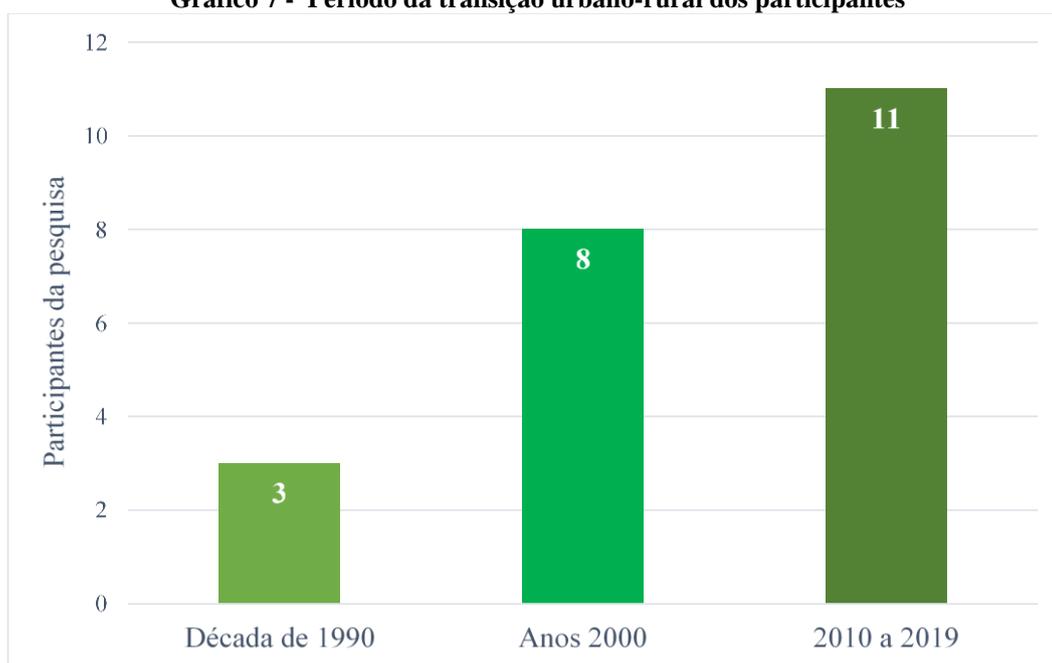
Gráfico 6 - Participantes que já fizeram a transição urbano-rural completa

Fonte: Dados da pesquisa

Logo, podemos concluir que os neorrurais da RAMA não precisam morar no rural, até porque muitos deles mantêm residência na zona urbana. Ou seja, em algumas situações a casa no campo é uma segunda residência, característica esta que coincide com o imaginário rural do leitor urbano do qual fala Silva (2009), conforme apresentado na revisão teórica desta pesquisa. Em outros casos, ocorre ao contrário – alguns neorrurais mantêm moradia na zona urbana como uma segunda residência, para ir de vez em quando.

4.1.5 Tendência de crescimento

Em relação à opção de migrar da zona urbana para a rural, é possível perceber uma tendência de aumento gradual ao longo das últimas três décadas. Considerando o universo deste estudo, é possível perceber que a migração do urbano para o rural se iniciou na década de 1990 e cresceu nos anos 2000 – movimento que confirma as informações encontradas ao longo da revisão teórica desta dissertação. O período coincide com o que relatou Quirós (2017) sobre os neorrurais na Argentina. Conforme mostra o gráfico 7, metade dos neorrurais agroecologistas participantes desta pesquisa migrou do urbano para o rural entre os anos de 2010 a 2019, dado que mostra a intensificação do fluxo do urbano para o rural neste período.

Gráfico 7 - Período da transição urbano-rural dos participantes

Fonte: Dados da pesquisa

Também é possível relacionar o resultado do gráfico 7 com o da tabela 13, que mostra há quanto tempo estão aposentados os neorrurais da RAMA. Os períodos em que ocorreram as aposentadorias coincidem com a intensificação do fluxo migratório, confirmando a teoria de Nørgaard e Andersen (2012), que citam a saída do mercado de trabalho devido à aposentadoria como um dos motivos para a migração.

4.1.6 Origens e deslocamentos

No que diz respeito às trajetórias de cada um dos 22 participantes, considerando-se a naturalidade, o município de origem – local onde residiam ou residem no momento em que decidiram migrar da cidade para o rural – e o destino, percebe-se que 17 deles ou 70% nasceram ou residiram em lugares diferentes do escolhido para viver atualmente. Somente cinco participantes ou 30% nasceram em Porto Alegre, viviam na cidade e fizeram a transição para a zona rural do mesmo município.

Quanto à origem, considerando os dados apresentados na tabela 14, verifica-se que a metade deixou a zona urbana da Capital gaúcha em direção ao rural, sendo que outros dois viviam em outras capitais brasileiras e somente dois no interior do Estado. Considerando o destino, 15 participantes da pesquisa escolheram a zona rural de Porto Alegre.

Tabela 14 - Trajetórias dos neorrurais da RAMA quanto ao município/estado de origem e destino

| Origem | Participantes | % | Destino | Participantes | % |
|--------------------|---------------|-------|--------------|---------------|------|
| Porto Alegre | 11 | 50% | Porto Alegre | 15 | 68% |
| Interior do RS | 2 | 9,09% | Viamão | 7 | 32% |
| Goiânia (GO) | 1 | 4,54% | | | |
| Belém do Pará (PA) | 1 | 4,54% | | | |
| Total | 22 | 100% | Total | 22 | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa

Sobre a naturalidade, verificou-se que 10 (45,5%) dos neorrurais entrevistados nasceram em Porto Alegre e 10 (45,5%) nasceram em municípios do Interior gaúcho, sendo apenas um deles, Novo Hamburgo, nas proximidades da Capital. Apenas dois participantes (9%) são de fora do Estado, sendo um de Goiânia, capital de Goiás, e o outro de Paysandú, no Uruguai, distante mais de 350 quilômetros da capital Montevideú.

Tabela 15 - Naturalidade dos neorrurais agroecológicos da RAMA

| Naturalidade | Participantes | % |
|----------------|---------------|--------|
| Porto Alegre | 10 | 45,45% |
| Interior do RS | 10 | 45,45% |
| Fora do RS | 2 | 9,08% |
| Total | 22 | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa

Entre os 22 participantes da pesquisa, 13 (59%) declararam ter familiares agricultores, conforme mostra a tabela 16. Quando perguntados sobre quem eram os parentes agricultores, a maioria informou que eram os pais ou os avós, mais frequentemente os avós, o que demonstra uma tendência de intervalo entre as gerações. Em menor frequência, também foram mencionados irmãos e tios.

Tabela 16 - Participantes da pesquisa com familiares agricultores

| Tem familiares agricultores | Participantes | % |
|-----------------------------|---------------|------|
| Sim | 13 | 59% |
| Não | 9 | 41% |
| Total | 22 | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa

Dez (45%) dos 22 entrevistados disseram ter informações sobre parentes que no passado fizeram o movimento inverso de migração, no caso da zona rural para a zona urbana.

Entre os municípios de origem, estão Alegrete, que aparece duas vezes, além de Cachoeira do Sul, Dois Irmãos, Erechim, Feliz, Gaurama, Ibirubá, Mostardas e Santo Antônio da Patrulha, todos no Interior do RS. Entre os participantes que tinham informações sobre a migração rural-urbano dos familiares no passado, o principal destino foi a capital Porto Alegre. O principal motivo mencionado pelos entrevistados foi a busca por trabalho. Entretanto, também foram citadas outras razões como estudar e casamento.

Embora a maioria tenha parentes agricultores, conforme mostrou a tabela 16, a minoria tem informações sobre a migração rural-urbano no passado. Portanto, ao analisar as tabelas 15 e 16 de forma conjunta, percebe-se que a maioria dos neorrurais da RAMA possivelmente não tem esses familiares por perto, de forma que pudesse ser influenciado na decisão de migrar do urbano para o rural. Portanto, também é possível sugerir que o que ocorre é uma retomada do rural “antigo”, uma espécie de resgate do histórico familiar, que será abordado em maior detalhe na parte final de análise dos resultados desta pesquisa.

Sobre a época em que ocorreu a migração rural-urbano dos familiares, agricultores ou não, os participantes não tinham informações precisas sobre o ano. Ainda assim, a maioria fez uma retrospectiva e tentou situar o acontecimento considerando a década, conforme mostra a tabela 17, considerando dez participantes respondentes.

Tabela 17 - Período da migração anterior do rural para o urbano

| Década da migração rural-urbano | Participantes | % |
|---------------------------------|---------------|------|
| 1990 | 1 | 10% |
| 1980 | 1 | 10% |
| 1970 | 3 | 30% |
| 1960 | 1 | 10% |
| 1950 | 2 | 20% |
| 1940 | 1 | 10% |
| 1930 | 1 | 10% |
| Total | 10 | 100% |

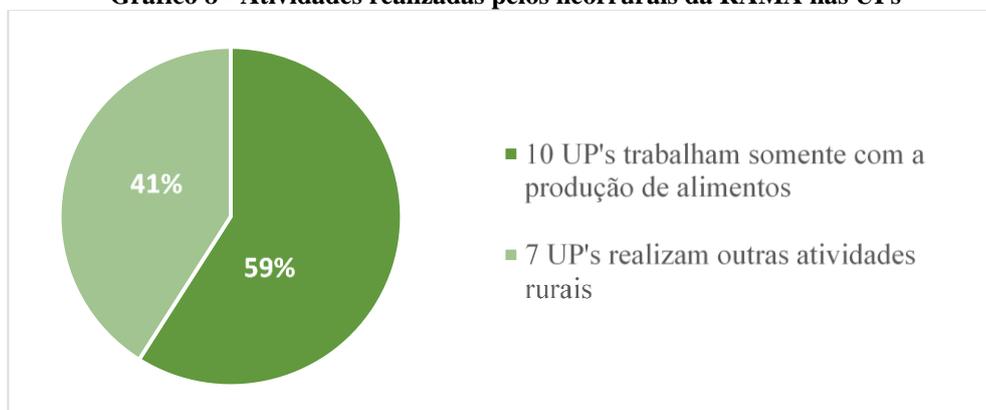
Fonte: Dados da pesquisa

Quando perguntados sobre quem da família migrou do rural para o urbano no passado, três participantes informaram que foram eles mesmos. Entre os demais entrevistados, as respostas foram: a mãe, os pais, os avós, os irmãos e os tios.

4.2 PERFIL DAS UNIDADES DE PRODUÇÃO

Nesta seção, que apresenta dados sobre as áreas rurais em que vivem e trabalham os neorrurais agroecologistas da RAMA, bem como sobre a produção e a comercialização, a unidade de análise predominante é a unidade de produção. Das 17 unidades de produção participantes da pesquisa, onze estão localizadas na zona rural de Porto Alegre e seis na zona rural de Viamão. Considerando que todos os pesquisados são associados à RAMA, todos realizam algum tipo de atividade agrícola. Conforme mostra o gráfico 8, do total, sete realizam outras atividades, sendo a agroindústria e o turismo rural mais frequentes. Também foram mencionados: cervejaria, queijaria, saboaria, eventos e trabalhos terapêuticos.

Gráfico 8 - Atividades realizadas pelos neorrurais da RAMA nas UPs



Fonte: Dados da pesquisa

Entre todos os pesquisados, somente um utiliza algum tipo de insumo químico na produção de flores, que é a atividade mais representativa do ponto de vista econômico nesta unidade produtiva. Por conta disto, embora produza alimentos orgânicos para consumo, não possui a certificação da RAMA. Mas participa da associação para manter o contato em busca de alternativas que viabilizem a produção orgânica de orquídeas.

4.2.1 Posse da terra

No caso dos neorrurais da RAMA, 82% é proprietário da terra em que produz – somente em três das 17 unidades de produção os neorrurais são arrendatários. Na tabela 18, são apresentadas a área total, a área preservada e a área plantada ou utilizada pelos neorrurais para produzir. O tamanho da área total varia de 0,7 hectare a 43 hectares, sendo que a média

é de 9,2 hectares. A área preservada fica entre 0,1 hectares e 11 hectares, com média de 3,7 hectares. O tamanho da área plantada varia de 0,1 hectare e 6 hectares, sendo a média de 1,8 hectares.

Tabela 18 - Tamanho da área total, preservada e plantada dos neorrurais da RAMA

| Área total | Hectares | Área preservada | Hectares | Área plantada | Hectares |
|------------|----------|-----------------|----------|---------------|----------|
| Menor | 0,7 | Menor | 0,1 | Menor | 0,1 |
| Média | 9,2 | Média | 3,7 | Média | 1,8 |
| Maior | 43 | Maior | 11 | Maior | 6 |

Fonte: Dados da pesquisa

Estes números mostram que o tamanho médio da área preservada é maior – quase o dobro – se comparado à média da área cultivada. Na análise individual dos dados de cada propriedade, a área preservada é maior em dez (62,5%) das 16 unidades de produção, resultado que confirma o relato de Quirós (2017) sobre a preservação e o cuidado com o lugar escolhido para viver serem questões importantes para os neorrurais.

Nos dados analisados na tabela, bem como nos que serão apresentados na tabela 19, o somatório das unidades de produção é igual a 16 – uma a menos do que o total de 17 UPs participantes desta pesquisa – porque um dos participantes (E02) tem contrato de arrendamento com uma das neorrurais (E01), conforme consta na seção 3.6 onde os entrevistados foram apresentados. Apesar desta formalidade contratual, ambos compartilham o espaço e plantam juntos, sem que ocorra uma divisão da área

Em termos percentuais, a maioria preserva de 20% a 50% da área total. Enquanto uma das unidades de produção mantém 80% da área preservada, na outra ponta há quem mantenha apenas 2% – é o caso de uma área bem pequena, quase toda cultivada. Vale destacar que somente uma das unidades de produção participante deste estudo utiliza o sistema de agrofloresta.

Em relação à área total, 10 unidades de produção (62%) tem área total menor em relação à média dos neorrurais da RAMA, conforme mostra a tabela 19. Vale ressaltar que, entre os participantes desta pesquisa, não há propriedade com área superior a 5 hectares e inferior 10 hectares.

Tabela 19 - Unidades de produção com área total acima e abaixo da média de 9,2 hectares

| Área total | Hectares | Unidades de produção | % |
|------------|----------|----------------------|-------|
| Abaixo | 0,7 a 5 | 10 | 62,5% |
| Média | 9,2 | - | - |
| Acima | 10 a 43 | 6 | 37,5% |
| Total | | 16 | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa

Ainda sobre o tamanho das áreas, observando os dados do Censo Agropecuário 2017 do IBGE (2019), é possível constatar que o tamanho médio da área dos neorrurais da RAMA⁷ é menor se comparado aos produtores de Porto Alegre e Viamão, destoando também do tamanho médio das áreas no Estado, conforme mostra a tabela 20.

Tabela 20 - Área média dos estabelecimentos agropecuários: Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Viamão e RAMA

Fonte

| Área / UPs / Média | RS | POA | Viamão | RAMA |
|--|------------|-------|--------|------|
| Área dos estabelecimentos agropecuários (hectares) | 21.680.991 | 7.340 | 78.904 | 442 |
| Número de estabelecimentos agropecuários (UPs) | 365.052 | 384 | 1.539 | 46 |
| Área média (hectares) | 59,39 | 19,11 | 51,26 | 9,6 |

Fonte: Adaptado de IBGE (2019) e Ramos (2020).

Para finalizar esta seção, a seguir será apresentada a produção e o destino dos itens produzidos pelos neorrurais agroecologistas participantes da pesquisa.

4.2.2 A produção e o destino

Em ordem de importância econômica, a horta é o principal tipo de produção para nove das 17 famílias. Depois, aparecem a produção de frutas, de noz pecan e de flores. Por fim, também há criação de galinhas poedeiras e vinhedo. A tabela 21 apresenta as atividades agrícolas realizadas pelos neorrurais da RAMA em ordem de importância econômica, ou seja, os participantes deveriam mencionar primeiro a atividade que no momento da pesquisa oferecia maior retorno financeiro.

⁷ Dado diz respeito às áreas de todas as unidades de produção certificadas pela RAMA. (RAMOS, L. P. V. [Entrevista por e-mail]. 17/07/2019. Entrevistador: Bruna Karpinski. Porto Alegre, 2019.)

Tabela 21 - Tipos de atividades agrícolas realizadas pelos neorrurais da RAMA em ordem de importância econômica

| Tipos de atividade agrícola | UP's | % |
|-----------------------------|------|--------|
| Horta | 9 | 52,94% |
| Pomar | 2 | 11,76% |
| Nóz pecan | 2 | 11,76% |
| Flores | 2 | 11,76% |
| Ovos | 1 | 5,88% |
| Vinhedo | 1 | 5,88% |
| Total | 17 | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa

Na horta e no pomar, os neorrurais relataram que produzem alface, rúcula, couve, tomate, pimentão, brócolis, aipim, batata yacon, inhame, feijão, morango, uvas viníferas, butiá e araçá, além de ovos e adubos verdes, entre outros itens, ou seja, é uma produção bastante diversificada.

Quando perguntados sobre o cultivo ser orgânico ou agroecológico, grande parte dos entrevistados parou para refletir sobre o conceito. Muitos demonstraram ter dúvidas sobre como classificar o seu tipo de produção. Após pensar por alguns instantes, a maioria respondeu que considera a sua produção agroecológica, conforme mostra a tabela 22.

Tabela 22 - Tipos de produção das UPs dos participantes da pesquisa

| Tipo de produção | UP's | % |
|------------------|------|--------|
| Agroecológica | 9 | 52,94% |
| Orgânica | 7 | 41,17% |
| Convencional | 1 | 5,88% |
| Total | 17 | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa

Sobre o destino da produção, todos os neorrurais da RAMA cultivam alimentos para autoconsumo e para comercialização. Apenas quatro (23,53%) das 17 unidades de produção destinam uma parte do que é colhido à industrialização. Produzem geleias, pastas e queijo, por exemplo.

A feira é o principal destino da produção para nove (53%) das 17 famílias, sendo que, destas, três famílias comercializam em outro local além da feira. As demais UP's

comercializam para restaurantes, lojas ou mercados de bairro, e também fazem venda direta ao consumidor por meio de cestas e listas de entrega.

Tabela 23 - Canais de comercialização dos itens produzidos pelos participantes

| Comercialização | UP's | % |
|--------------------------------|------|-------|
| Feira e outro local | 3 | 17,6% |
| Só comercializa na feira | 6 | 35,3% |
| Somente em outros locais* | 7 | 41,1% |
| Ainda não está comercializando | 1 | 6% |
| Total | 17 | 100% |

* restaurantes, lojas ou mercados de bairro e comercialização direta ao consumidor

Fonte: Dados da pesquisa

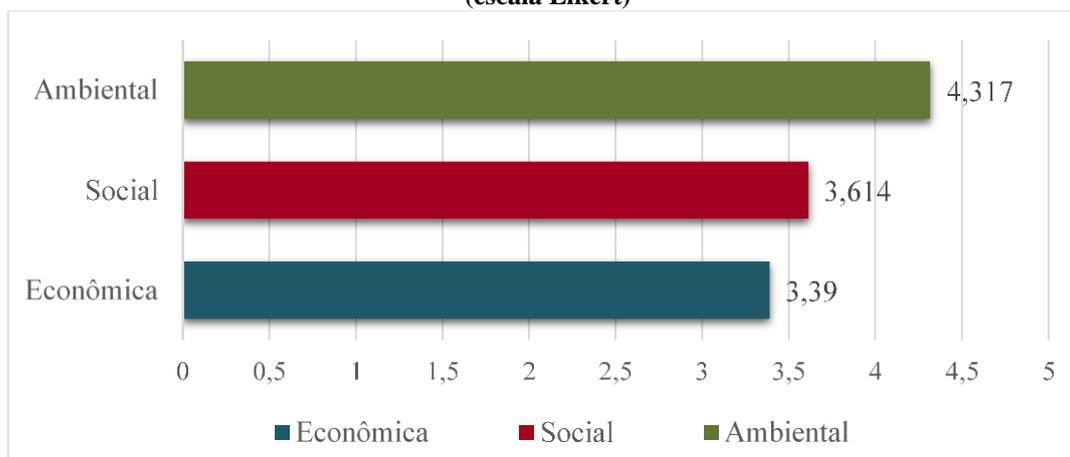
Em uma das unidades de produção participantes desta pesquisa, onde predomina o cultivo de orquídeas, a comercialização é feita na propriedade.

A próxima seção, destinada à classificação das motivações, busca identificar o sentido dado pelos participantes desta pesquisa a cada uma delas, bem como reconhecer elementos que compõe cada uma das dimensões avaliadas pelos entrevistados.

4.3 CLASSIFICAÇÃO DAS MOTIVAÇÕES

Quanto às principais motivações que levaram os novos habitantes rurais desta pesquisa a deixarem a moradia e/ou o trabalho na cidade para viver e/ou trabalhar no rural, os participantes classificaram, de acordo com a relevância, 16 razões pré-estabelecidas. Os motivos foram listados *a priori*, a partir da revisão teórica. Por meio de uma escala Likert de 1 a 5, na qual os participantes atribuíram 1 para não relevante, 2 para pouco relevante, 3 para neutro, 4 para relevante e 5 para muito relevante, foi possível elaborar um ranking das motivações nas dimensões ambiental, social e econômica. A unidade de análise da classificação das motivações foram os neorrurais agroecologistas da RAMA.

Gráfico 9 - Ranking das motivações dos neorrurais agroecologistas da RAMA em três dimensões (escala Likert)



Fonte: Dados da pesquisa

Para o grupo de entrevistados, em primeiro lugar aparecem as motivações ambientais como razões para a migração do urbano para o rural, com média geral de 4,3 pontos na escala. Conforme mostra o gráfico 9, na sequência são mencionadas como importantes as motivações de ordem social, com média geral de 3,6 pontos. Por fim, com menor relevância, estão as motivações econômicas, com 3,4 pontos na média geral.

4.3.1 Motivações Ambientais

Entre as motivações da dimensão ambiental, a mais relevante para os participantes desta pesquisa é a busca por mais saúde, bem-estar e qualidade de vida. A seguir, também aparece como importante a possibilidade de cultivar o próprio alimento para ter uma alimentação saudável. As duas motivações tiveram pontuação superior a 4,5 pontos, conforme mostra a tabela 24.

Tabela 24 - Motivações ambientais dos neorrurais da RAMA por média

| | Motivações ambientais | Média |
|----|--|-------|
| 1º | Busca por mais saúde, bem estar e qualidade de vida | 4,664 |
| 2º | Possibilidade de cultivar o próprio alimento para ter uma alimentação saudável | 4,527 |
| 3º | Busca pela sensação de tranquilidade, descanso, paisagem e ar puro | 4,445 |
| 4º | Procura por maior contato e/ou conexão com a natureza | 4,264 |
| 5º | Possibilidade de contribuir com a preservação do meio ambiente | 4,055 |
| 6º | Fuga da urbanização, trânsito, vida agitada e violência | 3,945 |

Fonte: Dados da pesquisa

Na sequência, aparecem motivações ambientais relacionadas à busca pela sensação de tranquilidade, descanso, paisagem e ar puro, à procura por maior contato e conexão com a natureza e a possibilidade de contribuir com a preservação do meio ambiente. Por fim, a fuga da urbanização, trânsito, vida agitada e violência foi a motivação que atingiu menor pontuação nesta categoria.

Cinco entre as seis motivações deste ranking tiveram média superior a 4 pontos, sendo que, destas, duas registraram valor acima de 4,5 pontos. A diferença entre a primeira e a última motivação do ranking ambiental é de 0,719 pontos, sendo as que mais se aproximam entre si, se consideradas as três dimensões. Esta relação demonstra a importância da dimensão ambiental para os participantes desta pesquisa.

A última motivação deste ranking tem média superior a 3,9 pontos, a mais alta entre as de menor pontuação em cada dimensão. Todos estes dados e relações reforçam ainda mais a importância desta dimensão enquanto categoria.

4.3.2 Motivações Sociais

A busca por valores como liberdade e simplicidade de vida e a possibilidade de fazer transformações e inovações sociais no rural estão entre as motivações mais relevantes para os participantes desta pesquisa na dimensão social. A autonomia ou procura por mais tempo para si aparece em terceiro lugar, conforme mostra a tabela 25.

Tabela 25 - Motivações sociais dos neorrurais da RAMA por média

| | Motivações sociais | Média |
|-------|---|-------|
| 1º | Busca por valores como liberdade e simplicidade de vida | 4,064 |
| 2º | Fazer transformações e inovações sociais no rural | 3,864 |
| 3º | Procura por mais tempo para si e/ou autonomia | 3,809 |
| 4º/5º | Construir formas alternativas de relações sociais no campo | 3,795 |
| 4º/5º | Busca por um projeto de vida ou realização pessoal no rural | 3,795 |
| 6º | Ter um hobby (aposentados) no rural | 2,955 |

Fonte: Dados da pesquisa

A busca por um projeto de vida ou realização pessoal no rural e a possibilidade de construir formas alternativas de relações sociais no campo aparecem em quarto e quinto lugares, com a mesma pontuação. Por fim, nesta categoria, estão a busca por um projeto de

vida ou realização pessoal no rural e a procura por um hobby no rural – esta última, de acordo com a revisão teórica, é mais frequente para idosos, porém nesta pesquisa também foi verificada entre os mais jovens.

No ranking social, a diferença entre a primeira e a última motivação é de 1,109 pontos, relação esta que demonstra e reforça a dimensão social como a segunda mais importante no universo desta pesquisa. Contudo, a motivação que está no topo do ranking é a que obteve a média mais baixa considerando os primeiros lugares nas três dimensões. Este resultado indica que, apesar das questões sociais terem maior relevância no conjunto, a motivação econômica também é importante quando avaliada de forma individual.

Um dado que evidencia esta percepção é que a média mais baixa da dimensão social registrou pontuação inferior a 3 pontos – o mesmo ocorreu na dimensão econômica, conforme será apresentado a seguir, porém não na dimensão ambiental.

4.3.3 Motivações Econômicas

Na dimensão econômica, a principal motivação entre os participantes desta pesquisa é a fuga da pobreza. Chama a atenção que esta razão recebeu pontuação maior se comparada à todas as motivações da categoria social.

Tabela 26 - Motivações econômicas dos neorrurais da RAMA por média

| | Motivações econômicas | Média |
|----|---|-------|
| 1º | Fuga da pobreza | 4,182 |
| 2º | Possibilidade de renda adicional / oportunidade econômica | 3,634 |
| 3º | Procura por habitação mais barata no rural | 3,011 |
| 4º | Buscar alternativas de emprego/ ocupação no rural | 2,75 |

Fonte: Dados da pesquisa

A possibilidade de renda adicional ou oportunidade econômica e a procura por habitação mais barata no rural aparecem em segundo e terceiro lugar, com pontuação superior a 3 na escala Likert de 0 a 5 pontos. Por fim, a motivação com menor relevância da pesquisa foi buscar alternativas de emprego ou ocupação no rural, até porque muitos já eram aposentados, conforme apresentado na análise do perfil dos neorrurais. Este resultado indica que as motivações são condizentes com o perfil dos participantes.

A diferença entre a primeira e a última motivação do ranking econômico é de 1,432 pontos, sendo as que mais se distanciam entre si, se consideradas as três dimensões. Este dado reforça o resultado geral obtido, que indica as motivações da dimensão econômica como menos relevantes para os participantes desta pesquisa. Tanto que somente a primeira do ranking obteve pontuação superior a 4 pontos. Contudo, um dado que contrapõe este contexto geral é a média da primeira motivação do ranking econômico, superior à primeira motivação da dimensão social.

4.3.4 Ranking geral por média

Em uma análise geral da média de pontuação de todas as motivações listadas *a priori*, a dimensão ambiental permanece sendo a mais relevante para os participantes desta pesquisa. Isto porque as quatro primeiras do ranking são desta categoria, conforme mostra a tabela 27.

Tabela 27 - Ranking geral das motivações dos neorrurais da RAMA por média

| | Motivações ambientais, econômicas e sociais | Média | Dimensão |
|---------|--|-------|-----------|
| 1º | Busca por mais saúde, bem estar e qualidade de vida | 4,664 | Ambiental |
| 2º | Possibilidade de cultivar o próprio alimento para ter uma alimentação saudável | 4,527 | Ambiental |
| 3º | Busca pela sensação de tranquilidade, descanso, paisagem e ar puro | 4,445 | Ambiental |
| 4º | Procura por maior contato e/ou conexão com a natureza | 4,264 | Ambiental |
| 5º | Fuga da pobreza | 4,182 | Econômica |
| 6º | Busca por valores como liberdade e simplicidade de vida | 4,064 | Social |
| 7º | Possibilidade de contribuir com a preservação do meio ambiente | 4,055 | Ambiental |
| 8º | Fuga da urbanização, trânsito, vida agitada e violência | 3,945 | Ambiental |
| 9º | Fazer transformações e inovações sociais no rural | 3,864 | Social |
| 10º | Procura por mais tempo para si e/ou autonomia | 3,809 | Social |
| 11º/12º | Busca por um projeto de vida ou realização pessoal no rural | 3,795 | Social |
| 11º/12º | Construir formas alternativas de relações sociais no campo | 3,795 | Social |
| 13º | Possibilidade de renda adicional / oportunidade econômica | 3,634 | Econômica |
| 14º | Procura por habitação mais barata no rural | 3,011 | Econômica |
| 15º | Ter um hobby (aposentados) no rural | 2,955 | Social |
| 16º | Buscar alternativas de emprego/ ocupação no rural | 2,750 | Econômica |

Fonte: Dados da pesquisa

Também é importante observar que, entre as oito mais importantes, seis são ambientais. As outras duas são uma econômica e outra social.

4.4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Nesta seção será apresentada a análise temática das entrevistas semiestruturadas. Conforme relatado na metodologia, o conteúdo foi classificado de acordo com o referencial teórico, em três categorias definidas *a priori*: Dimensão ambiental, Dimensão social e Dimensão econômica. Ao final, para contemplar o aproveitamento de conteúdos importantes que não se encaixavam nestas três temáticas, foi incluída a categoria de análise Memórias, olhares e desafios. Nesta seção, que tem os neorrurais agroecologistas da RAMA como principal unidade de análise, as falas dos participantes foram destacadas em itálico.

4.4.1 Dimensão Ambiental

Nesta seção dedicada à dimensão ambiental, serão destacados recortes que ilustram os vínculos dos participantes com a natureza, com a terra e com o espaço rural. Os trechos referem-se a momentos da trajetória profissional e de vida dos entrevistados. Estes fragmentos dão indícios a respeito do desejo de migrar do urbano para o rural, bem como ressaltam elementos que de alguma forma contribuíram para que esta vontade surgisse. Além destas questões, aparecem depoimentos relacionados a princípios, valores e modos de vida.

Conforme relataram diversos autores, e também ficou evidente na primeira e segunda parte dos resultados desta pesquisa, as falas deixam bastante clara a importância que os neorrurais dão à possibilidade de estar em contato com a natureza. Quando perguntados se consideram ter algo em comum com as pessoas que moram próximo, alguns participantes responderam “*o amor pela natureza*” (E13). Em outras palavras, a participante E07 contextualizou um pouco mais.

Eu acho que... esse apego à terra, né?! À natureza, à terra, e... até porque os... quem é nativo, embora não tenha a pegada agroecológica, mas tem no seu estilo de vida esse... então, a gente sabe que o uso de agroquímicos e agrotóxicos é bem reduzido em função de não ter grandes plantações ainda, né?! (E07)

O “*resgate humano, resgate ao campo, resgate à natureza*” e o “*ir ao encontro do verde, do natural*” (E14) são definições que mostram características supostamente compartilhadas entre os neorrurais e os locais, bem como a preservação do meio ambiente enquanto valor fundamental. Esta referência ao ambiente verde vai ao encontro dos motivos

citados por Nørgaard e Andersen (2012). “*Eu acho que a própria identificação, assim, com a natureza... Mesmo que seja intuitivamente, acho que as pessoas se preocupam em preservar...*” (E11-A) disse o participante sobre o que há em comum entre ele e as pessoas que moram próximo. Os neorrurais biólogos, por exemplo, enfatizaram a possibilidade de contribuir mais com a preservação do meio ambiente enquanto agricultores do que na profissão anterior. Como no caso deste relato, é possível perceber que as falas da categoria dimensão ambiental permeiam as questões sociais, e vice-versa. Uma destas situações diz respeito à relação dos neorrurais com os vizinhos, que será abordada em maior detalhamento na sequência, na seção destinada à dimensão social.

Em contrapartida, também são relatadas algumas diferenças em relação aos locais. “*A gente viu que o pessoal aqui, apesar de ser área rural, poucos plantam, poucos tem essa vontade de trabalhar com a terra*” (E04-B). Há os casos em que os vizinhos – neorrurais e produtores rurais – têm práticas distintas. “*Na verdade, não existe muito técnica certa ou errada. Tem o que o agricultor prefere fazer. O que ele gosta mais de fazer. Por exemplo, eu prefiro fazer na mão, enquanto o vizinho aqui da frente é só na máquina. Cada um tem as suas vantagens e desvantagens*” (E02).

Os neorrurais da RAMA planejam e desenvolvem ações que contribuem para que esta preservação que aparece em seus discursos se concretize na prática. Também mantém áreas de preservação, contribuindo assim para o desenvolvimento rural sustentável. É o caso deste participante, que se dedica a reflorestar sua propriedade com árvores nativas, entre elas butiazeiros, pitangueiras, araçazeiros e araucárias.

Eu fui plantando frutíferas nativas. Tinha uma coisa que outra, mas daí eu fui produzindo, e fui plantando, fui plantando, fui fazendo pomar e mantendo as minhas áreas de preservação. Dos meus 18 hectares, eu devo ter uns 8 de área de preservação permanente, tudo registrado. [...] Eu tenho tudo em pomar. Eu, agora, por exemplo, eu tô (sic) pegando os pés de butiá que eu vejo que tem espalhado na propriedade, aí fiz um levantamento, tô (sic) tirando essas mudas e tô (sic) replantando numa área onde só vai ter butiá. [...] Eu tô plantando várias outras coisas que são nativas, araucárias e pitangas gigantes e outras tralheiras de coisa. (E16)

Além de ser uma fruta nativa, o butiazeiro é uma espécie vegetal protegida por lei e imune ao corte, conforme apresentado no capítulo dos procedimentos metodológicos, em seção dedicada à contextualização da zona rural de Porto Alegre e de Viamão.

Dois participantes mencionaram terem feito parte do movimento ecológico, o que demonstra que o vínculo com questão ambiental é antigo. Nesta perspectiva, atividades

relacionadas à educação ambiental também fazem parte do dia a dia dos neorrurais, sobretudo daqueles que eram professores e trabalhavam em escola com horta, composteira e trilha, entre outras iniciativas pedagógicas. Este aspecto evidencia o vínculo construído com o rural ao longo da vida. *“O cuidado com as águas, aqui a gente fazia trabalho com os alunos de trilhas interpretativas pra observar o cuidado com o arroio, a questão do lixo que é jogado de forma inadequada”* (E11-B). A entrevistada E11-B planta em área próxima à escola onde trabalhava.

4.4.1.1 O lugar

A maioria dos participantes desta pesquisa descreveu o lugar rural escolhido de forma bastante afetuosa e até mesmo poética, utilizando definições como paraíso e refúgio, por exemplo. Os relatos contemplam características físicas, sensoriais e afetivas relacionadas à questão ambiental. *“Eu descreveria como um paraíso, que é o que todo mundo chama quando vem aqui. Tu mesmo, quando entraste, ficaste deslumbrada. Cada um que entra... (pensa:) mas isso aqui é Porto Alegre?”* (E03).

Os neorrurais da RAMA falam do silêncio proporcionado pelo espaço rural, bem como dos sons da natureza. Também destacam a proximidade com a cidade. *“Pra mim, é o paraíso. Eu não me sinto só, eu não dependo de ninguém, eu não preciso ter uma televisão ligada, nada. O silêncio, pra mim, diz tudo, né... eu fico no silêncio, eu gosto de ver os pássaros, os bugios tão berrando ali”* (E16).

Neste trecho, o entrevistado, que tem área na zona rural de Porto Alegre, faz referência ao bugio-ruivo, espécie ameaçada de extinção que povoa a região. Conforme foi apresentado na seção dedicada à contextualização da zona rural da Capital e de Viamão, existem corredores ecológicos que viabilizam a preservação dos macacos desta espécie.

Outra caracterização recorrente diz respeito à vegetação e aos animais presentes no contexto. Orgulhosa da modificação que fez ao longo dos anos em sua propriedade, uma neorrural diz: *“Eu que plantei todas essas árvores”* (E06). A importância de estar em meio à natureza é uma fala que permeia praticamente todas as subcategorias, evidenciando o quanto este contato é fundamental para a maioria dos neorrurais.

O que me encanta é estar em contato com a natureza e com a diversidade. Porque aqui nós temos um corredor de bugios. Eles passam aqui, nessas árvores aqui, oh, todos os dias. Nós temos aquilo que na cidade não tem, então... de ver os bugios

passando, de ver... de poder deixar as frutas que nós não comemos, mas os bugios comem. (E07)

A entrevistada E07 tem área na zona rural de Viamão e, conforme já foi mencionado no capítulo dos procedimentos metodológicos, o bugio-ruivo é símbolo do Parque Estadual de Itapuã, que fica no mesmo município. O relato sobre a presença da espécie no entorno reforça a importância dos corredores ecológicos para a dispersão de sementes, para a conservação da biodiversidade e para amenizar os impactos da ação humana.

A declaração de E07 mostra, ainda, que os ideais neorrurais estão em sintonia com o conceito de desenvolvimento sustentável apresentado no referencial teórico desta pesquisa, com destaque para o pensamento de Sachs (2002). Em uma reflexão sobre os ecossistemas e as pessoas, o autor aborda o respeito à diversidade do fluxo da natureza e das culturas enquanto um ideal ético que norteia o desenvolvimento rural sustentável.

Os neorrurais da RAMA mencionam a presença de bugios, gatos do mato e cardeais. Também citam sons relacionados ao espaço rural “tradicional”, como o galo cantando e o gado mugindo. *“Outra vantagem é tu ter um ambiente rural, em todos os sentidos. Tu tem, aqui, 720 cabeças de gado, aqui do lado. A sinfonia do mugido, às vezes, é a noite inteira. Eu não me importo, porque eu tô (sic) acostumado, durmo tranquilo”* (E12), disse o entrevistado referindo-se ao rebanho do vizinho.

Para descrever o lugar, os entrevistados também fazem associações. *“Às vezes eu fico ali, viajando... eu meio que vejo ali, um... como se fosse, assim, um jardim, sabe... eu vejo isso, assim, como um lugar de produção de alimentos, perto da cidade”* (E09-A). Os neorrurais da RAMA também referem-se à paisagem.

Descreveria assim, um sítio, não muito grande, mas de um bom tamanho, que tem bastante água, bastante vertente. Visivelmente, tá com uma paisagem bem modificada, assim, em relação a ter bastante árvores, enfim, modificado que eu digo no sentido de como ela era antes, antes de eu chegar aqui. [...] Hoje de manhã eu observei, aí, pássaros que eu não tinha visto, uns pretinhos, pequenos, nunca tinha visto. (E17)

A ausência do uso de agrotóxicos pelos vizinhos e outras características do entorno da propriedade também são ressaltadas. *“O lugar é um privilégio, a gente tem os vizinhos... ninguém produz com veneno aqui, quem não produz tem o sítio ou pra morar ou tem sítio de lazer. E os vizinhos todos do entorno, a maioria, são do grupo de agroecologia”* (E01). Novamente, as falas ligadas às questões ambientais permeiam a dimensão social, como no caso da relação com os vizinhos.

Um dos participantes fala sobre o sonho de partir pra uma agricultura orgânica, com princípios agroecológicos. O neorrural E10 tem o sítio desde 1999 e, recentemente, resolveu apostar na certificação.

[...] como no entorno da propriedade não tem nenhuma área de plantio intensivo, convencional, eu tinha uma garantia bastante grande de que aquela terra não tinha sido uma terra “mal usada”. E isso se fortificou porque a terra é exatamente em frente ao Parque Estadual de Itapuã. [...] até hoje, continua sendo uma área livre de agrotóxicos. (E10)

Esta preocupação demonstra que o movimento neorrural também pode ser considerado de contestação ao padrão agrícola dominante, indo ao encontro desenvolvimento sustentável, conforme prevê a agroecologia, na abordagem de Costa (*et al.* 2015), citado na revisão teórica desta pesquisa. Também reforça o pensamento de Méndez Sastoque (2013), que define os neorrurais como críticos do modelo baseado no uso de insumos químicos.

Ao serem perguntados sobre como descreveriam o lugar escolhido, as respostas foram as mais variadas possíveis, sendo a maioria das definições permeadas pelo imaginário rural do qual falam Morillo e Pablos (2016). Conforme apresentado na revisão teórica desta pesquisa, os autores pontuam o amor pelo campo e a afeição por uma vida mais simples em contato com a natureza, características que vão ao encontro de grande parte dos depoimentos coletados neste estudo.

Um dos entrevistados, ao ser questionado sobre como descreveria o local, respondeu: “Bah, isso é difícil... não sei. [...] Pra mim, é um refúgio. Assim, em primeiro lugar, é um refúgio” (E-14). Esta exclamação, feita sem muita reflexão, é uma das que melhor definem a percepção coletiva, dialogando com o estudo de Calvário e Otero (2016) sobre o retorno ao rural. Conforme mencionado na revisão teórica, estes autores descrevem que o campo tem sido um refúgio para os neorrurais, sobretudo no que diz respeito às condições degradantes do trabalho e da vida urbana. Esta ideia é compartilhada por Giuliani (1990).

Para descrever o lugar, os neorrurais também utilizam substantivos e adjetivos, como: amor, paixão, privilégio, bonito, lindo, maravilhoso, tesouro, espetacular, paradisíaco e intocável. Para E04-B, neorrural que relata nunca ter se adaptado às cidades, o lugar rural escolhido pela família é “[...] um pulmão que a natureza oferece e que não é todos que têm esse privilégio” (E04-B). Todas estas definições também estão conectadas com a revisão teórica.

4.4.1.2 Motivações ambientais

A busca por qualidade de vida, o contato com a natureza e a preservação estão entre as principais motivações relacionadas à dimensão ambiental. Este resultado está diretamente ligado às respostas obtidas na segunda parte da análise, onde as motivações foram classificadas em um ranking obtido por meio da escala Likert.

“Qualidade de vida, de poder viver em um lugar que tem passarinho, onde não tem barulho. [...] É um tempo diferente. Porque tu faz as coisas... tu tá cansado, passa o tempo inteiro trabalhando, mas duma (sic) forma diferente” (E01). Este relato transmite que a percepção e o aproveitamento do tempo ocorrem de forma distinta no rural, ao menos para os novos habitantes do campo.

Os depoimentos são bastante abrangentes, pois fazem um apanhado geral que mescla diversos motivos e juntos formam uma ideia.

O meu amor é a natureza, é a preservação... Eu acho que é importante, assim, a questão de a gente ter qualidade de vida. E isso, a gente tem que tá (sic) sempre procurando, a qualidade de vida, sabe... assim, de tu ter prazer no que tu faz, tu agregar a tua preservação da natureza. [...] O meu foco é isso, poder tá lá de vez. Claro, né, que eu não vou deixar da cidade, mas vim esporadicamente pra cidade e ficar sempre lá. Tipo assim, o meu ponto de felicidade. Estando lá eu tô (sic) sempre feliz. (E13)

Outro neorrural fala ainda sobre o contato com a natureza ser fundamental, reforçando outros depoimentos. *“Tem dias que eu largo tudo e vou pra dentro do mato, me esfregar nas árvores e sentir o cheiro da terra, da água, sabe, da umidade. Eu acho aquilo, bah (sic), uma coisa impressionante”* (E12). A preservação da diversidade, os cuidados com a mata nativa, a água e as mais variadas espécies de animais, são valores que norteiam os neorrurais da RAMA.

Nesta subcategoria, os relatos permeiam a possibilidade de produzir e consumir alimentos livres de agrotóxicos e o resgate de sensações que remetem a experiências que os neorrurais tiveram em algum momento da vida. Para o participante E12, um dos ganhos foi conseguir a qualidade de vida que tinha no interior, porém na zona rural de Porto Alegre. *“O meu objetivo também é esse: alimento saudável. Por exemplo, fruta, tu poder pegar no pé, sem veneno, sem adubo, sem p***** nenhuma...”* (E12).

O neorrural E15-B fala com alegria da oportunidade de ter acesso permanente à alimentação saudável e sobre os planos de permanecer no rural e só ir à cidade quando há

necessidade. “*Tem dias que tudo que a gente come, na hora do almoço, é produzido aqui. É suco, é carne, é aipim, é feijão, é verdura, tudo produzido aqui. [...] Eu nasci no Interior, fui morar na cidade, optamos por voltar. Eu não pretendo mais morar na cidade*”. (E15-B)

Estas declarações confirmam o resultado obtido por Vargas (2002), que relata a busca de um relacionamento produtivo harmônico por parte dos neorrurais e vê no movimento uma possibilidade de promover transformações no campo disseminando práticas que favoreçam o desenvolvimento rural sustentável.

Ao fazer um apanhado geral das suas motivações por meio de relato que contempla o vínculo com a natureza, cheiros e sentimentos, a neorrural E05 fala um pouco sobre os anseios que a motivaram nesta transição.

Cultivar um alimento limpo, sabe. É ter o contato com a terra, ter contato com um ar limpo, um ar puro... poder me deitar embaixo duma árvore, sem ninguém... [...] Então, poder cortar uma grama... adoro cortar grama, o cheiro, o cheiro. Os cheiros que têm. [...] Na primavera, assim, quando começam os cheiros das flores de laranjeira, nossa. Então, isso é o que me motiva, sabe?! [...] Eu tinha uma renda, eu trabalhava pra caramba, ganhava super bem. [...] Uma coisa que pra mim foi muito importante foi entender que a gente precisa do contato com a natureza, sabe, pra valorizar o todo. Se a gente se desconecta, a gente perde os referenciais que são nossos, que todos temos. [...] Se perdeu, em algum momento, se perdeu esse vínculo. (E05)

Tais referências ao ar puro e à volta às relações diretas com a natureza remetem aos estudos de Giuliani (1990), que observou entre os novos habitantes do campo a ocorrência de questionamentos existenciais. Outra constatação do autor é que a migração da cidade para o campo é impulsionada mais por desejos do que por necessidade, percepção que se confirma entre os participantes desta pesquisa.

A mudança de vida também perpassa as motivações dos neorrurais da RAMA. Como no caso do participante E08, que define a transição como um processo gradual de tomada de consciência. O neorrural recorda alguns hábitos da época em que residia e trabalhava na cidade, na área da construção civil.

O meu café da manhã era Coca-Cola com bolachinha recheada. A história é bem interessante por causa disso. Eu não tomo refrigerante há 20 anos, desde que eu vim morar aqui... não como bolachinha recheada. E a minha última feita foi há uns dois anos: decidi parar de tomar álcool. (E08)

Para alguns participantes, retornar ao rural é uma forma de resgatar vivências passadas e também de preservar o bem-estar físico e mental. A neorrural E03 conta que os oito anos que viveu no interior “[...] foram os melhores oito anos da minha vida em família”.

Quando voltou a morar em Porto Alegre, em Ipanema, lembra do “*burburinho*” que não permitiu que ela se adaptasse.

Eu fiquei muito chateada, muito triste, muito triste, de vez em quando deprimida, assim. Pra mim foi um choque voltar pra cidade. E aí eu queria muito aquilo que eu tive antes. Por isso que eu escolhi vim morar aqui. Aqui encontrei aquilo que eu tinha lá no interior. E melhor, aqui, ainda, porque lá as coisas eram produzidas pra mim. Aqui eu produzo pra mim. (E03)

A possibilidade de ter mais espaço e de fazer caminhadas, por exemplo, também figuram entre as motivações ambientais.

4.4.2 Dimensão Social

Entre os aspectos gerais que mais chamam a atenção na categoria dimensão social estão as relações com produtores rurais e com vizinhos. Nesta seção, serão destacados relatos que retratam estas dinâmicas, bem como a troca de informações técnicas, experiências e ajuda mútua. Os trechos também referem-se a hábitos, questões culturais e diversidade social, bem como à conexão afetiva estabelecida com o lugar escolhido, entre outras motivações que permeiam o social.

As trocas e parcerias entre vizinhos, são mencionadas na maioria dos depoimentos, sendo portanto um dos aspectos mais importantes na categoria dimensão social. “*Compra, venda, ajuda mútua, eles me ensinam um monte de coisas, e eu, na medida do possível, devolvo isso. O meu carro atola, eles vão lá com o trator e tiram. Quando eles precisam remédio, eu prescrevo. Cada um oferece o que tem*” (E10).

A ajuda mútua também aparece nos relatos sobre as dinâmicas do espaço rural. “*O troca-troca, as parcerias. O apoio, enfim, tanto assim na conversa, na ideia, mas também na instrumentalização da coisa. Se tu não tem um equipamento, se tu não tem uma determinada muda, e tal. Tem os vizinhos pra te amparar nesse momento*” (E11-A).

O depoimento da neorrural E01 reafirma estas vivências. “*Existem trocas, até de produtos, de mudas, de ajuda mútua, de transporte, de um ajudar o outro a carregar as coisas, de reunião, tu divide, um vai, outro vai, então a gente tem carona*” (E01), disse a participante referindo às trocas que ocorrem, também, entre os associados da RAMA.

Essas trocas foram o ponto de partida para o surgimento da Associação dos Produtores Ecologistas do Lami (APEL), pioneira na organização dos agricultores da zona

rural de Porto Alegre. A partir dessa iniciativa, lembrou E01, depois foram surgindo outras associações, até que todas se uniram para a fundação da RAMA enquanto certificadora. O resgate deste histórico confirma o resultado de Codonho (2015) sobre a aspiração de pertença social dos neorrurais, característica que fica evidente na atuação para formar associações.

De acordo com os depoimentos, a ajuda mútua é um valor que se mantém até mesmo na comercialização. *“A ideia é essa, não só trabalhar com as nossas coisas como também pegar de outros produtores, até pra trabalhar junto, na rede toda. E aí entra nessa questão da troca, que se estabelece com as pessoas, as relações de ajuda mútua”* (E09-B).

Todos estes relatos escolhidos para dar início à análise na dimensão social vão ao encontro dos estudos de Méndez Sastoque (2012 e 2013). O autor caracteriza os neorrurais como pessoas que buscam construir um projeto de vida alternativo, se integrando à vida da localidade, participando dos assuntos comunitários e vivenciando relações de solidariedade, cooperação e ajuda mútua, conforme abordado na revisão teórica.

Uma das entrevistadas avalia que as trocas entre vizinhos são comuns, porém *“não tanto quanto eu vivi isso no interior”* (E13). Um dos participantes relatou que estas trocas ocorrem de forma pontual, e não ampliada. Segundo ele, é *“cada um por si”*. Um dos exemplos citados por este neorrural é que nos dias de feira, cada agricultor leva os seus produtos sozinho, envolvendo assim inúmeros carros em vez de ter um veículo em comum para todos.

Em outra declaração, um dos neorrurais faz a sua leitura sobre as relações sociais no espaço rural: *“as trocas, às vezes, não são tão perfeitas assim... são muito mais ilusórias, de ideal, de ideia”* (E14). Este neorrural mencionou como exemplo a disputa que se estabelece no ambiente das feiras. *“Então, isso quer dizer, isso não é uma feira orgânica, isso é uma feira convencional com produto orgânico”* (E14), reflete o participante sobre as práticas, questionando as relações sociais.

Outra forma de troca ocorre entre neorrurais e vizinhos que têm áreas ociosas porque não plantam.

Eu tenho quatro chácaras, na volta aí, que eu planto pros vizinhos. E aí dou 20% (da produção) pra eles, entendeu? É uma parceria. Tem muitos que não tinham produto pra eles, não plantavam... a gente tá oferecendo pra eles o mesmo produto de qualidade que a gente tem. (E04-B)

Também ocorre a troca de mão de obra por produtos, conforme o relato de uma das famílias de neorrurais que possui propriedade localizada próximo a uma aldeia Guarani:

“Tem os índios, aí... que eles trabalham com nós (sic) sempre. A gente pega, às vezes dois, às vezes três, quando precisa, vem um... quando aperta o serviço. Carneiam bicho, eles querem carne, a gente arruma pra eles... porco, galinha, mais pra consumo”. (E04-B)

A diversidade social é uma das características do espaço rural de Porto Alegre e Viamão. Neste sentido, a produção de alimentos orgânicos ou agroecológicos, em alguns casos, ainda gera debate quando os vizinhos que são adeptos do método “*convencional*” de cultivo e tem, portanto, “*uma concepção diferente de como trabalhar*”, segundo o participante E11-B.

E a gente, que vem da escola, com trabalho com os alunos, mais pedagógico, então a gente vem nessa linha de produção orgânica, de maior cuidado com o solo, então tem um tipo assim, não é choque, mas é uma certa estranheza. Aí eles observam de que forma a gente tá trabalhando nos espaços, então tem... mas eu acho que é uma troca bem interessante porque a gente aprende com eles também esse conhecimento tradicional que eles têm e, de certa forma, a gente quer levar também, novas ideias, novas possibilidades. (E11-B)

As diferenças sociais também aparecem nos depoimentos dos neorrurais da RAMA. “*São coisas que as vezes a gente não tem nem como explicar, alguns tipos de vínculo que se estabelecem com pessoas muito diferentes de ti... não são vínculos afetivos, vamos chamar, assim, de vínculos de vizinhança, de convívio eventual*” (E12). Para este neorrural, são as trocas que “*alicerçam*” e “*ajudam na efetivação desses vínculos*”, sendo algo muito sutil que possibilita o fluir da convivência.

A busca por valores como simplicidade de vida, conforme foi sugerido no referencial teórico e comprovado no ranking das motivações, está entre os aspectos da dimensão social. “*É uma simplicidade... e é isso que me encanta. Assim, as pessoas... não importa se tu tá de roupa rasgada, sabe, eles te tratam sempre como pessoa, independente de como... e isso, eu acho, que a gente não vê, muitas vezes, na cidade*” (E13). Segundo esta neorrural, no espaço rural recolhido por ela as pessoas se tratam como iguais.

4.4.2.1 O lugar

Os sentimentos de pertencimento ao lugar e afetividade proporcionados pelo espaço rural são perceptíveis nas falas dos neorrurais agroecologistas da RAMA. Como no caso do participante E10, médico e mestre em filosofia, que fala com carinho do lugar que escolheu: “*Já são mais dias lá (no sítio) do que aqui (na cidade)... e hoje, como eu tô (sic) em fase de*

encerramento de consultório, não só o tempo real lá é maior, o tempo afetivo é maior. O tempo todo eu penso muito mais lá do que aqui” (E10).

Ao longo das entrevistas, ficou evidente, na maioria dos casos, a integração ao local e à comunidade. *“Sim, a gente faz parte... às vezes tu mora num lugar, ou está num lugar, mas tu não pertence àquele lugar. Sim, a gente tá bem integrado e eu me sinto fazendo parte deste espaço, sim”* (E01). Os relatos mostram o envolvimento dos neorrurais com o desenvolvimento local, como por exemplo a mobilização para coleta de lixo reciclável e para a instalação de rede de internet mais potente.

Em alguns casos, a possibilidade de morar e trabalhar no rural significa a realização pessoal e profissional, reafirmando o que foi abordado no referencial teórico desta pesquisa e confirmado na segunda etapa das análises.

Bom... pra mim, isso aqui é um espaço de realização. [...] O que eu digo pra todo mundo, tu conversa com as pessoas... a maioria das pessoas se queixam que dificilmente elas fizeram, ao longo da vida... ou que depois que tão aposentadas, tão fazendo exatamente aquilo que elas gostariam ou algo que lhes dê prazer. Então, assim... eu tô (sic) fazendo algo, aqui, que me dá um enorme, um gigantesco prazer. (E12)

Contudo, na dimensão social também há espaço para as divergências. O referencial teórico desta pesquisa aborda eventuais conflitos entre os neorrurais e os produtores rurais nativos. Neste estudo, considerando que todos os entrevistados são novos habitantes do campo, não foi possível verificar esta realidade. Entretanto, foi possível perceber que discordância semelhante ocorre entre os neorrurais que têm uma formação técnica mais específica e aqueles com formação em outras áreas do conhecimento. E também entre os mais produtivos, que se mantém economicamente por meio da renda obtida com a produção agrícola, e os menos produtivos, que têm outras fontes de renda. Um dos participantes (E08), que se reconhece como neorrural ao mesmo tempo em que se considera um dos únicos produtores da RAMA, relatou a dificuldade de “dividir um espaço” com “pessoas que não conhecem a realidade”, não somente por causa do tamanho da produção mas em função das “propostas de vida” serem distintas.

4.4.2.2 Motivações sociais

Complementando o que foi detalhado na categoria dimensão ambiental, a busca por liberdade, autonomia e tranquilidade estão entre os principais fatores que motivam os

neorrurais da RAMA na dimensão social, reafirmando o referencial teórico e o resultado obtido no ranking das motivações por meio da escala. Estes valores sintetizam a resposta de muitos participantes quando perguntados sobre o que motivou a migração urbano-rural. *“Qualidade de vida e liberdade... de ir e vir, de ser dono do seu nariz”* (E04-B).

Ao fazer um apanhado geral que retrata o contexto urbano nos dias atuais, o participante E10 reflete sobre o tema desta pesquisa. Na tentativa de explicar o seu sentimento, recorreu ao pensamento do psicanalista Sigmund Freud: *“Ele disse que a civilização, o preço da civilização, é a repressão das nossas características animais. Então, pra gente viver numa cidade como Porto Alegre, isso sem falar São Paulo, tu paga um preço muito caro”* (E10). Em seguida, pontua:

Eu acho que todas essas coisas que a gente fala "ah bom, viver no Interior é muito melhor, porque o ar é mais puro, a gente enxerga longe"... na verdade isso é uma coisa atávica. O Interior representa o espaço de ser mais livre, menos oprimido. Uma tentativa de tu fugir dessa repressão brutal dos nossos aspectos mais instintivos, mais animais. Isso, que no fundo, move as pessoas a serem neorrurais... Não é porque Itapuã é bonito, porque tem outros lugares bonitos... então, lugares bonitos existem, né?! E nem sempre a gente tem vontade de... mas eu acho que sim, eu acho que contribui. Eu acho que o grande móbil disse, é... esse desejo de tirar essa canga de cima, né. E ir lá, fazer xixi no mato, sei lá. É ser mais livre. (E10)

Este foi um dos depoimentos mais marcantes e que pareceu sintetizar de forma mais abrangente o sentimento dos participantes desta pesquisa. É uma descrição filosófica da realidade que vai ao encontro do que os demais entrevistados relataram em uma linguagem mais simples. Tal declaração também corrobora o que disse Vargas (2002), ao mencionar a busca por uma proposta de autogestão emancipatória da vida que viabiliza uma libertação interior.

O gosto por trabalhar ao ar livre, a ausência de uma rotina e a possibilidade de usar o tempo da forma como deseja, sem necessariamente respeitar convenções, são questões que aparecem nas falas dos neorrurais da RAMA. *“Eu sou dono do meu tempo, e da minha hora. Se eu quero fazer eu faço, se eu não quero fazer, eu não faço. Eu sou dono de mim”* (E16). Este relato endossa o estudo de Morillo e Pablos (2016), que descrevem a busca por horários flexíveis como uma das características desta ruptura com as práticas da vida urbana. Conforme abordado na revisão teórica, os autores acreditam que este movimento reflete a necessidade de domínio sobre o próprio tempo.

Paixão, felicidade, sonho, realização e satisfação também figuram entre os sentimentos que expressam as motivações da dimensão social citadas pelos neorrurais da RAMA. *“É um sonho de aposentadoria, um sonho de vida, da mãe e do pai”* (E11-C). Este depoimento também reforça o pensamento de Morillo e Pablos (2016), que abordam a migração do urbano para o rural como uma possibilidade de desenvolver um novo projeto de vida.

Outros neorrurais definem como *“uma busca por felicidade interior”* (E12) ou uma busca por satisfação. Este é o caso da participante E01, que ao longo da sua trajetória acadêmica não encontrou muitos espaços rurais abertos a visitas e estágios voluntários para o aprendizado. Por isso, na sua propriedade resolveu fazer diferente e abrir a porteira para que estudantes e viajantes pudessem conhecer e fazer vivências práticas.

Em 2010, a gente entrou na rede de trabalho voluntário que é a WWOOF (World Wide Opportunities on Organic Farms), não sei se tu já ouviu falar... que é um intercâmbio que não envolve dinheiro, mas sim trabalho. Troca de... A gente dá cama e comida e eles trabalham, então acho que isso é uma coisa muito interessante. (E01)

A declaração de E01 endossa o estudo de Méndez Sastoque (2013), que descreve os neorrurais como adeptos às inovações. Como exemplo, o autor cita que os neorrurais abrem espaço para estrangeiros, em sua maioria europeus, que têm interesse em fazer intercâmbio para aprendizagem e troca de experiências, mencionando a WWOOF.

A neorrural E13, que ainda concilia as atividades rurais com as atividades urbanas, garante que, se pudesse, ficaria mais tempo no rural. *“Eu tô (sic) trabalhando em Porto Alegre, às vezes, na empresa, mas o meu pensamento já tá (sic) lá. Na minha plantação, ou no meu mato, tô (sic) sempre com a cabeça lá. É paixão, é paixão”* (E13).

Dos 22 entrevistados, somente um relatou que a escolha de migrar do urbano para o rural foi ao acaso. *“Não teve nenhum motivo particular. Foi por curiosidade...”* (E02). O neorrural, que é sobrinho de uma das participantes desta pesquisa, morava em Goiás e conta que visitou o sítio duas vezes antes de decidir fazer a mudança e a transição. Migrou do urbano para o rural com 16 anos e, entre os participantes da pesquisa, é um dos mais jovens.

O contato constante com técnicos da área rural também aparece entre as motivações sociais em pelo menos três situações. Em um dos casos, esta troca ocorreu durante o estágio curricular da graduação em Agronomia realizado na Emater. Nas outras duas situações, o convívio com os técnicos ocorreu durante a vida profissional dos participantes enquanto

trabalhadores urbanos, ambos na área de comunicação, um deles na faculdade de Agronomia da UFRGS e o outro na Emater.

Em contrapartida a todos estes relatos, o isolamento voluntário é uma motivação que surgiu ao longo das entrevistas desta pesquisa. Três participantes falaram sobre serem um pouco antissociais. *“Eu falo com o passarinho, falo com o cachorro, falo com as jegue que eu tenho, com o cavalo, pessoas já não muito. Eu tô (sic) bastante isolado de pessoas (risos)... Não tem muita relação social, não. Então, assim, eu vivo bem comigo mesmo”* (E16).

4.4.3 Dimensão Econômica

Entre as três dimensões do desenvolvimento sustentável, pode-se dizer que a econômica é a menos relevante para os neorrurais da RAMA. Nesta seção, serão destacados depoimentos que permeiam a complementação de renda, a estimativa de ganhos e ausência de retorno financeiro expressivo com a atividade que, para a maioria, proporciona uma ocupação e a possibilidade de realizações nas dimensões ambiental e social. Os trechos também referem-se questões relacionadas ao mercado.

Na verdade, aqui eu não tenho lucro. Basicamente, o dinheiro que entra ajuda a manter o que eu tenho. Uma vaca prenha, quer dizer, que tá com terneirinho no pé, vaca de leite, então eu vendo o leite dela, queijo e manteiga, eu faço e vendo. Então, eu acho que a vaca se mantém. [...] Mas eu tenho, assim, muita manutenção. Tem que arrumar cerca, tem que arrumar telhado, tem que arrumar isso, tem que arrumar aquilo. Mas acontece que o que entra não cobre, de jeito nenhum. Se eu não tivesse salário e pensão, “deusolivre” (sic), aí não dava fim. [...] O “problema” é que isso me mantém ativa. (E03)

O relato acima resume a realidade da grande maioria dos neorrurais da RAMA, sobretudo daqueles que já estão aposentados, como é o caso de E03, e também do casal E15-A e E15-B, que complementam o depoimento anterior. *“A produção aqui não é pra nos sustentar, foi uma maneira de nós ocuparmos o nosso tempo aqui. E tamo (sic) ocupando o nosso tempo aqui com retorno”* (E15-A).

A estratégia de E15-A dialoga com a visão de Sachs (2004), para quem o conceito de desenvolvimento vai muito além de crescimento econômico e multiplicação de riqueza, conforme discutido na revisão teórica desta dissertação. O marido de E15-A complementa: *“Nós viemos pra cá com um objetivo: produzir o que a gente consome, praticamente. Só que depois inventamos essa de comercializar, aumentar”* (E15-B).

Para E12, tornar-se neorrural, também foi um plano alternativo à aposentadoria pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), entre outras questões. *“Eu digo pra todo mundo, quem se aposenta pela CLT, já tem que, antes de se aposentar, pensar o que que ele vai fazer, se ele tiver saúde, porque vai ter que continuar trabalhando”* (E12). O participante refere-se à possibilidade de complementar a renda principal.

Conforme já foi mencionado nas duas categorias anteriores, em diversos momentos os relatos permeiam mais de uma dimensão. Como no caso do depoimento a seguir, que contém ideias que também se encaixam na dimensão ambiental e na dimensão econômica. *“A gente tava (sic) buscando algo diferente, uma tranquilidade diferente, o custo reduzido, uma qualidade de vida melhor. Tudo isso a gente alcançou. Agora a ideia é manter, e isso aqui virar uma aposentadoria pro futuro”* (E04-A).

Entretanto, para alguns, sobretudo os mais jovens, desenvolver um projeto consistente que tenha viabilidade econômica e possibilite viver da produção de alimentos é uma meta para um futuro próximo. *“O meu desejo hoje é trabalhar com uma produção bem intensiva, assim, produzir bastante coisa. E seguir, assim, nessa venda direta”* (E09-A). Este depoimento confirma o pensamento de Sachs (2004), sobre as produções em pequena escala intensiva comercializadas em mercados locais estarem ganhando força.

E09-B, parceiro de trabalho de E09-A, aposta na diversificação e complementa:

Diversificar os meios de comercialização. Então, pegar uma feira, entregar cesta, entregar pra restaurante, vender na loja da RAMA... quando tiver montado, estufas e coisa, trazer gente pra visitar, fazer um colha e pague. O sonho é grande, mas demora pra chegar lá, né?! E agora a gente tá começando tudo do zero, de novo. (E09-B)

Entre os neorrurais da RAMA, E09-A e E09-B fazem parte de uma minoria que não tem a posse da terra – das 17 unidades de produção visitadas, somente três arrendam a área utilizada para o cultivo. Por isso, ao mencionar que estão *“começando tudo do zero, de novo”*, o entrevistado refere-se ao fato de terem transferido o plantio de uma área para outra, mais próxima da cidade, com custo menor e melhor infraestrutura para descanso.

4.4.3.1 Motivações econômicas

A busca por trabalho e a oportunidade econômica são as principais motivações da dimensão econômica. Entretanto, quando perguntados sobre o motivo para sair de onde morava, na cidade, em direção ao rural, a maioria listou questões ambientais e sociais.

Somente dois neorrurais dedicaram sua resposta à dimensão econômica, entre eles E01, que relembra como foi o seu processo:

Uma das coisas era a questão do trabalho. Eu não me via mais trabalhando, eu não conseguia ficar trabalhando em local fechado. Eu me via esgotada, já. E depois, sem saber, tem muitas vantagens a gente poder fazer isso. É um privilégio poder trabalhar em casa, não ter deslocamento, não ter chefe te cobrando "ah tu tem que fazer isso tal hora". Então, assim, eu acho que tu ser independente pra tomar as tuas decisões. [...] Até no início é bem mais complicado porque tu não tem o dinheiro. Porque quando tu tem emprego formal, tu tem um rendimento definido. E quando tu monta um negócio, tu não sabe como que vai acontecer. [...] A gente comprou o sítio e foi fazendo as coisas aos pouquinhos. Até as pessoas foram se agregando, aos poucos... as coisas não aconteceram de uma hora para a outra. Foi um processo, assim, construído. (E01)

Ao mencionar a liberdade de não ter um chefe cobrando, E01 endossa o pensamento de Calvário e Otero (2016), para quem as motivações dos neorrurais estão ligadas à busca por um estilo de vida mais simples, autossuficiente e autônomo, livre de trabalho assalariado. A neorrural E01 conta que, aos poucos, os familiares foram se agregando ao empreendimento rural. Primeiro o sobrinho, depois a irmã e por fim o irmão. Esta configuração familiar do negócio não foi programada, mas foi acontecendo naturalmente. Conforme a demanda foi aumentando, as oportunidades foram surgindo.

O outro neorrural que destacou motivação de ordem econômica foi E09-A, que não tem familiares agricultores mas ressaltou também a busca pela “*vida no campo*”:

Foi tipo a busca pelo trabalho, né?! Pela vida no campo, assim... [...] Eu acredito no negócio. É um negócio que dá retorno. A gente tem assim as facilidades de acesso à internet, acesso à cidade, conhecer, ter a distribuição aqui. Então, acho que aliado... eu vi nisso uma oportunidade, assim, de seguir com um ganho financeiro bom e ter a vida no campo. Pra mim foi isso... (E09-A)

Ao relacionar as falas dos participantes com o resultado do ranking das motivações, verifica-se que a fuga da pobreza em nenhum momento é citada de forma declarada nos discursos. Entretanto, esta motivação foi a que mais pontuou, ficando em primeiro lugar na escala. Ou seja, fica o questionamento e a dúvida se esta é uma motivação inconsciente dos neorrurais da RAMA. Da mesma forma o terceiro item do ranking, que é a procura por habitação mais barata, só apareceu de forma indireta, como no caso da participante E04-A, que citou o “*custo reduzido*” do lugar escolhido pela família neorrural.

4.4.4 Memórias, olhares e desafios

Memórias, olhares e desafios é o nome da categoria remanescente criada para acomodar o conteúdo que não fazia parte de nenhuma das dimensões – ambiental, social, e econômica. Alguns trechos dos falas até se encaixavam, entretanto mereciam espaço que desse o destaque merecido para o sentimento expressado durante as entrevistas. Como no caso das lembranças da infância, para uns mais e para outros menos rural. Neste espaço de fala também foi possível resgatar as origens e os sonhos de crianças que cresceram e, em algum momento, foram para o urbano e depois se tornaram neorrurais, sem deixar de lado os sonhos de pessoas adultas que não viam a hora de retornar ao campo.

Mas por que o rural? Por que a atividade com a terra? A coisa vem, talvez assim, da infância. Meus pais, imigrantes russos, vieram pra cá com a roupa do corpo, depois da Segunda Guerra. O meu pai, pra tu ter uma ideia, era sapateiro. Sabia arrumar sapato, então, era uma vida muito pobre, muito limitada. Eles compraram um terreninho muito pequeno, e a minha mãe tinha um quadrinho de nada, e ali ela plantava o que ela podia e o que ela não podia, ela plantava naquele terreninho. E eu desde pequeno fuçando, sabe. (E12)

As memórias afetivas da infância, em relação ao rural ou coisas que remetam a um espaço mais amplo e não urbanizado, fazem parte do relato de dez dos 22 participantes desta pesquisa. Como para a neorrural E03, que recorre ao paladar e às brincadeiras de criança para recordar um pouco do cenário no início da vida.

Até os dois anos eu morei ali, foi ali que eu nasci, e era uma chácara, assim, eu acho que tinha um hectare ali. Tinha tudo quanto era fruta, tinha até um pé de oliveira, bem na frente. Dava umas oliva coisa mais linda... eles tiraram tudo, judiaria. E aí, depois, a minha vó morou na Dom Vital, ali no (bairro) Glória, numa casa grande também com um enorme dum (sic) pátio cheio de árvores frutíferas. A minha família gostava muito de ter árvores frutíferas, pomar. [...] E não se usava veneno, não se usava nada. [...] A minha família tinha horta caseira pro uso, nada pra vender. E as frutas também, eram pro nosso uso. Minha vó era muito doceira, cozinheira, fazia doces... [...] E eu era uma macaca, eu vivia trepada nas árvores, comendo as frutas assim, natural, lá em cima da árvore. (E03)

A participante E03 recorre às memórias de infância no interior de Porto Alegre para compreender seu desejo de retornar ao rural depois de adulta. Como fez outra neorrural que cresceu em uma chácara na Capital. “O meu pai, ele foi (agricultor). Eu nasci e me criei dentro de uma chácara em Porto Alegre, ele produzia e vendia na Ceasa” (E15-A).

O marido e E15-A também tem estas memórias, porém em relação ao Interior do Estado. “Eu nasci e me criei no interior, também, na área rural. Em Ibirubá. Metade (da

família) continua nessa profissão (de agricultor). Em Ibirubá, no Paraná, esparramado por aí, Santiago, Vila Nova do Sul” (E15-B).

Além do termo chácara, os participantes também usam a expressão sítio, como o entrevistado E16, que recorda as vezes em que ajudou o pai nas tarefas. *“Os meus irmãos iam (pro sítio do pai), mas não curtiam nada, quem curtia era eu. Eu que ganhava 50 centavos por carrinho de esterco que eu juntava, porque o cinema era 1,50 e se eu trouxesse quatro carrinhos, eu conseguia ir no cinema e comprar uma bala” (E16).*

Todos estes relatos que remetem às memórias da infância confirmam o pensamento de Nørgaard e Andersen (2012) ao descreverem a migração do urbano para o rural, conforme abordado na revisão teórica. Segundo estes autores, entre os motivos está o desejo de voltar ao lugar onde cresceu.

E08, que reside e produz em área que é da família desde a sua infância, conta que tinha oito anos quando definiu onde ia ser a casa em que mora hoje. *“Eu ia pra lá e acampava lá. A primeira coisa que eu fiz, quando tinha uns 15 ou 16 anos, foi botar uma ligação de água lá. Tu tá entendendo porque é difícil de explicar? Não é uma coisa muito simples. [...] Sempre me acompanhou, eu sabia que ia acontecer isso” (E08).* O neorrural E11-B, professor aposentado, lembra que, nas escolas por onde passou, sempre observava o tamanho do pátio e da área verde:

Eu sempre tive tipo uma obsessão por espaço. Na minha infância, as casas que eu morei, quase nunca tiveram pátio. Então, sempre gostei. Queria ter um espaço, um pátio grande, pra ter uma horta. Cada escola que eu ia, assim, que eu tinha que escolher... chegava numa escola, assim, que às vezes, tu era nomeado pra uma escola mas tinha que optar... Chegava na escola, a primeira coisa que eu observava era o espaço, se tinha. Todas as escolas que eu fui trabalhar sempre tinham espaço pra horta. Então, hoje, é uma realização dum sonho de tá num espaço. (E11-B)

Em alguns casos, a vontade de deixar o urbano em direção ao rural surgiu da disseminação de práticas sustentáveis, como a construção de composteiras domésticas. *“Acho que eu ouvi muito do Lutzenberger, porque era uma referência, eu era criança, a literatura dele, ele aparecia muito na TV, foi aí que eu fiz a primeira composteira, foi vendo ele na TVE, um programa ensinando a fazer composteira com tijolos” (E17).*

Sobre a possibilidade de mudar o olhar e a percepção sobre os hábitos urbanos, sobretudo em relação ao consumismo, o neorrural E02 comenta:

Tu muda muito em relação a tu morar num lugar assim. Depois, quando tu volta, o pessoal que ficou na cidade, os objetivos são muito diferentes... a experiência

completamente diferente. Tem certas coisas que até é difícil de tolerar, até. A questão de consumismo, essas coisas, o pessoal chuta o balde de forma geral. (E02)

Problematização semelhante é abordada pelo participante E12, que alerta para a responsabilidade dos produtores rurais em relação ao meio ambiente.

Se tu vai olhar bem, parcela da vegetação, dos animais silvestres, da natureza, tá (sic) na mão desse agricultor, desse produtor. Então, tu tem que não só valoriza-lo como estimula-lo a ser cada vez mais responsável com os recursos naturais, porque quem tá na cidade, a vida dele, na cidade, vai depender, exatamente, dessa, de pessoas que se interessem em preservar e produzir de uma forma... porque não adianta nada produzir milhões e milhões de toneladas. O Brasil volta e meia produz e volta porque é tão alto o índice de venenos em soja, em frutas. (E12)

Quando perguntados sobre os principais desafios do lugar que escolheram para viver e/ou morar no ambiente rural, muitos citaram a dificuldade de conseguir mão de obra. “*Pra mim, um problema muito grande, é conseguir mão de obra pra trabalhar no sítio. Porque às vezes eu preciso de alguém pra ajudar e não consigo. É o principal problema*” (E03).

Na sequência, às vezes permeando a questão da mão de obra, como desafio aparecem as reflexões sobre a sucessão rural. “*O que eu vejo, hoje, é a questão de sucessão, né?! Como é que hoje eu vou conseguir, quando eu tiver filhos, que eu ainda não tenho, convencer a ficar aqui, entende?!*” (E02).

Além da mão de obra e da sucessão rural, foram destacadas questões relacionadas a infraestrutura, como: estradas, iluminação pública, esgoto, transporte público, comunicação e segurança. “*O principal desafio... é tu conseguir manter as estradas em ordem, que eu acho que não tem coisa pior do que tu não saber se tu vai ou se tu consegue voltar*” (E16). “*Olha, desafio é essa nossa estrada, né, sair daqui com as coisas. Esse é um problema, a estrada. Começa a chover, tu viu. Agora, ainda tá (sic) boa, mas tu vê que já tem bastante buraco. Boa, porque ela fica pior*” (E15-A).

Em alguns momentos, estes depoimentos sobre a necessidade de melhoria das estradas, por exemplo, são acompanhados de reflexões sobre o “*desenvolvimento*” não ser tão benéfico, conforme relata E13:

A estrada... antigamente eu sempre via cheia de buraco, muitas vezes quando chove, né... Mas hoje em dia eu já vejo assim, eles me ensinaram a ver que aquilo ali... não seria um avanço ter uma estrada melhor. Porque a estrada melhor traz pessoas desconhecidas. E uma estrada de chão batido, às vezes esburacada, as pessoas evitam e aí acaba sendo aquela coisa mais monótona. Antigamente, assim, bah, (eu pensava) porque que não asfaltam, né, e eu falava assim bah...

hoje eu já te digo que isso pra mim já não seria o essencial. Até eu prefiro que fique estrada de chão, mesmo. Maior empecilho pra mim é a mão de obra. (E-13)

Essa consciência permeia também o avanço da urbanização e da especulação imobiliária nas áreas mais próximas da cidade, mudanças que podem vir acompanhadas de melhorias mas também de prejuízos. Esta percepção fica evidente na fala de E17:

Essa mistura do rural com o urbano, que fica indefinido, né... questão de transporte, aí a gente fica em dúvida se botar asfalto é melhor ou pior... Eu cheguei aqui não tinha nada. Bom, hoje não tem tratamento de esgoto. [...] O pessoal ficou com medo do boom que tava (sic) dando aqui, né. Quando a gente vê... tenho amigos que tinham criação aqui de galinhas e (quando viram) tavam (sic) nascendo uns prédios de cinco andar, quatro andares. Mas, ao mesmo tempo, a gente sabe que quando vem o asfalto, vem o esgoto também. Então... pro meu lado tem vertente, tem preocupação com a água, também, né. (E-17)

Nos lugares mais distantes, os neorrurais da RAMA citam como desafio o acesso a água, em especial no caso dos moradores que não têm poço artesianos. Habitação, educação e cultura também foram mencionadas como desafios. Por fim, questões mais subjetivas como o clima, que impacta na produção, e a falta de valorização do trabalho do agricultor.

Eu acho que o desafio continua sendo o mesmo, aqui, em Belém Velho, e talvez na maioria das regiões, que é a valorização, a falta de valorização do trabalho com agricultura, com a produção de alimentos e derivados, enfim, que é pouco reconhecido, pouco valorizado, ou mal valorizado, não sei. Que levou também a esse esvaziamento da região e acabaram vendendo áreas pra construção de condomínios, pra grandes produtores, enfim, que é geral, né, a questão do êxodo e do abandono da atividade primária. (E11-A)

Em função da formação em diversas áreas do conhecimento, os neorrurais agroecologistas da RAMA também mencionaram como desafio a capacitação técnica para superar as dificuldades que surgem no dia a dia, na rotina da propriedade rural, bem como o tempo necessário para que este aprendizado ocorra, na teoria e na prática, e, de fato, seja possível perceber o resultado.

5 REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Yo entiendo que no toda la gente de la ciudad se puede ir a vivir al campo. Pero se puede empezar a vivir de otra manera. Descolgarte del consumo, hacer más sencilla tu vida, entender lo que está pasando, comer sano y empezar a valorar otras cosas. Sobre todo, apoyar a los tantísimos neo-rurales que hay por todas partes.” (RULLI, 2017, p. 62)

Os questionamentos e críticas à agricultura hegemônica e o aprofundamento da consciência sobre a necessidade de preservar, somados à crise do modelo produtivista que se manifestou nas dimensões econômica, social e ambiental, vão ao encontro do debate sobre desenvolvimento rural sustentável, tanto em relação ao período em que emergem, a partir da década de 1980, quanto no que diz respeito às três dimensões. De acordo com os resultados da presente pesquisa, é possível compreender que os neorrurais agroecologistas da RAMA são uma espécie de desdobramento ou continuidade deste contexto, já que iniciaram o fluxo do urbano para o rural na década de 1990. Estes atores sociais e suas motivações para migrar da cidade para o campo sinalizam uma alternativa de caminho a ser percorrido na desconstrução da agricultura dominante. Ao fazerem esta escolha, demonstram que é possível colocar em prática um projeto que tem como pano de fundo uma genuína tentativa de mudança. São, portanto, um contraponto aos padrões produtivos.

É verdade que as transformações vislumbradas pelos neorrurais agroecologistas da RAMA ocorrem em uma escala ínfima se comparadas às práticas dominantes. Mas é uma iniciativa que precisa ser reconhecida e valorizada por consistir em um pontapé inicial e por ser uma das possibilidades de ponto de partida. Alterar o padrão agrícola atual é uma tarefa complexa, sobretudo se a expectativa de mudança recair sobre os agricultores ditos “convencionais” que, em geral, possuem ideologias e hábitos mais conservadores na forma de trabalhar com a terra e, conseqüentemente, de se relacionar com a natureza.

Neste sentido, pode-se avaliar que as práticas dos neorrurais agroecologistas da RAMA contribuem para a construção de uma agricultura socialmente justa, economicamente viável e ecologicamente sustentável, corroborando o pensamento de Leff (2002). Ainda na perspectiva deste autor, também é possível constatar que os participantes deste estudo priorizam uma racionalidade produtiva capaz de fomentar o desenvolvimento sustentável. Ao observar os resultados obtidos nesta pesquisa, é possível verificar que os novos habitantes do campo fazem parte do grupo de atores sociais estratégicos conscientes dos

impactos sociais e ambientais da agricultura chamada de convencional, conforme Costa (*et al.* 2015). Estas duas perspectivas permitem perceber uma relação de proximidade dos participantes desta pesquisa com o desenvolvimento rural sustentável.

Os dados produzidos neste estudo mostram que neorrurais agroecologistas da RAMA são pessoas das mais variadas faixas-etárias, com nível superior e que estão em busca de qualidade de vida. A maioria dos novos habitantes do campo participantes desta pesquisa tem a posse da terra, característica esta que, juntamente com outros dados socioeconômicos levantados, indica que são de classe média – esta informação vai ao encontro do que mostra a classificação das motivações nas três dimensões, já que a dimensão econômica mostrou-se a menos relevante. Estes e outros resultados que integram o perfil dos neorrurais da RAMA e das propriedades, nas duas primeiras partes do capítulo 4, respondem ao primeiro objetivo específico desta investigação, que era descrever o perfil socioeconômico dos participantes e das respectivas unidades de produção.

Na etapa da escala das motivações, este estudo mostra que o retorno econômico não é um fator preponderante para estes atores sociais, sendo mais relevantes as questões ambientais e sociais. Entre as 16 motivações relacionadas *a priori* para elaboração do *ranking* nas três dimensões, as quatro primeiras são da dimensão ambiental. Os neorrurais agroecologistas da RAMA buscam, em primeiro lugar, por mais saúde, bem-estar e qualidade de vida. Mas também querem ter a possibilidade de cultivar o próprio alimento, buscam pela sensação de tranquilidade, descanso, paisagem e ar puro, e querem ter maior contato e/ou conexão com a natureza. O resultado obtido por meio da classificação das motivações manifesta, ainda, um alinhamento dos ideais neorrurais com as três dimensões do desenvolvimento sustentável de Sachs, respondendo, desta forma, ao segundo objetivo específico da presente investigação.

Na terceira parte dos resultados, que consistiu na análise das entrevistas semiestruturadas, com destaque de relatos que dialogam com as dimensões ambiental, social e econômica, foi possível constatar que as memórias também estão entre as motivações. Enquanto alguns neorrurais agroecologistas da RAMA têm familiares agricultores, em gerações mais próximas ou mais distantes, outros carregam consigo lembranças de uma infância vivida no interior, em contato com a natureza. Este cenário é descrito com afeto e nostalgia, manifestando o desejo que alguns neorrurais têm de retomar estas condições. Estes depoimentos possibilitaram responder ao terceiro objetivo específico desta pesquisa, que era analisar as motivações expressas por meio das falas nas entrevistas.

Para além dos objetivos traçados inicialmente, a busca de espaços fora do capitalismo por meio da constituição de uma rede é uma prática percebida entre os participantes desta pesquisa, conforme sugerem Calvário e Otero (2016), e que merece ser destacada. Esta ação em rede é estimulada pela RAMA, enquanto associação agroecológica que promove a união e a integração dos produtores e produtoras, entre outros princípios e valores descritos na metodologia. E este efeito se estende à atuação dos neorrurais agroecologistas da RAMA. Entretanto, o desafio é difundir estas práticas no espaço rural, além de expandir esta atuação e ampliar os efeitos positivos de uma agricultura orgânica e agroecológica para o transformar o modelo agroalimentar, contribuindo para a transição.

Também é necessário pontuar o rural idílico que permeia o pensamento dos indivíduos de origem urbana que se deslocam para o campo, conforme abordado na revisão teórica. Embora ele esteja presente entre os participantes desta pesquisa, pode-se concluir que este imaginário sempre esteve acompanhado de objetivos e práticas consistentes que têm viabilizado a permanência dos neorrurais agroecologistas da RAMA no rural. Um dos resultados que aponta para esta evidência é o período em que ocorreram as transições da cidade para o campo. Metade dos participantes migrou na última década, enquanto a outra metade se deslocou nas duas décadas anteriores, entre os anos 1990 e os anos 2000. Este dado demonstra que são indivíduos urbanos que conseguiram se estabelecer no rural e consolidar seus projetos de vida.

Como resultado, emerge ainda uma nova realidade que precisa ser considerada: a procura pela atividade da agricultura enquanto profissão. Ao serem questionados sobre como se denominam atualmente, a maioria dos neorrurais agroecologistas da RAMA respondeu variações dos termos agricultor ou produtor agroecológico – mesmo aqueles que trabalharam e se aposentaram em outras profissões. Este resultado confirma a percepção de Giuliani (1997), que apontou que os neorrurais desenvolvem uma vocação para a atividade rural.

Outro dado que dialoga com esta realidade é o expressivo número de neorrurais associados à RAMA. Das 46 unidades de produção certificadas pela associação, 21 ou 45% são de neorrurais. Neste contexto, um resultado subjetivo desta pesquisa que merece destaque é a confirmação de um fenômeno que, em mais de uma ocasião, teve a sua existência questionada quando este estudo ainda era um projeto de pesquisa.

Nesta perspectiva, conclui-se que o debate sobre o desenvolvimento rural e a sustentabilidade passa pelos neorrurais enquanto atores que podem contribuir para que o campo seja um espaço que concilie produção agrícola e preservação da natureza. No entanto,

para que esta atuação seja ampliada e possa ecoar, são necessárias políticas públicas de incentivo à migração urbano-rural, como ocorre em alguns países da Europa, bem como retomar as políticas públicas de estímulo à produção orgânica e agroecológica para incentivar projetos com ideais neorrurais. Estas iniciativas passam, também, pela retomada da extensão rural com foco em sistemas de produção mais sustentáveis, como já ocorreu em um passado recente, bem como pela educação, com a inclusão de conteúdos que despertem precocemente o interesse pelo desenvolvimento rural nos currículos das escolas.

A partir das reflexões apresentadas, considera-se que foi respondido o objetivo geral desta dissertação, que era investigar quem são e o que motiva os neorrurais agroecologistas da RAMA na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável. Ao retomar as pretensões iniciais deste estudo, é possível avaliar que a combinação das técnicas de pesquisa utilizadas e apresentadas na metodologia foram adequadas para responder aos objetivos desta pesquisa. Por fim, um resultado obtido como consequência desta investigação foi a oportunidade de compartilhar histórias que poderão inspirar outras pessoas a refletirem sobre a possibilidade de mudar o rumo das coisas, seja no modo de produzir ou mesmo nas escolhas feitas no dia a dia, no campo ou na cidade, conforme sugere Rulli (2017) na epígrafe deste capítulo.

Para além do alcance pretendido, pode-se constatar que os neorrurais agroecologistas da RAMA podem contribuir para a revalorização do rural como espaço alternativo de vida onde é possível encontrar uma espécie de refúgio da cidade. Este fenômeno vai ao encontro do que já ocorre em outros países, conforme abordado na revisão teórica. Importante ressaltar que esta visão do rural como um lugar melhor que o urbano é um recorte de uma realidade que diz respeito à percepção dos participantes desta pesquisa. Contudo, ao serem questionados sobre os desafios de viver no rural, os entrevistados reconhecem os problemas e dificuldades, dados apresentados na parte final das análises das falas. Este resultado é, portanto, um fragmento de uma realidade que não deve ser generalizada.

Neste contexto, é necessário pontuar, ainda, os limites deste estudo. Deixar a cidade, migrar para o campo e tornar-se um neorrural está longe de ser uma solução definitiva para os problemas vivenciados nos espaços urbanos e, tampouco, para o desenvolvimento rural. Para citar apenas alguns exemplos, o neorruralismo tem impacto limitado no que diz respeito à homogeneidade das paisagens e não é capaz de, por si só, vencer o capitalismo. Isto porque não é viável pensar uma sociedade em que todas as pessoas desejem fazer este movimento em direção ao rural. É preciso pensar em alternativas para fomentar o planejamento urbano,

e isto também passa por políticas públicas que considerem dados como o deste estudo, que indicam a ausência de qualidade de vida no ambiente urbano.

Por fim, esta pesquisa mostra que o fenômeno neorrural pode ajudar a compreender as sociedades rurais em sua diversidade e mutabilidade, pois expressa as singularidades que fazem parte do meio rural contemporâneo, indo ao encontro das reflexões do autor colombiano Méndez Sastoque (2012). Apesar de serem uma categoria com uma identidade em construção, os neorrurais agroecologistas da RAMA são atores sociais que conseguiram ressignificar o espaço rural, que passa a ser percebido como um bom lugar para trabalhar e para viver, uma visão que se opõe à percepção de antigamente, sendo um revelar de um renascimento rural na região metropolitana de Porto Alegre.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. Desenvolvimento sustentável: qual a estratégia para o Brasil? **Revista Novos Estudos**, São Paulo, n. 87, p. 97-113, jul. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n87/a06n87.pdf> Acesso em: 31 jan. 2019.
- ALMEIDA, J. Da ideologia do progresso à ideia de desenvolvimento (rural) sustentável. *In*: ALMEIDA, J.; NAVARRO, Z. (org.). **Reconstruindo a agricultura: ideias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-55.
- ALTIERI, M. A. Breve reseña sobre los orígenes y evolución de la Agroecología en América Latina. **Revista Agroecología**, Murcia, v. 10, n. 2, p. 7–8, 2015. Disponível em: <https://revistas.um.es/agroecologia/article/view/300771/216191> Acesso em: 12 ago. 2019.
- ASSIS, R. L. Desenvolvimento rural sustentável no Brasil: perspectivas a partir da integração de ações públicas e privadas com base na agroecologia. **Economia Aplicada**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 1, p. 75-89, jan./mar. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-80502006000100005> Acesso em: 12 ago. 2019.
- ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DA REDE AGROECOLÓGICA METROPOLITANA – RAMA. **Carta dos agricultores e das agricultoras da RAMA sobre a importância da valorização das sementes próprias para a agricultura**. Porto Alegre, 2017.
- ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DA REDE AGROECOLÓGICA METROPOLITANA – RAMA. **Estatuto da Associação dos Produtores da Rede Agroecológica Metropolitana**. Porto Alegre, 2014.
- ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DA REDE AGROECOLÓGICA METROPOLITANA – RAMA. **Manual de Procedimentos do Sistema Participativo de Garantia da Conformidade Orgânica da Associação dos Produtores da Rede Agroecológica Metropolitana - RAMA**. Porto Alegre, 2015b.
- ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DA REDE AGROECOLÓGICA METROPOLITANA – RAMA. **Regimento Interno da Associação dos Produtores da Rede Agroecológica Metropolitana**. Porto Alegre, 2015a.
- BARBIERI, C. An importance-performance analysis of the motivations behind agritourism and other farm enterprise developments in Canadá. **Journal of Rural and Community Development**, Columbia, v. 5, n. 1, p. 1-20, 2010. Disponível em: <https://journals.brandonu.ca/jrcd/article/view/352/84> Acesso em: 20 fev. 2019.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente – MMA. **Áreas Protegidas**. [20--?]. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/areas-protegidas/acoes-e-iniciativas/gestao-territorial-para-a-conservacao/corredores-ecologicos> Acesso em: 15 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Agricultura – MAPA. **Certificadoras**. (2019b). Disponível em: http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/organicos/arquivos-organicos/copy13_of_ENDEREOSDECERTIFICADORASEOPAC.pdf/view Acesso em: 15 set. 2019.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente – MMA. **Corredores Ecológicos**. [2006?]. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/areas-protegidas/instrumentos-de-gestao/corredores-ecologicos> Acesso em: 15 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Agricultura – MAPA. **Em 7 anos, triplica o número de produtores orgânicos cadastrados no ministério**. Brasília, 1º de abril de 2019. 2019a. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/noticias/em-sete-anos-triplica-o-numero-de-produtores-organicos-cadastrados-no-mapa> Acesso em: 21 ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Agricultura – MAPA. **Instrução Normativa conjunta nº 17, de 28 de maio de 2009**. Brasília, 2017a. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/organicos/legislacao/portugues/instrucao-normativa-conjunta-mapa-mma-no-17-de-28-de-maio-de-2009-extrativismo-sustentavel-organico.pdf/view> Acesso em: 15/09/2019.

BRASIL. Ministério da Agricultura – MAPA. **Instrução Normativa conjunta nº 18, de 28 de maio de 2009**. Brasília, 2017b. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/organicos/legislacao/portugues/instrucao-normativa-no-18-de-28-de-maio-de-2009-alterada-pela-in-no-24-11-processamento.pdf/view> Acesso em: 15/09/2019.

BRASIL. Ministério da Agricultura – MAPA. **Instrução Normativa nº 19, de 28 de maio de 2009**. Brasília, 2017c. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/organicos/legislacao/portugues/instrucao-normativa-no-19-de-28-de-maio-de-2009-mecanismos-de-controle-e-formas-de-organizacao.pdf/view> Acesso em: 15/09/2019.

BRAUN, V. CLARKE, V. Usando análise temática em psicologia. **Journal Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3563462/mod_resource/content/1/Braun%20e%20Clarke%20-%20Traducao_do_artigo_Using_thematic_analys.pdf. Acesso em: 11 nov. 2019.

BROWN, D. L.; SCHAFFT, K. A. **Rural People and Communities in the 21st Century: Resilience and Transformation**. Malden: Polity Press, 2011.

CALHEIROS, A.; DUQUE, E. J. A contraurbanização: paisagem e humanidade. *In*: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 7., 2012, Porto. **Anais** [...]. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 2012.

CALVÁRIO, R.; OTERO, I. Neorrurais. *In*: D'ALISA, G.; DEMARIA, F.; KALLIS, G. (org.). **Decrescimento**: vocabulário para um novo mundo. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2016. p. 237-240.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova Extensão Rural. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.1, n.1, p.16-37, jan./mar. 2000.

CARNEIRO, M. J. Ruralidade: novas identidades em construção. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 53-75, out. 1998 a mar. 1999. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/135/131> Acesso em: 12 nov. 2018.

CAVACO, C. Os espaços rurais como espaços de vida: mobilidades residenciais e novas formas de habitar. In: BAPTISTA, F. O.; JACINTO, R.; MENDES, T. (coord.). **Os territórios de baixa densidade em tempos de mudança**. Proença-a-Nova: Centro de Ciência Viva da Floresta, 2009. p.39-72

CODONHO, C. G. A produção orgânica como promotora de novas ruralidades? Reflexões sobre associações de produtores (Neorrurais) do Sul de Minas Gerais. **Ruris - Revista do Centro de Estudos Rurais**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 181-207, set. 2015. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ruris/article/view/2301/1692> Acesso em: 13 nov. 2019.

COSTA, M. B. B. *et al.* Agroecologia no Brasil: 1970 a 2015. **Revista Agroecología**, Murcia, v. 10, n. 2, p.63-75, 2015. Disponível em: <https://revistas.um.es/agroecologia/article/view/300831> Acesso em: 12 ago. 2019.

CRUZ, F. T. da; *et al.* Agroecologia e relações de proximidade entre produtores e consumidores: a experiência dos Produtores da Rede Agroecológica Metropolitana (RAMA), Rio Grande do Sul. In: CRUZ, F. T. da; MATTE, A.; e SCHNEIDER, S. (org.). **Produção, Consumo e Abastecimento de Alimentos: desafios e novas estratégias**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. v. 1, p. 215-224.

DEL GROSSI, M. E.; GRAZIANO DA SILVA, J.; CAMPANHOLA, C. O fim do êxodo rural? **Revista Espaço e Geografia**, Brasília, DF, v. 4, n. 1, p. 37-56, 2001. Disponível em: http://www.iapar.br/arquivos/File/zip_pdf/Ase/f_exodorural.pdf Acesso em: 02 abr. 2019.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, Curitiba, n.24, pp.213-225, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.357> Acesso em: 28 dez. 2019.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE AGRICULTURA ORGÂNICA – IFOAM. **The world of organic agriculture: statistics & emerging trends**. 2019. Disponível em: <https://shop.fibl.org/CHen/mwdownloads/download/link/id/1202/?ref=1> Acesso em: 24 ago. 2019.

FEIDEN, A. Agroecologia: Introdução e Conceitos. In: AQUINO, A. M. de; ASSIS, R. L. de. (ed.). **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; Seropédica: Embrapa Agrobiologia, 2005. Cap. 2, p. 49-70.

GERHARDT, T. *et al.* Unidade 4: estrutura do projeto de pesquisa. GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2009. (Série Educação à Distância). p. 65-88.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1999.

GIULIANI, G. M. A profissionalização dos produtores rurais e a questão ambiental. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 102-126, out. 1997. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/117/113> Acesso em: 29 jan. 2020.

GIULIANI, G. M. Neoruralismo: o novo estilo dos velhos modelos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 14, não paginado, out. 1990. Disponível em: http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/14/rbcs14_05.pdf Acesso em: 30 dez. 2019.

GONÇALVES, R. C.; LISBOA, K. L. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 10, p. 83-92, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-49802007000300009&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 19 abr. 2019.

GUZMÁN, E. S. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. *In*: AQUINO, A. M. de; ASSIS, R. L. de. (ed.). **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; Seropédica: Embrapa Agrobiologia, 2005. Cap. 4, p. 101-132

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Agropecuário 2017: resultados preliminares: Tabela 6710**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6710> Acesso em: 09 out. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do Brasil: uma primeira aproximação**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100643.pdf> Acesso em: 27 dez. 2019.

JESUS, E. L. de. Diferentes Abordagens de Agricultura Não-Convencional: História e Filosofia. *In*: AQUINO, A. M. de; ASSIS, R. L. de. (ed.). **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; Seropédica: Embrapa Agrobiologia, 2005. Cap. 1, p. 21-48.

KAGEYAMA, A. **Desenvolvimento rural: conceitos e aplicações ao caso brasileiro**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental. *In*: **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v. 3. n. 1, p. 36-51, jan./mar. 2002. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/site/sistemas/administracao/tmp/958934218.pdf> Acesso em: 10 ago. 2019.

LUCIAN, R.; DORNELAS, J. S. Mensuração de Atitude: Proposição de um Protocolo de Elaboração de Escalas. **Revista de Administração Contemporânea – Anpad**, Rio de Janeiro, v. 19, 2. ed. especial, art. 3, pp. 157-177, ago. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v19nspe2/1982-7849-rac-19-spe2-0157.pdf> Acesso em: 19 fev. 2019.

MAIA, A. G.; BUAINAIN, A. M. O novo mapa da população rural brasileira. **Confins - Revista Franco-Brasileira de Geografia**, Paris, n. 25, p. 1-26, 2015. Acesso em: 02 abr. 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/10548>

MENDEZ SASTOQUE, M. J. El neorruralismo como práctica configurante de dinámicas sociales alternativas: un estudio de caso. **Revista Luna Azul**, Caldas, n. 34, p. 113-130, enero-junio 2012. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/luaz/n34/n34a08.pdf> Acesso em: 13 nov. 2019.

MENDEZ SASTOQUE, M. J. Una tipología de los nuevos habitantes del campo: aportes para el estudio del fenómeno neorrural a partir del caso de Manizales, Colombia. **Revista de Economía e Sociología Rural**. Piracicaba, v. 51, n. suppl. 1, p. S31-S48, dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/resr/v51s1/02.pdf> Acesso em: 16 nov. 2018.

MINAYO, M. C. S. Amostragem e Saturação em Pesquisa Qualitativa: Consensos e Controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo, v. 5, n. 7, p. 01-12, abr. 2017. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4111455/mod_resource/content/1/Minayosaturacao.pdf Acesso em: 26 dez. 2019.

MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Revista Ciência & Saúde Coletiva** [online]. Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n3/v17n3a07.pdf> Acesso em: 12 nov. 2018.

MINGIONE, E.; PUGLIESE, E. A Dificil delimitação do “urbano” e do “rural”: alguns exemplos e implicações teóricas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Lisboa, n. 22, p. 83-99, abr. 1987.

MOREIRA, R. M.; CARMO, M. S. do. Agroecologia na Construção do Desenvolvimento Rural Sustentável. **Revista Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 37-56, jul. dez. 2004. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/out/publicacoes/pdf/asp-2-04-4.pdf> Acesso em: 12 ago. 2019.

MORILLO, M. J.; PABLOS, J. C. La "autenticidad" neorrural, a la luz de "El sistema de los objetos" de Baudrillard. **Reis - Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, Madri, n. 153, p. 95-110, jan. mar. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5477/cis/reis.153.95> Acesso em: 30/12/2019

NØRGAARD, H.; ANDERSEN, H. S. Motives for moving to rural, peripheral areas – work, “rural idyll” or “income transfer”. **Geoforum Perspektiv**, Copenhage, n. 22, p. 32-44, 2012. Disponível em: <https://journals.aau.dk/index.php/gfp/article/view/461/380> Acesso em: 20 fev. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA – FAO. **Desenvolvimento Rural Sustentável: uma visão territorial.** Luanda, 2012. Disponível em: <http://www.fao.org/3/aq096pt/aq096pt.pdf> Acesso em: 12 ago. 2019.

PAZ, S. P. **Neo-rurais agroecológicos e desenvolvimento rural sustentável em Santo Antônio da Patrulha/RS.** 2017. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/180315/001066848.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 24 dez. 2019.

PORTO ALEGRE. PREFEITURA MUNICIPAL - PMPA. **Observando Bairro – Breve análise sobre os bairros de Porto Alegre - Lami.** [2017?]. Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/bairro_lami_oficial.pdf Acesso em: 15 abr. 2020.

PORTO ALEGRE. PREFEITURA MUNICIPAL - PMPA. **ObservaPOA.** [2019]. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/observatorio/default.php?p_sistema=S&p_bairro=134 Acesso em: 15 abr. 2020

PORTO ALEGRE. SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE E DA SUSTENTABILIDADE – SMAMS. **Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger.** [2014?]. Disponível em: https://www2.portoalegre.rs.gov.br/smam/default.php?p_secao=341 Acesso em: 15 abr. 2020.

QUIRÓS, J. Irse al campo – Preguntas para uma migración urbana [Versión original del manuscrito publicado con el título “La clase media vuelve al campo” por Le Monde Diplomatique, Edición Cono Sur, Nro. 178, Abril 2014]. In: MARQUEZ, J. (comp.) **Soy neo-rural – surfeando entre la política new age y el anarko-esoterismo.** 2. ed. Mallín Ahogado: Ermosa Enajenada, 2017. p. 15-50. Disponível em: <https://blognooficial.wordpress.com/2017/07/01/libro-soy-neo-rural-surfeando-entre-la-politica-new-age-y-el-anarko-esoterismo> Acesso em: 30 dez. 2019.

RATIER, H. Rural, ruralidade, nueva ruralidade y contraurbanización. Um estado de la cuestión. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 31, p. 09-29, abr. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/25175/22145> Acesso em: 30 dez. 2019.

RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE E INFRAESTRUTURA DO RIO GRANDE DO SUL – SEMA. **Corredores Ecológicos.** [2020?]. Disponível em: <https://www.sema.rs.gov.br/corredores-ecologicos-5b7b179ee9579> Acesso em: 15 abr. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E TURISMO DO RIO GRANDE DO SUL. **Parque Estadual de Itapuã.** [2002?]. Disponível

em: <https://www.turismo.rs.gov.br/atrativo/2251/parque-estadual-de-itapua> Acesso em: 15 abr. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE E INFRAESTRUTURA DO RIO GRANDE DO SUL – SEMA. **Parque Estadual de Itapuã**. [20--?]. Disponível em: <https://www.sema.rs.gov.br/parque-estadual-de-itapua> Acesso em: 15 abr. 2020.

RULLI, J. La propuesta no es simplemente criar gallinas y hacer una huerta [Entrevista publicada el 21/09/2012 en la web de la Revista Underground]. *In*: MARQUEZ, J. (comp.) **Soy neo-rural – surfeando entre la política new age y el anarko-esoterismo**. 2. ed. Mallín Ahogado: Ermosa Enajenada, 2017. p. 53-78. Disponível em: <https://blognooficial.wordpress.com/2017/07/01/libro-soy-neo-rural-surfeando-entre-la-politica-new-age-y-el-anarko-esoterismo> Acesso em: 30 dez. 2019.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SACHS, I. **Desenvolvimento incluyente, sustentável sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SANTOS, M. A organização interna das cidades: a cidade caótica. *In*: SANTOS, M. A **Urbanização Brasileira**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993. p. 95-97.

SILIPRANDI, E. A agroecologia e o protagonismo das agricultoras e dos agricultores. *In*: SILIPRANDI, E. **Mulheres e Agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. p. 81-109.

SILVA, G. **O imaginário rural do leitor urbano: o sonho mítico da casa no campo**. *Revista Brazilian Journalism Research*, v. 5, n. 1, não paginado, 2009. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/200/199> Acesso em: 24 set. 2018.

SINGER, P. **Economia política da urbanização**. São Paulo; Contexto, 2012.

SOUZA, L. K. de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, maio/ago. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v71n2/05.pdf> Acesso em: 05 jan. 2020.

TORRE, A.; WALLET, F. **Regional Development in Rural Areas: Analytical tools and Public policies**. Saclay: Springer, 2016.

UM LUGAR (preservado) de Porto Alegre: a Reserva Biológica do Lami. **Sul21**, Porto Alegre, dez. 2011. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/noticias/2011/12/um-lugar-preservado-de-porto-alegre-a-reserva-ecologica-do-lami/> Acesso em: 15 abr. 2020.

VARGAS, Y. T. **Os neo-rurais: capital humano estratégico de mudanças**. 2002. Dissertação (Mestrado em Administração) - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rio de Janeiro, 2002. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/16956/Os%20neo-rurais.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 24 set. 2018.

VEIGA, J. E. da. **Cidades Imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

VEIGA, J. E. **Desenvolvimento sustentável**: o desafio do século. XX. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural como espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

WANDERLEY, M. N. B. Resenha do livro *Cidades Imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula*, de VEIGA, J. E. da. **Cahiers du Brésil Contemporain**, Paris, n. 51/52, p. 293-297, 2003. Disponível em: <http://www.zeeli.pro.br/?p=3819> Acesso em: 27 dez. 2019.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado(a) provisoriamente de NEORRURAI AGROECOLOGISTAS E A PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL: O CASO DOS PRODUTORES AGROECOLÓGICOS DA RAMA desenvolvida(o) pela jornalista BRUNA KARPINSKI, mestranda do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada pelo professor DANIELA KUHN, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº 51 99678.6063 ou e-mail daniela.kuhn@ufrgs.br. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é ESTABELECE A RELAÇÃO ENTRE OS NEORRURAI AGROECOLOGISTAS E O DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semiestruturada que será gravada com consentimento, bem como formulário, escala Likert, diário de campo, observação e fotografia. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e/ou seu orientador. Fui ainda informado(a) de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da CONEP.

Rio Grande do Sul, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Assinatura do(a) testemunha(a): _____

APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE PESQUISA

BLOCO 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

| | | |
|-----------------------------|------------------------|-----------------------|
| Data: | Nome do entrevistador: | Local da entrevista: |
| | | |
| Município do Neorrural: | | Número da entrevista: |
| () Porto Alegre () Viamão | | |

BLOCO 2 – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Qual o motivo que fez o senhor (a) sair de onde morava?
2. Por que se decidiu por esta e não por outra localidade?
3. Como o senhor descreveria este lugar?
4. Quais são as suas principais atividades hoje?
5. O senhor ou a sua família se integrou à comunidade?
6. Como ocorreu o processo de integração na localidade?
7. Além da Rama, o senhor participa de alguma atividade ou associação comunitária?
8. Que tipo de troca o senhor estabelece com as pessoas daqui?
9. O senhor considera ter alguma coisa em comum com o pessoal que mora aqui?
10. Quais são, em sua opinião, os principais desafios daqui?

BLOCO 3 – PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS FAMÍLIAS DOS NEORRURAIS

| Nome de referência | | Grau de parentesco com o responsável | Gênero | Idade | Escolaridade |
|--------------------|--|--------------------------------------|--------|-------|--------------|
| 1 | | Responsável | | | |
| 2 | | | | | |
| 3 | | | | | |
| 4 | | | | | |
| 5 | | | | | |
| 6 | | | | | |
| 7 | | | | | |
| 8 | | | | | |
| 9 | | | | | |
| 10 | | | | | |

BLOCO 4 – PERFIL DO NEORRURAL (INDIVÍDUO SOLTEIRO OU CASAL) – DADOS COMPLEMENTARES

| | | | |
|--|--|--|--|
| Nome completo: | | Nome completo: | |
| Naturalidade: | | Naturalidade: | |
| Curso de nível superior: | | Curso de nível superior: | |
| Pós e/ou especialização: | | Pós e/ou especialização: | |
| Profissão/Ocupação anterior: | | Profissão/Ocupação anterior: | |
| Renda mensal anterior: () Familiar () Individual | | Renda mensal anterior: () Familiar () Individual | |
| () S/ renda () Até 1 SM () + 1SM até 2SM () +2SM até 3SM () +3SM até 4SM () +4SM até 5SM () +5SM | | () S/ renda () Até 1 SM () + 1SM até 2SM () +2SM até 3SM () +3SM até 4SM () +4SM até 5SM () +5SM | |
| Carteira assinada: | () Não () Sim () Contr. autônomo | Carteira assinada: | () Não () Sim () Contr. autônomo |
| Aposentado: | () Não () Sim – Há quanto tempo? | Aposentado: | () Não () Sim – Há quanto tempo? |
| Transição urbano-rural: | Ocorreu em que data? | Transição urbano-rural: | Ocorreu em que data? |
| Município de origem: | | Município de origem: | |
| Moradia atual: | () própria () da família () alugada | Moradia atual: | () própria () da família () alugada |
| Profissão/Ocupação atual - como você se denomina? | | Profissão/Ocupação atual - como você se denomina? | |
| Renda mensal atual: () Familiar () Individual | | Renda mensal atual: () Familiar () Individual | |
| () S/ renda () Até 1 SM () + 1SM até 2SM () +2SM até 3SM () +3SM até 4SM () +4SM até 5SM () +5SM | | () S/ renda () Até 1 SM () + 1SM até 2SM () +2SM até 3SM () +3SM até 4SM () +4SM até 5SM () +5SM | |
| Ocupação/renda secundária: | | Ocupação/renda secundária: | |
| Tem parentes agricultores? | () Não () Sim – Quem? | Tem parentes agricultores? | () Não () Sim – Quem? |
| Migração anterior/campo > | () Não () Sim | Migração anterior/campo > cidade | () Não () Sim |
| Data e locais: | | Data e locais: | |
| Motivo: | () trabalhar () estudar () outro | Motivo: | () trabalhar () estudar () outro |

BLOCO 5 – PERFIL DA ATIVIDADE EXISTENTE NA PROPRIEDADE RURAL

| | |
|--|---|
| Tamanho da área total em hectares: | _____ hectares |
| Condição do produtor: | () proprietário () herdeiro () arrendatário () posseiro () meeiro |
| Realiza atividade agrícola? | () Sim () Não |
| Tamanho da área plantada: | _____ hectares |
| Tipos de atividades agrícolas em ordem de importância: | |
| Produção orgânica ou agroecológica: | () Sim, orgânica () Sim, agroecológica () Não |
| Destino da produção: | () só comercialização () só autoconsumo () comercialização e autoconsumo () comercialização, industrialização e autoconsumo |
| Outras atividades: | () turismo rural () pequena agroindústria () pequeno artesanato () outra – qual? |

BLOCO 6 – ROTEIRO DA ESCALA LIKERT

1. Quanto às principais motivações que levaram você a deixar a moradia e/ou o trabalho na cidade de origem para viver e/ou trabalhar no campo/rural, você poderia classificar as razões abaixo, em uma escala de 1 a 5, de acordo com a sua relevância? Os valores representam, respectivamente: 1, para não relevante; 2, para pouco relevante; 3, para neutro; 4, para relevante; e 5, para muito relevante.

Escala das motivações para deixar a vida urbana e ir para o rural

| Econômica | |
|---|-------------------------------|
| 1) Buscar alternativas de emprego/ ocupação no rural | 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () |
| 2) Procura por habitação mais barata no rural | 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () |
| 3) Possibilidade de renda adicional / oportunidade econômica | 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () |
| Luta contra a dinâmica capitalista | |
| 4) Fuga da pobreza | 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () |
| Ambiental | |
| 5) Busca por mais saúde, bem-estar e qualidade de vida | 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () |
| 6) Possibilidade de cultivar o próprio alimento para ter uma alimentação saudável | 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () |
| 7) Busca pela sensação de tranquilidade, descanso, paisagem e ar puro | 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () |
| 8) Procura por maior contato e/ou conexão com a natureza | 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () |
| 9) Possibilidade de contribuir com a preservação do meio ambiente | 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () |
| 10) Fuga da urbanização, trânsito, vida agitada e violência | 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () |
| Sociais | |
| 11) Busca por valores como liberdade e simplicidade de vida | 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () |
| 12) Procura por mais tempo para si e/ou autonomia | 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () |
| 13) Construir formas alternativas de relações sociais no campo | 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () |
| 14) Fazer transformações e inovações sociais no rural | 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () |
| 15) Busca por um projeto de vida ou realização pessoal no rural | 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () |
| 16) Ter um hobby (aposentados) no rural | 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () |

Fonte: elaborado pela autora (2019) com base em Mendez Sastoque (2013) e Nørgaard & Andersen (2012)

1. Além das motivações listadas acima, você teve outras motivações que não foram mencionadas anteriormente, para viver e/ou trabalhar no campo?

(Entrevistado nº _____)